



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA CULTURAL**

**FONTE DE MEMÓRIAS: SÍTIO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO FONTE DA
CARIOCA**

**GOIÂNIA
2014**

CRISTIANE LORIZA DANTAS

**FONTE DE MEMÓRIAS: SÍTIO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO FONTE DA
CARIOCA**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Acadêmico em História Cultural do programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Eduardo Quadro Gusmão

**GOIÂNIA
2014**

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

D192f Dantas, Cristiane Loriza.
Fonte de Memórias [manuscrito] : sítio arqueológico
histórico Fonte da Carioca / Cristiane Loriza Dantas – Goiânia,
2014.

142 f.: il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em
História.

“Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros”.

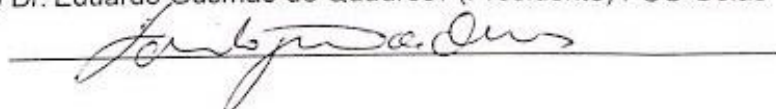
Bibliografia.

1. Fontes e chafarizes. 2. Cultura material. 3. Sítios
históricos. 4. Arqueologia. I. Título.

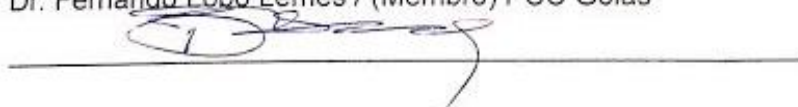
CDU 902(043)

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM HISTÓRIA DEFENDIDA EM
26 (VINTE E SEIS) DE NOVEMBRO DE 2014 (DOIS MIL E
QUATORZE) E Aprovada PELA BANCA EXAMINADORA.

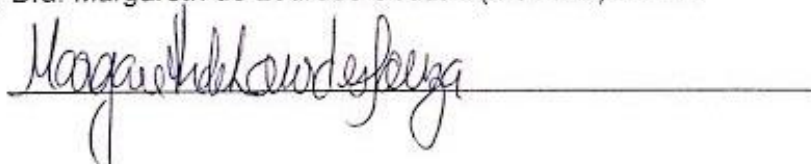
1) Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / (Presidente) PUC Goiás



2) Dr. Fernando Lobo Lemes / (Membro) PUC Goiás



3) Dra. Margareth de Lourdes Souza / (Membro) IPHAN



DEDICATÓRIA

**Dedico este trabalho a Mauricio Dantas,
Ana Loriza e Luis Armino**

AGRADECIMENTOS

Um trabalho de arqueologia não se faz com poucas mãos, assim agradeço a todas as pessoas que participaram do projeto de Monitoramento e Resgate Arqueológico da Fonte da Carioca. Agradeço a 14ª Superintendência do IPHAN, e a empresa Marsou Engenharia pela oportunidade de integrar a equipe de restauração deste bem edificado.

Agradeço a FAPEG que proporcionou a bolsa de estudos, e ao programa de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aos professores que contribuíram de forma especial nesta etapa de formação e em especial ao meu orientador Eduardo Gusmão.

Gostaria de agradecer a equipe de trabalho Vestígio Arqueologia e Meio Ambiente, pelo apoio neste momento em que se faz necessário algumas ausências em especial a Fernanda e Jamária. Agradeço a amiga e companheira de trabalho neste projeto Ariana Braga.

Um muito obrigada a minha família, mãe, pai, Mauricio, Rafael, Ana Loriza e Kelly. A você Luis Armino agradeço de forma especial pelas contribuições desde a época da escavação, obrigada pelo companheirismo.

Resumo

O estudo da Fonte da Carioca, na cidade de Goiás, teve como objetivo primeiramente a análise dos elementos arqueológicos com a pesquisa de campo e laboratório, onde abordaram-se conceitos teóricos vinculados ao estudo da cultura material. Posteriormente à análise buscou-se compreender a formação do contexto arqueológico e nas entrelinhas perceber o processo de modificação do espaço, percebendo a forma como este local foi apropriado pelos indivíduos desde o século XVIII.

Palavras chaves: Fonte, cultura material, contexto arqueológico.

Abstract

The study of the Fonte da Carioca, in the city of Goiás, aimed primarily analysis of archaeological elements with fieldwork research and laboratory, where wich relate theoretical concepts related to the study of material culture. After the analysis we sought to understand the formation of the archaeological context and between the words to realize the process of modification of the space, realizing how this place was appropriate for individuals since the eighteenth century.

Key words: fountain, material culture, archaeological context.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gabarito de escavação	29
Figura 2: As primeiras estruturas evidenciadas	30
Figura 3: Estruturas evidenciadas na ampliação	30
Figura 4: Estruturas evidenciadas na escavação de superfície ampla	30
Figura 5: Marcação da estrutura acrescentada ao muro original da fonte	31
Figura 6: Detalhes da construção posterior	31
Figura 7: Quadriculas com calçamento	31
Figura 8: Calçamento na parte frontal da fonte	31
Figura 9: Calçamento	31
Figura 10: Canaleta de passagem de água	32
Figura 11: Vista Geral da canaleta integrada a estrutura da fonte	32
Figura 12: Gabarito de escavação	33
Figura 13: Localização do corte teste	36
Figura 14: Esquema de escavação	
Figura 15: Escavação da vala de drenagem da lateral direita	41
Figura 16: Vista geral da escavação da lateral direita	41
Figura 17: Realização de controle de estratigrafia	41
Figura 18: Estruturas identificadas	41
Figura 19: Escavação da parte frontal	42
Figura 20: Escavação da parte frontal	42
Figura 21: Vista da lateral direita e fundos	43
Figura 22: Vista da escavação dos fundos	43
Figura 23: Escavação no fundo	44
Figura 24: Escavação no fundo e parte da canaleta de passagem de água	44
Figura 25: Desenhado por Willian John Burchell 1828.	46
Figura 26: Registro das estruturas	
Figura 27: Vista geral da área de escavação	
Figura 28: Registro fotográfico do calçamento	48
Figura 29: Detalhes do calçamento	48
Figura 30: Registro fotográfico e gráfico do calçamento	49
Figura 31: Registro fotográfico e gráfico do calçamento	49
Figura 32: Registro fotográfico do calçamento	
Figura 33: Mapa de localização da fonte e componentes	56
Figura 34: Mapa dos Sertões que Compreendem de Mar a Mar entre as capitânicas de S. Paulo, Goyazes, Cuyabá, Mato Grosso e Pará". Fonte: Biblioteca Nacional Brasil. Coleção Morgado Mateus. Mapa modificado pelo autor.	60
Figura 35: Principais caminhos coloniais. Fonte Rocha, et al (2001).	61
Figura 36: Mapa de Vila Boa de Goiás no ano de 1782- Fonte: Arquivo histórico Ultramarino APUD COELHO 2013	62
Figura 37: Fonte da carioca desenhada W. Burchell em 1828	64
Figura 38: Trecho da estrada do nascente, nas proximidades da fonte da Carioca. Fonte: apud Souza 2005	64
Figura 39: Estruturas da estrada do nascente. Fonte Dantas 2012	65
Figura 40: Trecho da estrada do nascente nas proximidades da fonte da Carioca. Fonte Dantas 2012	65

Figura 41: Registro fotográfico da atividade de carregadores de água. Fonte: 1 arquivo Igreja da Boa Morte; 2 arquivo Frei Simão Dorvi (apud SIMONI 2012); 3 arquivo Igreja da Boa Morte.....	67
Figura 42: Lavadeiras no Rio Vermelho: Fonte arquivo MIS.....	68
Figura 43: Primeira Usina as margens do rio Vermelho. Fonte arquivo Marcos Antonio Veiga. Apud Souza 2005.	69
Figura 44: Poço do Bispo. Fonte acervo Joaquim Craveiro. Apud Simoni.....	
Figura 45: Área próxima a fonte da Carioca. Fonte acervo Joaquim Craveiro. Apud Simoni	
Figura 46: Corredeiras da Carioca. Fonte acervo Joaquim Craveiro. Apud Simoni.....	
Figura 47: Esquema interpretativo. Fonte Dannel 2006.....	74
Figura 48: Imagens de alguns fragmentos de faiança comum, ironstone e porcelana	77
Figura 49: fragmentos de faiança fina.....	78
Figura 50: Material Construtivo	89
Figura 51: Projétil	89
Figura 52: Projétil	89
Figura 53: Moedas referente ao Brasil Império	89
Figura 54: Moedas referente ao Brasil Império	89
Figura 55: Anel	89
Figura 56: Vasilhame Aberto Simples.....	104
Figura 57: Vasilhame Fechado Simples	104
Figura 58: Vasilhame fechado Independente	105
Figura 59: Cachimbos	107
Figura 60: Contas de Colar e adornos	126
Figura 61: Representação da ocupação do espaço. Desenho Fernando Lopes	131
Figura 62: Representação da ocupação do espaço. Desenho Fernando Lopes	132
Figura 63: Representação da ocupação do espaço. Desenho Fernando Lopes	133
Figura 64: Representação da ocupação do espaço. Desenho Fernando Lopes	134

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estruturas e grau de preservação.....	32
Tabela 2: Definição de classes e grupos.....	75
Tabela 3: Classificação da louça segundo esmalte. Fonte Tocchetto et al 2001	79
Tabela 4: Cálculo de média aritmética.....	80
Tabela 5: Aplicação da formula de datação	80
Tabela 6: Diretriz de análise da faiança fina	82
Tabela 7: Diretriz de análise do vidro.....	83
Tabela 8: Classificação da cerâmica	91
Tabela 9: Técnica de manufatura.....	92
Tabela 10: Tratamento de superfície interna	95
Tabela 11: Tratamento de superfície externa.....	96
Tabela 12: Tratamento de superfície interna – engobo	97
Tabela 13: Tratamento de superfície externa engobo.....	97
Tabela 14: Tipo de queima	99
Tabela 15: Espessura dos fragmentos.....	99
Tabela 16: Morfologia das bases.....	100
Tabela 17: Forma do lábio.....	102
Tabela 18: Espessura da borda.....	102
Tabela 19: Forma da borda	102
Tabela 20: Contorno da borda	103
Tabela 21: Referências para descrição sumária dos cachimbos	107
Tabela 22: Contas de colar	126

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Densidade de material arqueológico por nível estratigráfico	37
Gráfico 2: Distribuição do material arqueológico por tipo de pasta.....	77
Gráfico 3: distribuição quanto ao tipo de esmalte.....	79
Gráfico 4: Distribuição do material por cortes.....	84
Gráfico 5: Técnica de produção.....	84
Gráfico 6: Classificação das bases	85
Gráfico 7: classificação dos gargalos	86
Gráfico 8: Classificação das paredes	86
Gráfico 9: Dados de identificação	87
Gráfico 10: Categoria material por corte	88
Gráfico 11: Classe	91
Gráfico 12: Técnica de manufatura	93
Gráfico 13: Tratamento de superfície interno/externo	96
Gráfico 14: Espessura dos fragmentos.....	100
Gráfico 15: Morfologia das bases.....	101
Gráfico 16: Distribuição das contas de colar por corte	125
Gráfico 17: Relação de densidade e profundidade do material arqueológico	127
Gráfico 18: Densidade do material cerâmico analisado em relação à profundidade.....	129
Gráfico 19: Comparação entre os picos no corte 2.....	129

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
CAPÍTULO 1. REALIZAÇÃO DA PESQUISA	19
1.1. ESTUDO DA CULTURA MATERIAL.....	24
1.2. DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES	25
1.3. UM TEXTO A SER DECIFRADO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE ESCAVAÇÃO DA FONTE DA CARIOCA.	28
1.3.1. O corte teste.....	35
2.3.2. Escavação lateral direita.....	39
1.4. CULTURA MATERIAL- REGISTRO	45
CAPITULO 2- FONTES E CHAFARIZES: A FONTE DA CARIOCA	51
2.1. FONTES, BICAS E CHAFARIZES	51
2.2. FONTE DA CARIOCA ESPAÇO DE MEMÓRIA E HISTÓRIA.....	53
2.3. UM RIO, UM CAMINHO, UMA FONTE... E VÁRIOS LUGARES.....	57
CAPITULO 3- ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO	73
3.1. CONCEITUAÇÃO TEÓRICA	73
3.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	75
3.3. LOUÇA	76
3.3.1. Faiança Fina.....	78
3.4. VIDRO.....	83
3.5. METAL.....	87
3.6. CERÂMICA	90
3.6.1. Classe.....	90
3.6.2. Técnica de manufatura.....	92
3.6.3. Tratamento de superfície	93
3.6.4. Processo acabamento	94
3.6.5. Engobo.....	97
3.6.6. Queima	98
3.6.7. Espessura das peças	99
3.6.8. Morfologia das bordas	100
3.6.9. Tipologia dos vasilhames.....	103
3.6.10. Cachimbos	106
3.6.11. A Presença de Cariapé B na Cerâmica da Fonte da Carioca.....	123
3.7. AS CONTAS DE COLAR	125
3.8. ENTRE A ESCAVAÇÃO E ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLOGICO: AS INFERENCIAS POSSÍVEIS	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS	138

APRESENTAÇÃO

Nas margens do Rio Vermelho sempre surge uma boa roda de conversa, prosa de um povo que traz nas suas raízes a tradição de uma cidade que nasceu das lavras de mineração e que se manteve viva nas tradições que alimenta e sustenta sua *identidade*. O rio vermelho, assim como a fonte da Carioca ou da Cambaúba, já que nós vilaboenses preferimos assim, traz por meio de lendas e histórias o mito de origem do lugar, onde as lágrimas de uma índia formam as águas que cortam a cidade. Este mesmo lugar também explica a afeição que seus moradores têm por Vila Boa, pois há quem diga que *“quem bebe água da carioca vai, mas volta”*.

Trata-se de um local de extrema importância na história de formação da cidade, foi porta de entrada por meio da estrada do nascente, foi fazenda, que se transformou em fonte pública de abastecimento de água, fonte que guardou memórias, e que conta aqui histórias...

A pesquisa Fonte de Memórias: Sítio Arqueológico Histórico Fonte da Carioca foi realizada por meio do projeto de restauração promovida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN e executado pela empresa Marsou Engenharia. No final de 2011 a fonte passava por problemas de acúmulo de água no seu interior, fator que a colocava em risco, sendo necessário que a edificação passasse por restauração.

Quando uma edificação sofre intervenção é importante que a equipe envolvida no processo seja interdisciplinar, com relação a esta proposição na carta de Veneza consta a recomendação da necessidade das equipes responsáveis pelos projetos serem compostas por profissionais das mais diversas áreas e que seja proporcionado a interligação dos dados produzidos pelas pesquisas (histórica, arquitetônica e arqueológica).

Intervenções em bens edificados constitui-se numa excelente oportunidade para o campo da arqueologia, pois por meio destes processos surgem oportunidades de integrar informações provenientes das escavações arqueológicas a este, nesta perspectiva a edificação é compreendida enquanto elemento de estudo da arqueologia, sendo assim artefatos localizados nas suas imediações são integrantes dos elementos que constituem uma edificação, que é carregada de valores e significados (NAJJAR 2005).

Com base nesta prerrogativa a pesquisa arqueológica na Fonte da Carioca foi planejada para que se pudesse estabelecer discussões sobre os elementos materiais identificados integrando a vida cotidiana ao edifício. Desta forma, a escavação arqueológica não esteve restrita a atender a necessidade do projeto de restauração, ao contrário buscou por meio de metodologias específicas compreender o processo de formação do sítio arqueológico, bem como as conexões das camadas com o bem edificado.

A área onde está localizada a Fonte da Carioca se trata de um local de ocupação contínua, desta forma as camadas arqueológicas são complexas e muitas vezes de difícil compreensão, além de terem sido formadas rapidamente existem inúmeras intervenções que foram realizadas e que interferem na leitura dos estratos.

Neste caso, a constituição do contexto arqueológico é tão dinâmico quanto o estabelecimento de relações sociais ao seu redor, pois em um curto espaço de tempo as assinaturas antrópicas deixadas por um evento podem ser modificadas para que outros traços sejam gravados naquela configuração. Associados aos traços antrópicos estão os eventos de ordem natural que também dificulta a leitura das camadas de ocupação.

Diante destas dificuldades como seria possível compreender este espaço que se constituiu em lugar de tão grande importância para Vila Boa de Goiás?

Embora exista elementos complicadores para a leitura das camadas arqueológicas formadas ao longo dos séculos, pesquisas anteriores nesta área realizada por Souza (2010), colaborou de forma significativa para que a escavação fosse iniciada pautada em dados arqueológicos e históricos.

O primeiro entendimento com relação a área de implantação da edificação é que haviam informações sobre a existência de uma ocupação anterior ao edifício, pois em recortes de jornal se menciona o período de edificação da fonte como sendo uma área doada. Desta forma, considerei a possibilidade que abaixo do nível de implantação da edificação houvesse material arqueológico.

Outra importante informação trata-se dos momentos de modificação do edifício, pois a cada intervenção elementos foram sendo agregados e com base

nestas informações trabalhei com a possibilidade de que houvesse abaixo da atual camada de sedimentação vestígios do primeiro calçamento da fonte.

Desta forma a escavação iniciou-se guiada por estas evidências e considero que aqui se fez a primeira conexão interdisciplinar pois, somente por meio dos registros históricos seria possível iniciar uma escavação com problemas iniciais pré-estabelecidos, e neste sentido concordo com ORSER&FAGAN que coloca que:

Nós podemos não conseguir narrar as vivências enfrentadas por pessoas que existiram muitos séculos atrás, mas podemos tentar alcançar uma compreensão dos esquecidos e frequentemente compelir histórias de um povo anônimo cujos descendentes estão vivos até hoje” (ORSER & FAGAN, apud COSTA 2003).

Na documentação cartográfica é possível verificar que a ocupação da área da carioca se deu antes da década de 70 dos setecentos e os dados obtidos tanto com a escavação quanto com a análise do material arqueológico corrobora com esta colocação.

Compreendo aqui que um espaço que foi ocupado por longo período, possui elementos nos quais os grupos mantem como referência na sua formação identitária. neste sentido fica evidente que mesmo com constantes problemas de ordem natural, como enchentes, não são suficientes para que este espaço seja abandonado. Ao contrário, pois a cada evento de crise novos lugares são formados, e novos valores são agregados constituindo o que usualmente chamamos de assinaturas antropicas.

No momento de construção de um novo lugar são inúmeras as marcas que são deixadas e é papel da arqueologia buscar nestas entrelinhas compreender o que aconteceu neste processo de modificação do espaço, bem como estudar as correlações existentes nesta trama de significados.

Neste sentido esta dissertação foi estruturada em três capítulos com o objetivo de apresentar os resultados obtidos com a pesquisa de campo e laboratório. No primeiro capítulo trabalho os conceitos teóricos sobre a definição de sítios arqueológicos históricos e suas problemáticas, vinculadas ao estudo da cultura material, apresento os elementos que faz esta pesquisa ser categorizada como interdisciplinar, colocando em discussão a forma como se tem estruturado a pesquisa arqueológica em obras de restauração. Também apresento os procedimentos

metodológicos adotados para a pesquisa e os resultados obtidos com a escavação nas imediações da fonte.

A etapa da pesquisa apresentada neste capítulo vem viabilizar a discussão que tento estabelecer sobre a formação do sítio histórico Fonte da Carioca integrado a cidade, bem como sua configuração no uso cotidiano nos séculos XVIII, XIX e XX.

No capítulo segundo, discuto a função de mananciais de água destinado ao abastecimento público das cidades, sendo assim insiro a discussão de implantação da fonte na configuração da formação de Vila Boa de Goiás, e de usos e significados na perspectiva de constituição de lugares significantes, por meio de conceitos teóricos vinculados a arqueologia da paisagem.

O terceiro capítulo é dedicado a apresentação dos dados primários obtidos com a análise do material arqueológico móvel coletado durante a escavação, identifico o tipo de material que foi encontrado e suas características morfológicas.

E por fim, por meio desta análise estabeleço a vinculação dos dados do material coletado com a escavação, e busco por meio desta associação compreender a formação do sítio arqueológico, e seus usos.

CAPÍTULO 1. REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa buscou compreender a Fonte da Carioca localizada na Cidade de Goiás enquanto um espaço historicamente construído e reconstruído em um contexto de práticas sociais ligadas ao cotidiano.

Os vestígios arqueológicos são aqui compreendidos como portadores de informações que geralmente não se encontram na documentação oficial, tais como, os modos de viver e a forma de construir e se relacionar com a cultura material, desta forma a leitura feita pela arqueologia permite adentrar universos distintos que dificilmente seriam acessados por meio de outras fontes de pesquisa.

Além dos estudos dos vestígios identificados nas áreas de escavação, considera-se necessário o intento de compreender o sítio como uma unidade na qual se tem envolvido inúmeros aspectos culturais que podem ser identificados, tanto na cultura material produzida e posteriormente descartada, como também nas modificações e adaptação dos espaços necessários a cada atividade que foi realizada no local.

Desta forma compreende-se como objeto de análise espaços que foram transformados em lugares considerando-se que cada grupo em seu tempo traz suas alusões das quais são necessárias reproduções para constituição de um novo lugar, que passam a ser carregados de histórias e referências construídas coletivamente ou individualmente.

Para o estudo da Fonte da Carioca a cultura material foi considerada como integrante de um processo de interlocução entre disciplinas afins, assim para o desenvolvimento das primeiras discussões procura-se estabelecer o diálogo interdisciplinar entre arqueologia e história.

Estas disciplinas ao longo do tempo caminharam juntas na perspectiva de se alcançar o universo material do grupo, bem como na elaboração da noção de cultura material, pois ambas partilham as três características básicas que formam esta noção: a materialidade, o cotidiano e a coletividade.

Nesta perspectiva se a arqueologia foi ou é a disciplina que mais se desenvolveu nos estudos da cultura material pois, não tendo outras fontes, fez uso de métodos e adotou técnicas que permitiram esboços detalhados sobre os objetos e sítios, foi papel da História desenvolver, de forma mais sistemática, características além da materialidade, que envolviam a busca pelo invisível, pela história das massas (de coletividade) em oposição à história política e econômica, materializadas nas estruturas do cotidiano.

Na perspectiva da interdisciplinaridade espera-se que a pesquisa tenha contribuído para a elaboração de discussões sobre a ocupação desta área e usos dados a estes espaços. Para alcançar os resultados esperados a pesquisa ocorreu em etapas que envolveram a escavação do sítio arqueológico; análise do material arqueológico, ambas situadas na produção de documentação primária, pesquisa histórica e análise da paisagem.

A escavação da Fonte e a análise do material arqueológico a ela vinculado revelaram importantes aspectos da cultura material para se pensar espaços que estão sendo ocupados por longo período possibilitando compreender seus vários usos.

A Fonte da Carioca enquanto elemento material que viabiliza ao longo dos séculos conexões sociais e construções históricas é aqui objeto de estudo dentro de uma perspectiva que vai além da leitura com base na documentação escrita. Este espaço foi aqui tratado enquanto sítio arqueológico histórico. Esta abordagem viabiliza ampla discussão sobre a ocupação do espaço, bem como a acerca da cultura material dos grupos que fizeram parte deste contexto.

Neste sentido cabe aqui discutir concepções teóricas que vinculam espaços e contextos históricos específicos dentro desta categoria chamada de sítios arqueológicos. Compreendo aqui em conformidade com Soares (2011) a pesquisa arqueológica histórica como:

O estudo das sociedades e dos grupos sociais (americanos e europeus) que foram transformados pelos processos de expansão mercantil, iniciado com as expansões marinhas europeias do século XV e que ainda estão atuantes até os dias de hoje (SOARES 2011, p. 23).

Nesta perspectiva estão inseridos em processos particulares carregados de singularidades e movimentos que incluem a inserção e adaptação de grupos distintos que passam a formar a sociedade brasileira (Orser, 2000; Funari, 2002 e Zarankin, 2004).

A definição do que vem a ser o campo de atuação da arqueologia histórica é ainda no Brasil tema de caloroso debate sendo que seu campo de pesquisa vem desde a década de 80 se construindo (LIMA, 1989; FUNARI, 1996). Contudo na América a Arqueologia Histórica é um campo que trata do período posterior ao contato entre as populações indígenas, grupos vindos da África e os europeus chegados ao Novo Mundo.

O campo de atuação da arqueologia histórica é amplo e pode fazer interfaces com várias áreas do conhecimento tais como a geografia, antropologia e história, e propõe por meio da cultura material discussões ligadas tanto a processos gerais como ao cotidiano.

No que se refere a história e arqueologia ambas trabalham com objetos parciais fragmentados no tempo e no espaço, se divergem pelo tipo de fonte que utilizam e sua complementariedade se dá pela limitação das fontes e possibilidades teórico-metodológica das duas ciências, sendo assim é possível discutir diversos temas sendo em escala macro ou micro, cada uma contribuindo dentro das suas possibilidades conceituais (ORSER, 2000).

No que se refere a complementariedade de fontes ambas as disciplinas encontram nas modificações promovidas pela historiografia na década de 1970 e pelo pensamento arqueológico a partir da década de 1980 campo para reflexão e construção de um conhecimento pautado pela interpretação da cultura material.

Na década de 1970 surgem novas abordagens teóricas, que tendem a buscar as proposições de Febvre e Braudel, no que dizem respeito a outras fontes de abordagens histórica (SOUZA,1999). Sendo esta expansão no campo da história por diversas áreas, segundo BURK (1997. p.126) “a maior contribuição dos Annales incluindo as três gerações, pois com a ampliação do campo da história torna se possível abranger áreas inesperadas do comportamento humano e dos grupos sociais”.

Toda essa movimentação historiográfica da década de 1970 envolve as ciências sociais em um processo que busca a comunicação de uma com as outras, ampliando os campos de pesquisas, o qual só seria passível de mudança com a diversificação de fontes e com mudanças metodológicas significativas.

A documentação massiva e involuntária torna-se prioritária em relação aos documentos oficiais. As fontes passam então a serem arqueológicas, fotográficas, cinematográficas e orais. Enfim todos os meios são tentados para se vencer as lacunas do silêncio (SOUZA , 1999).

Da se início então ao advento da interdisciplinaridade, no que tange a arqueologia e história, os registros arqueológicos lançaram novas perspectivas, uma vez que as fontes escritas silenciam aspectos comuns da vida cotidiana, sendo que com essa comunicação torna se possível trilhar um panorama mais completo, visualizando e discutindo as relações sociais entendidas como reveladoras de aspectos não conscientes e por isso , altamente elucidativos da estrutura de uma sociedade (LIMA, 1989).

Segundo Kern (1995, p.105) “esta perspectiva permite ultrapassar os limites da documentação histórica das classes dirigentes e obtermos dados que possibilitem a reconstrução do cotidiano, do modo de vida da massa da população”. Essas perspectivas só se consolidam pela complementaridade de disciplinas como história e arqueologia que embora tenham metodologias distintas comungam em algumas situações de objetivos comuns. Através da arqueologia o historiador se vê compelido a estudar a cultura material e os vestígios de práticas capazes de fazê-lo refletir sobre a vida diária de grupos sociais. Sobre esta prerrogativa Deetz (1977) coloca que:

“Claro que, muito da arqueologia histórica provem quando se cava os sítios arqueológicos, mas estes locais não são fonte exclusiva de informação. Eles podem prover informação que não está disponível em outras fontes” (DEETZ, 1977:06).

Nesta perspectiva esta é a principal contribuição da arqueologia histórica para a história de países como o Brasil que se forma com a influência de inúmeros povos que chegaram em períodos distintos, proporcionando uma leitura desvinculada de tendências etnocêntricas e eurocêntricas (HARRINGTON, 1955; DEETZ, 1996; ZARANKIN 2002).

Permite-se por meio da cultura material a construção de um discurso e consequentemente de uma história com viés alternativo, na qual se dá lugar a elaboração de elementos da identidade de grupos que se encontravam a margem da história oficial, não permitindo a vinculação destas estruturas não colonialistas na construção da identidade nacional. Assim se cumpre a inclusão da história de grupos minoritários nesta elaboração devolvendo-lhes seu lugar na história (DEAGAN, 1996, p. 25).

Sobre esta questão Zarankin e Senatore (2002), abordam sobre as mudanças no uso da cultura material na construção de identidades, tanto no que se refere a tecnicidade, status, gênero; pois tais mudanças expressam novas hierarquias e relações de poder. Funari (2005), afirma que o estudo da cultura material histórica, permite conhecer as tensões sociais e a variedade de situações vivenciadas.

A arqueologia histórica no campo de pesquisa da história segundo Costa (2013) busca o conhecimento e entendimento da condição humana com a tarefa de confirmar, suplementar ou desafiar a história que nós conhecemos somente através de documentos escritos, embora use dados e documentos históricos a arqueologia histórica propõe a se reescrever a história através de inúmeras questões e interpretações alternativas proporcionada pela cultura material.

Assim, a função primordial da Arqueologia Histórica não é apenas fornecer subsídios à História, mas, sobretudo, refazer e reinterpretar a História de grupos minoritários pois, os dados recuperados por esta área possibilitam a reconstituição e a compreensão dos processos históricos contextuais e locais (KERN, 1998, p. 47).

Neste sentido arqueologia histórica, que estuda os vestígios materiais de nossa própria sociedade, também dispõe de informações escritas apresentando características derivadas da convergência destas duas categorias documentais (FUNARI, 1988).

No caso da área de estudo, a Fonte da Carioca pode ser compreendida e inserida em importantes momentos no processo de formação de Vila boa de Goiás. A implantação desta está vinculado a construção de mananciais de abastecimento de água na cidade. Dentro desta categoria temos todo um processo de utilização do espaço vinculado ao Rio Vermelho que é historicamente o elemento de surgimento da

cidade. O rio integra portanto, uma feição vinculada a estruturação de uma sociedade colonial. A fonte da carioca por sua vez torna-se um elemento que converge com a construção histórica do lugar.

1.1. ESTUDO DA CULTURA MATERIAL

Considera-se aqui as cidades como locais de plena movimentação, tanto do ponto de vista estrutural como simbólico; concepção destes espaços interfere diretamente na formação dos depósitos arqueológicos, gerando inúmeras camadas que possuem a história de indivíduos que se apropriaram destes em tempos distintos transformando-os em lugares de representação de suas vidas, inserindo seus códigos em tênues camadas arqueológicas que podem ser interpretadas neste dinâmico processo de ocupação e reocupação dos lugares.

Nesta perspectiva além da forma de escavar é essencial que as etapas de registro sejam bem articuladas para que possam oferecer subsídios para uma leitura articulada do que poderia ser o cotidiano de um determinado grupo. Quanto maior o nível de detalhamento mais confiável se torna a base de dados do pesquisador.

O “caos” das camadas arqueológicas de sítios urbanos são na verdade elementos de tempos distintos e compreender sua disposição significa adentrar o universo que permeia as representações sociais, é entender momentos históricos da sociedade que produziu tais vestígios viabilizando leituras que tem como base a cultura material.

Neste sentido compreendemos aqui em conformidade com Hodder (1999) que a cultura material é uma construção e um meio de comunicação envolvida em prática social, sendo que a concepção está na construção de códigos de representações, ou manifestação de práticas simbólicas constituídas e situadas em relação ao grupo. Para os estudos da arqueologia fazemos uso do interesse primordial de explanar fenômenos de mudança cultural, operando, fundamentalmente, a partir de três dimensões inter-relacionadas que estruturam a vida social: forma, espaço e tempo (LIMA 2011).

O estudo da cultura material é objeto de várias áreas do conhecimento, tais como arqueologia, história, arquitetura, e é consenso de que a cultura material não atua como elemento passivo, mas possuem um papel ativo nas relações sociais, os objetos atuam nas pessoas da mesma forma que estas fazem uso destes objetos e nesta relação nada precisa ser dito ou escrito todos os elementos de vinculação ocorre na manipulação dos artefatos.

Em conformidade com Zarankin (2002) considera-se aqui que os monumentos são objetos sociais e, portanto, carregados de valores e sentido próprio, não são simplesmente reflexo passivo, mas participes ativos na formação das pessoas. Ainda sobre esta questão o autor coloca que:

“De nosso ponto de vista, consideramos que um dos temas de maior relevância para a compreensão da sociedade são as mudanças no uso da cultura material na construção de identidades, tanto no que se refere a etnicidade, status, como a gênero e idade. Estas mudanças expressam novas hierarquias e relações de poder” (SENATORE & ZARANKIN, 2002, p. 09).

A arqueologia histórica, se coloca como importante elemento para o estudo de contextos dinâmicos como é o caso da fonte da carioca, pois possui o potencial de alcançar elementos jamais visualizados por meio de qualquer outro tipo de fonte. Para tanto a combinação das informações sobre o bem edificado e seus usos são objetos de estudo desta pesquisa.

1.2. DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

Considerando as especificidades de um local que fazem dele um sítio arqueológico histórico, a Fonte da Carioca possui elementos que viabilizam o estudo nesta perspectiva. Compreende-se que esta edificação é carregada de valores históricos e culturais e que a vivência das pessoas neste lugar ao longo dos anos deixou marcas tanto na paisagem como nas estratificações do subsolo.

A forma como as pessoas se relacionam com este espaço justifica o valor de significância histórica e científica tornando a fonte um elemento importante para o estudo arqueológico. As escavações realizadas nas imediações da edificação foram motivadas pelas obras de intervenção pelas quais o bem arquitetônico passaria,

sendo inevitável um estudo focado na arqueologia, pois este espaço embora esteja edificado desde o século XVIII, ao contrário de outros monumentos da cidade possui pouca documentação sobre os seus usos, conforme já colocado por (Bertran 1997, Coelho 2001, Lima 2008).

Desta forma, a pesquisa arqueológica esteve focada na construção de hipóteses fundamentadas principalmente na cultura material que poderia ser evidenciada na escavação desta área. A partir da documentação escrita, relatos orais e iconografia já era esperado que qualquer intervenção descortinaria informações e que a cada camada retirada seria possível um tipo de leitura.

Além de atender o projeto de restauração, que previa atividades com intervenção no sub-solo a pesquisa viabilizou coleta de dados que pudessem subsidiar a análise sobre o “Lugar Fonte da Carioca”. Desta forma todos os procedimentos adotados tiveram como objetivo pensar a Fonte e suas modificações de uso no século XVIII, XIX e XX.

A possibilidade de existir material arqueológico móvel em profundidade, como já havia sido identificado em superfície, bem como estruturas que foram sedimentadas tanto pelas consecutivas enchentes, como por reformas, eram quase certas. As informações históricas, os relatos orais, os registros e a pesquisa arqueológica realizadas anteriormente (SOUZA 2010), também contribuiu para reforçar esta certeza acerca da existência de material arqueológico provenientes de três séculos.

O primeiro item a ser levado em consideração é o de uso da fonte são as interferências sofridas com o passar dos anos, sendo que estamos portanto, situados em dois níveis de transformação: os de ordem natural, pois o local está em área de alagamento do rio, e de deposição de sedimento do patamar superior que dá acesso a atual rodovia; e os elementos antrópicos que dizem respeito as ações humanas na transformação da edificação e seu entorno.

Nesta confluência concordo com Orser (1992) que posiciona os estudos da arqueologia histórica capaz de pensar o passado integrado às ações mais recentes colocando como principal diferencial o foco da pesquisa.

“O que diferencia a arqueologia histórica é o seu foco de atenção no passado recente ou moderno, um passado que incorporou muitos

processos, perspectivas e objetos materiais que ainda estão sendo usados em nossos dias. Estes elementos históricos do passado recente constituem o mundo moderno, e grande parte desta constituição, ainda que extremamente complexa em sua compreensão, é levada a cabo com objetos materiais” (ORSER, 1992, p. 28).

O elemento edificado Fonte da Carioca está posicionado nesta confluência do tempo, pois remete tanto as ações e eventos históricos que tem início no século XVIII, como também está pulsante nas vivências do tempo presente.

Neste sentido é possível remeter o posicionamento de Gallay (1986) que compara as camadas de um sítio com um palimpsesto do tempo, colocando que:

Um palimpsesto é um pergaminho que teve seu texto apagado para ser novamente utilizado. Em certas circunstâncias, o historiador pode decifrar o antigo texto, caso hajam parcelas preservadas. Para o arqueólogo, os vestígios formam frequentemente um palimpsesto no qual os dados referentes a fatos de períodos sucessivos se misturam e contribuem para transformar o texto do passado em uma verdadeira garatuja, quase indecifrável (Gallay, 1986, p. 45).

Esta escrita emaranhada de significados é campo de atuação da pesquisa arqueológica, decifrar estes códigos deixados nas camadas depende da forma que a pesquisa arqueológica é articulada e se estes elementos são devidamente trabalhados considerando dois importantes pontos vinculados a episódios da ação humana.

Na escala do sítio, a distinção dos diferentes episódios de ocupação humana depende da rapidez com a qual os vestígios são recobertos pelos sedimentos. Se a sedimentação é fraca ou nula, todos os episódios serão misturados, se a sedimentação é rápida os diversos episódios se inscreverão tal como sequências de imagens numa película cinematográfica (Gallay 1986, p. 45).

Estes conceitos, bem como os elementos discutidos pelo autor sobre a subtração de informações ao longo do tempo que vai da realidade vivida a realidade estudada pelo arqueólogo são aplicáveis também para sítios históricos, segundo esta perspectiva os estudos e escavações de sítios com ocupações sucessivas depende de dois pontos básicos para compreensão das camadas deposicionais que são: malha de datação dos fenômenos e a malha de duração dos fenômenos. Sendo assim a escavação arqueológica da Fonte da Carioca foi organizada de forma em que a ordenação do tempo pudesse ser identificada. Como ponto de partida teve-se o

elemento arquitetônico, que possui marcações de tempo com relação a sua construção.

1.3. UM TEXTO A SER DECIFRADO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE ESCAVAÇÃO DA FONTE DA CARIOCA.

A escavação foi organizada considerando que diferentes tipos de vestígios arqueológicos poderiam ser encontrados, as pesquisas arqueológicas e históricas realizadas anteriormente na área traz um acervo fotográfico em que a Fonte da Carioca aparece com configurações estruturais distintas ao longo do tempo (Souza 2010; Simoni 2012; IPHAN 2001).

Estas informações são de relevância para o planejamento da pesquisa, pois é necessário que vestígios destas interferências sejam identificados no contexto de escavação uma vez que cada intervenção na edificação resulta em modificações substanciais no contexto arqueológico.

Assim, parte dos vestígios encontrados podem estar em contextos considerados perturbados, ou seja, não estão alocados nas camadas originais de deposição entretanto, esta característica não limita o potencial informativo destes objetos, o importante neste caso é compreender a procedência dos depósitos, sobre esta questão Lima (1985) coloca que:

Mesmo que os objetos não sejam encontrados no seu contexto primário de deposição, não perdem seu valor informativo, pois o que realmente importa é a correta identificação e interpretação do modo de deposição (LIMA 1985, p. 12).

A escavação foi realizada considerando esta problemática e logo a necessidade de realização da leitura destas intervenções por meio da estratigrafia e deposição horizontal dos vestígios arqueológicos.

A necessidade da abertura de uma vala de drenagem para escoamento da água que se acumula aos arredores da fonte proporcionou que estas problemáticas viessem a ser colocadas e cheçadas por meio da pesquisa. Desta forma com as informações obtidas anteriormente a intervenção sistemática levou a equipe a considerar as seguintes possibilidades: que durante a escavação fossem identificadas camadas de deposição do rio proveniente de enchentes; que estruturas de

calçamento original pudessem ser encontradas; e que o piso de ocupação poderia alcançar camadas profundas.

O primeiro teste realizado foi a abertura de pequena intervenção em uma das laterais da edificação, com a escavação de 25 cm, foi identificadas estruturas de pedras articuladas, este resultado leva a conclusão que abaixo da linha de sedimentação existem estruturas arqueológicas e que a metodologia de escavação deve atender esta necessidade.

Desta forma, para continuidade a pesquisa, toda a área da fonte foi dividida em quadriculas, e estas organizadas com referências alfa- numérica sendo, respectivamente dentro e fora da fonte.

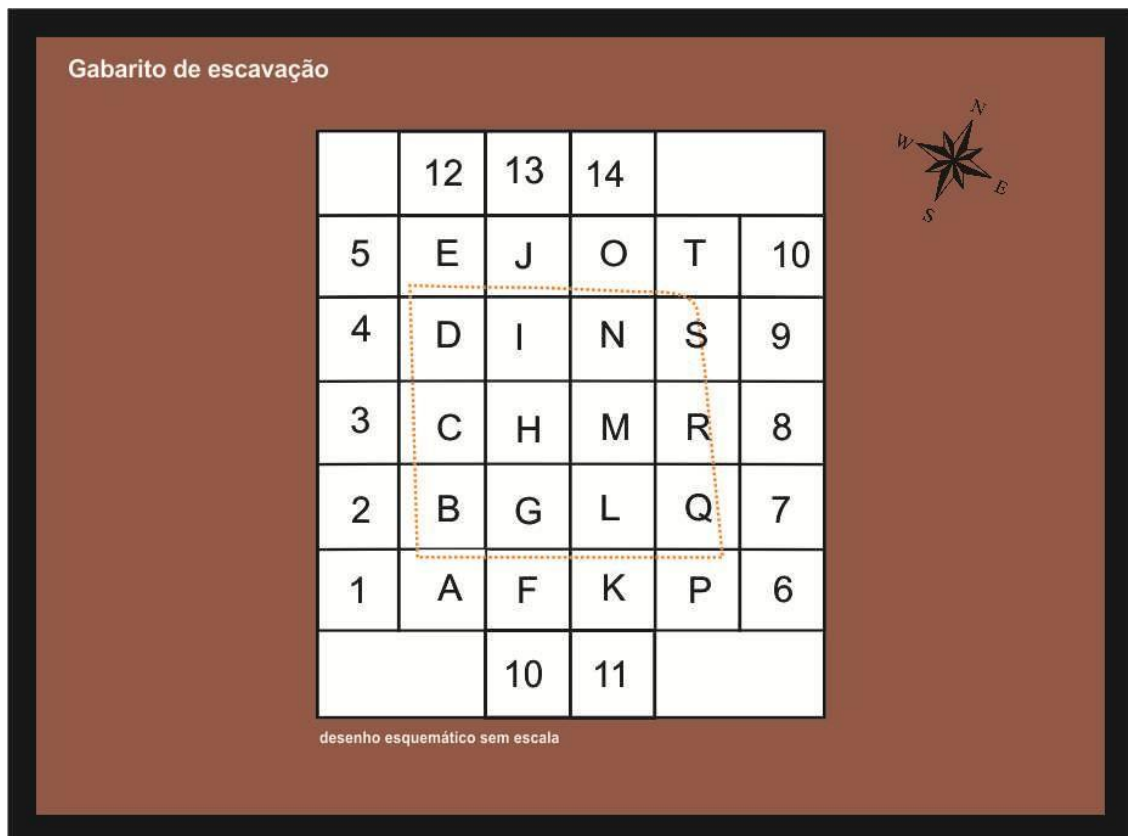


Figura 1: Gabarito de escavação

A escolha da primeira quadricula a ser escavada partiu do fato de já ter uma pequena intervenção no local, e que no sedimento procedente desta havia material arqueológico (cerâmica). A escavação do corte C e 3 teve início obedecendo a divisão artificial das camadas de 10 em 10cm. A partir de 15 cm foi evidenciada uma

laje que seguiu toda a extensão do corte (Figura 2). Neste caso optou-se pela ampliação do corte C e 3, com o objetivo de evidenciar esta estrutura que tinha origem na base original do monumento. Sendo assim, foi necessária escavação de superfície ampla para que se pudesse compreender a distribuição espacial destes elementos.



Figura 2: As primeiras estruturas evidenciadas



Figura 3: Estruturas evidenciadas na ampliação



Figura 4: Estruturas evidenciadas na escavação de superfície ampla

Após a escavação dos cortes que estão classificados entre 2 e 5, B e E, foi possível observar estruturas referentes ao muro original da fonte, assim como a estrutura que escoo o excesso de água para o rio (figura 3 e 4 parte externa da fonte, figura 5 e 6 detalhes internos).



Figura 5: Marcação da estrutura acrescentada ao muro original da fonte



Figura 6: Detalhes da construção posterior

Nos cortes 1 e A foram identificadas estruturas do calçamento que circulava a edificação.



Figura 7: Quadriculas com calçamento



Figura 8: Calçamento na parte frontal da fonte



Figura 9: Calçamento

Também foi identificada uma outra estrutura eferente a saída de água do interior da fonte para o rio, embora ainda esteja parcialmente preservada o fato de ser uma categoria que necessita de manutenção, fez com que esta sofresse interferências antrópicas com maior frequência, fator que interferiu no seu grau de preservação.



Figura 10: Canaleta de passagem de água



Figura 11: Vista Geral da canaleta integrada a estrutura da fonte

Todas as estruturas identificadas na lateral esquerda da fonte foram aqui classificadas em três categorias conforme descrição a seguir:

Tipo de estrutura	Estado de conservação	Características
Estrutura da fonte	Excelente	Conjunto de lajes que contornam toda a lateral abaixo da construção de cimento, é também sustentada por uma camada contínua de pedras de tamanhos menores
Canalização de passagem de água	Bom	Conjunto de pedras estruturada em forma de canaleta e coberto por lajes, já sofre intervenção.
Calçamento	Ruim	Conjunto de Lajes que formam uma área calçada com muros de sustentação, a área apresentava problemas estruturais que formaram grandes fendas na parte inferior ao calçamento

Tabela 1: Estruturas e grau de preservação

As três categorias de estruturas foram dentro do projeto de implantação vala de drenagem preservadas integralmente e registradas de forma que em qualquer situação será possível identificar os itens que as compõe.

No que se refere a localização destas foi possível traçar a distribuição espacial nas áreas escavadas e observar o grau de integração que se refere

diretamente a noção de funcionalidade que cada unidade desempenhou na constituição do monumento. No gabarito abaixo é possível compreender a presença de cada conjunto de forma integrada.

As estruturas 1 e 2 atendem a questões funcionais relacionadas a forma como o monumento foi construído e estruturado, neste sentido tras importantes informações referentes as técnicas construtivas utilizadas no século XVIII, sendo também possível perceber uma sobreposição de procedimentos utilizados para manter a fonte em funcionamento ao longo do tempo.



Figura 12: Gabarito de escavação

A estrutura 3 tem uma função mais direta no cotidiano dos indivíduos que faziam uso desse local, pois se trata da parte de um calçamento que foi com o decorrer do tempo aterrado.

A dinâmica de ocupação e configuração do lugar já discutidos anteriormente influenciaram de forma direta no processo de formação do sítio que configura-se por inúmeros eventos de sobreposição de sedimento, que tem importante papel na

preservação de determinados tipos de vestígios arqueológicos. Tocchetto (2007) chama a atenção para este aspecto levantando questões referentes a forma como as áreas urbanas são utilizadas e afirmando que mesmo com muitas intervenções importantes parcelas do subsolo podem estar preservadas.

Na área de estudo encontramos este tipo de contexto no qual as intervenções sofridas desde o período de construção da fonte tiveram papel essencial na preservação deste importante conjunto de estruturas que foram aqui mantidas, mesmo em uma obra de tinha como objetivo principal a integridade física do monumento, foi possível preservar todo o conjunto de estrutura identificado e ainda obter importantes informações com relação ao contexto de deposição da área.

Com a escavação dos quadrantes em que foram identificadas as estruturas observou-se grande complexidade na formação das camadas arqueológicas e na forma de deposição das evidências materiais móveis. Neste sentido foi possível perceber que se tratavam de eventos distintos de deposição. A primeira camada é composta por uma faixa de grama e sedimento vermelho, depositado recentemente para aterro e plantação deste tipo de vegetação.

Nesta camada foram encontrados refugos de fato, mais recentes associados as atividades atuais dos grupos que utilizam este espaço, além deste tipo de material existe também fragmentos de vidro, plástico e pedaços de tecido que provavelmente vieram com o próprio sedimento trazido de um outro tipo de depósito.

Após esta camada de sedimento foram identificados três depósitos. O primeiro de areia com grão finos e pequena quantidade de material arqueológico, neste caso associou-se esta camada a deposições provenientes das cheias do rio.

Abaixo destas camadas foram evidenciadas as primeiras estruturas, nas quais o material arqueológico esteve em posições distintas podendo aqui ser classificado em duas categorias.

- Refugos associados as estruturas: nesta categoria estão os fragmentos de material arqueológico que foram identificados na camada subsequente ou entre as lajes das estruturas.

- Refugos não associados as estruturas: fragmentos arqueológicos identificados fora das estruturas e associados a um depósito de ordenação e sustentação das lajes.

Esta recorrência foi identificada em todos os cortes escavados na lateral esquerda da fonte, entretanto observou-se que a camada arqueológica tinha uma sequência que poderia estar abaixo da linha das estruturas 1 e 3, neste caso optou-se pela abertura de um corte teste para se ter uma unidade amostral.

A escolha da área a ser escavada foi realizada obedecendo alguns critérios, tais como, conservação de estruturas, densidade do material arqueológico, maior espaço para ser escavado e viabilidade física da área, (áreas em que a possibilidade de desmoronamento era menor). Neste caso o corte dois foi eleito para escavação e averiguação da profundidade da camada arqueológica. A escavação dos demais cortes seguiu até 100cm, profundidade da vala de drenagem.

1.3.1. O corte teste

O teste conforme pode ser observado na imagem abaixo não foi escavado completamente, pois se fez a opção de manter todas as estruturas que haviam sido identificadas, neste caso houve intervenção apenas nos espaços vazios conforme pode ser observado na figura (3). O corte foi escavado por níveis artificiais de 10 cm. A escavação chegou até 2 m de profundidade sem alcançar horizontes estéreis.

A escavação proporcionou a observação de pontos importantes para compreensão do que é este contexto arqueológico. Considerando a complexidade das camadas arqueológicas nos contextos urbanos é necessário atenção aos detalhes que podem trazer informações que contribuam de maneira significativa.

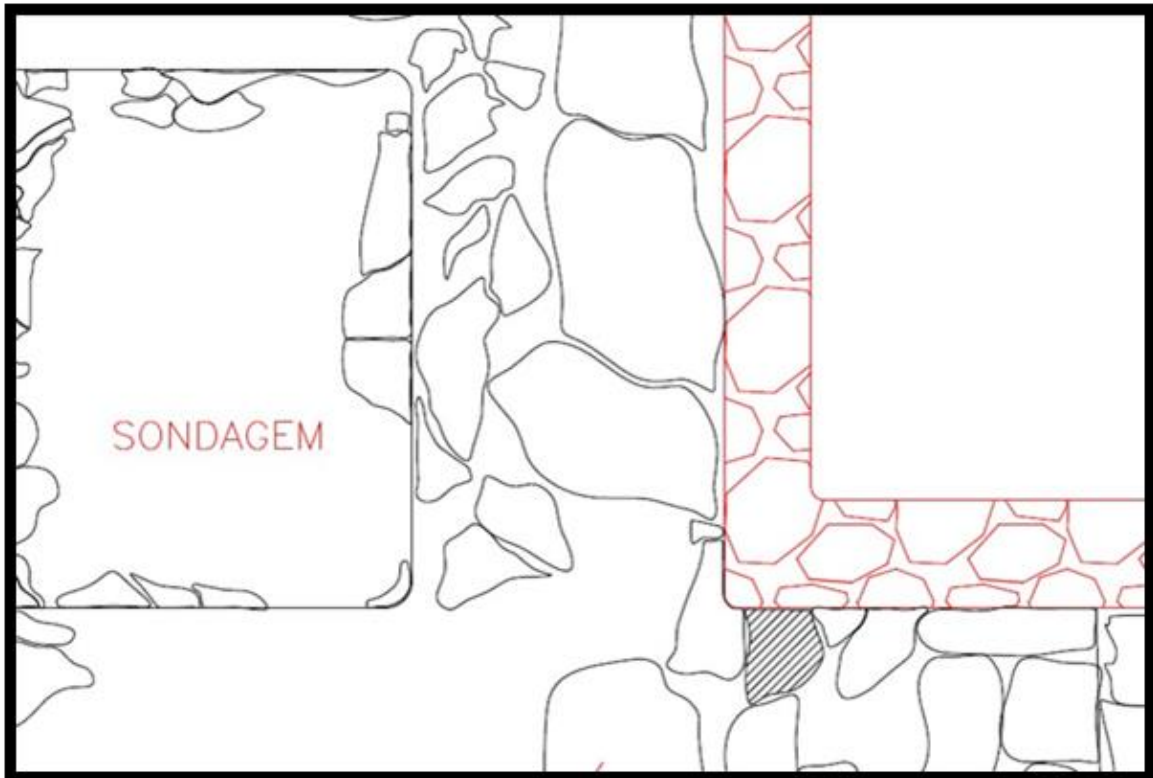


Figura 13: Localização do corte teste

Até o início da escavação do corte 2 algumas problemáticas já vinham sendo levantadas com relação a quantidade de material arqueológico móvel que estavam sendo evidenciados. Considerava-se a possibilidade de encontrar material arqueológico, porém em baixa densidade, já que o monumento configura-se como local de circulação, e portanto deveria apresentar basicamente refugos de fato, que são elementos deixados de forma não intencional.

Segundo Schiffer o refugo de fato está relacionado aqueles elementos que chegam ao contexto arqueológico sem a realização de uma atividade de descarte. Normalmente associado às atividades de abandono, ou seja, àqueles cujos elementos não sofreram um ato deliberado de descarte pelos antigos ocupantes do sítio arqueológico (1972, p. 160).

Entretanto, diferente do que foi esperado, a área de escavação apresentou características de depósito secundário ou seja, o local final de descarte não é o mesmo que o local de uso. Durante a escavação do corte, a partir de 40 cm de profundidade, o material arqueológico estava desordenado e fragmentado, não havia disposição horizontal para os fragmentos, a densidade do material aumentou de forma

significativa e observou-se também sedimento com colorações distintas, como se estivesse misturado com outra camada.

Para melhor compreensão desta variação foi elaborado por meio de densidade um gráfico, na tentativa de compreender a disposição do material e a formação do contexto arqueológico. No gráfico que segue é possível observar a variação da quantidade de material por nível estratigráfico.



Gráfico 1: Densidade de material arqueológico por nível estratigráfico

Conforme pode ser observado a deposição do material não possui uma distribuição linear na formação do depósito. Até o nível quatro o material arqueológico encontra-se associado a estrutura 1 neste caso considero pelas características como sendo refugio de fato.

O sedimento que é retirado abaixo da linha de sedimentação da estrutura 1 apresenta uma densidade alta de fragmentos atingindo a casa dos oitocentos, observa-se que neste caso ocorreu uma grande variação em termos quantitativos, e uma significativa modificação na camada estratigráfica.

Entre os níveis 4 e 6 a densidade do material diminui também de forma drástica ganhando na sequência um novo pico entre os níveis 7 e 8 e posteriormente

uma queda progressiva até o nível 13. A partir do nível 14 um novo pico é identificado, seguido por uma queda e posteriormente um novo pico, assim como na sequência anterior.

Fazendo uso dos dados quantitativos associados as informações estratigráficas a comparação do material arqueológico levanta a possibilidade de se ter sedimento da camada 14 entre os níveis 4 e 8.

Os dados acima apresentados viabilizam pensar a formação do depósito e elaborar algumas inferências. O fato de existir neste contexto uma perturbação em termos de movimentação de sedimento, não indica perda de valor informativo, pois os objetos não perdem o seu valor informativo por serem recuperados em um entulho (LIMA 1985).

Partindo desta discussão, o importante para uma análise confiável dos dados arqueológicos é compreender a disposição dos refugos e a maneira como foram formados, evitando assim equívocos que dizem respeito às áreas deposicionais. Neste sentido as inferências aqui apresentadas são caminhos para futuros trabalhos com o material proveniente desta área.

Durante a escavação foi possível observar que abaixo da estrutura havia um pacote deposicional com grande quantidade de material arqueológico e que este encontrava-se desestruturado e muito fragmentado.

Outro ponto importante é que entre os níveis 4 e 9 existe a predominância da categoria cerâmica com poucos exemplares de vidros, louças, metal e ossos.

Ainda observou-se que na baixa densidade de louça os exemplares eram de categorias com faixas cronológicas bem recuadas. Outra característica importante foi a quantidade de fragmentos de laje e rocha desordenadas encontradas no momento da escavação não tendo qualquer tipo de conexão entre elas.

A decoração do material cerâmico das camadas existentes entre os níveis 4 e 9 tem correspondência com as decorações do material encontrado na camada 14. Nesta última porém verifica-se uma faixa de 15cm com baixa densidade de material. Tendo como base as evidências obtidas com as escavações é possível pontuar que:

- A primeira camada de sedimento que está entre os níveis 0 e 2 está

provenientes de aterro;

- Entre os níveis 2 e 4: camada associada as estruturas da fonte e calçamento. Neste caso o material arqueológico esta associado as atividades ligadas ao monumento.

- Entre os níveis 4 e 9: formada por um processo de remoção de sedimento da camada que esta localizada a partir do nível 14. Neste caso infere-se que no momento de construção do monumento o sedimento retirado da área, tenha sido removido para a lateral formando este grande pacote.

- Entre os níveis 9 e 14: camada com baixa densidade de material arqueológico, caracteriza-se como um tipo de sedimento da camada superior e inferior.

- Entre os níveis 14 e 20: trata-se de um único pacote, sendo que a partir do nível 18 o depósito arqueológico encontra-se abaixo da base atual da fonte (cota fonte 368/cota da base da sondagem 374).

Os itens relacionados acima indicam que na área trabalhada existia uma ocupação anterior a construção da fonte; a quantidade de material arqueológico proveniente deste depósito é alta e tem-se fortes evidências de um pacote arqueológico anterior a edificação. Neste sentido a data de construção do monumento serve como marco cronológico para este depósito.

2.3.2. Escavação lateral direita

Tendo como referência as informações obtidas nas escavações já realizadas e considerando que o tempo necessário para uma escavação ampla em todo o lado direito era inexistente, optou-se pelo estabelecimento de soluções que pudessem dinamizar o trabalho em relação ao tempo, mas que nenhum dano fosse causado ao patrimônio arqueológico.

A melhor alternativa foi uma alteração metodológica, neste caso a equipe de arqueologia escavaria a vala (120cm de profundidade por 50 cm de largura) de drenagem conforme pode ser visualizado no desenho esquemático abaixo:

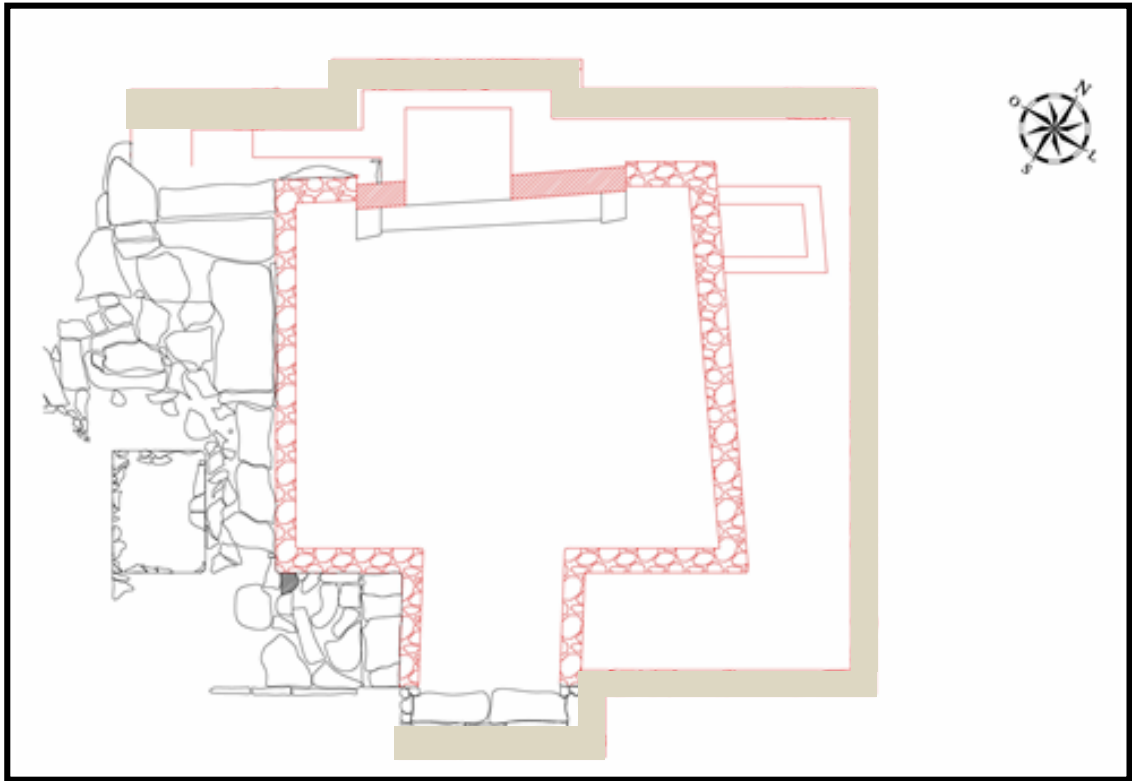


Figura 14: Esquema de escavação

A faixa cinza corresponde a área escavada, conforme pode ser observado em toda a sua extensão foi identificado material estruturado e estes foram mantidos. Entretanto não será possível estabelecer análises espaciais na tentativa de compreender as interconexões destas estruturas, pois o espaço de escavação limitou a aquisição das informações necessárias para a construção destas relações. Além das estruturas em toda a área foi identificada uma quantidade significativa de material arqueológico móvel.



Figura 15: Escavação da vala de drenagem da lateral direita



Figura 16: Vista geral da escavação da lateral direita



Figura 17: Realização de controle de estratigrafia



Figura 18: Estruturas identificadas

O mesmo procedimento foi adotado para escavação da parte frontal, fundo e chafariz. (fotos 19 a 24).



Figura 19: Escavação da parte frontal



Figura 20: Escavação da parte frontal



Figura 21: Vista da lateral direita e fundos



Figura 22: Vista da escavação dos fundos



Figura 23: Escavação no fundo



Figura 24: Escavação no fundo e parte da canaleta de passagem de água

1.4. CULTURA MATERIAL- REGISTRO

Escavar consiste em fazer interferências que podem danificar parcialmente ou totalmente as informações que podem ser fornecidas a partir da cultura material encontrada nos contextos arqueológicos, e é com base na metodologia aplicada que se constrói uma base interpretativa para as áreas estudadas.

Além das referências externas que se faz necessária para melhor compreender o passado a ordenação dos dados coletados em campo é etapa essencial para o estudo de sociedades pretéritas. Sobre esta prerrogativa Gallay afirma que:

A interpretação do passado está baseada na confrontação efetuada entre os dados coletados e aquele saber de referência externo. Essa confrontação depende de uma certa organização dos conhecimentos, de uma certa ordem. Essa ordem é construída sempre com base em materiais situados de maneira mais precisa do tempo e do espaço. A construção dessas ordenações assenta-se finalmente no terreno propriamente arqueológico, na escavação (GALLAY, 1986, p.33).

Além da forma de escavar é essencial que as etapas de registro sejam bem articuladas para que possam oferecer subsídios para uma leitura do que poderia ser o cotidiano de um determinado grupo. Quanto maior o nível de detalhamento mais confiável se torna a base de dados do pesquisador.

No caso da fonte da Carioca o registro minucioso de cada elemento, além de dar a base para ordenação dos dados tanto na perspectiva de tempo e de espaço, também se torna importante instrumento de preservação deste monumento. Parte das estruturas identificadas na escavação aparecem na imagem do viajante naturalista Buchell conforme identificada na imagem abaixo, e que mesmo com as intervenções para a implantação da vala de drenagem estas continuam preservadas sendo que nenhuma estrutura foi removida.



Figura 25: Desenhado por Willian John Burchell 1828.

Como se trata de um conjunto de estruturas com funções distintas para que se possa ter uma melhor noção do contexto arqueológico o registro foi realizado mantendo as coordenadas x,y,z.

Todo o contexto exposto foi devidamente desenhado conforme pode ser observado na planta baixa as lajes foram dimensionadas, e quanto a profundidade todas possuem uma cota marcada com auxílio de teodolito.

Neste caso sabemos exatamente onde estão localizadas as estruturas em termos espaciais e temporais. Este registro tem a função de informar a localização dos vestígios arqueológicos caso haja a necessidade de novas intervenções, bem como viabilizar comparações entre as estruturas encontradas do lado esquerdo com as demais estruturas identificadas na vala de drenagem (anexo 1).

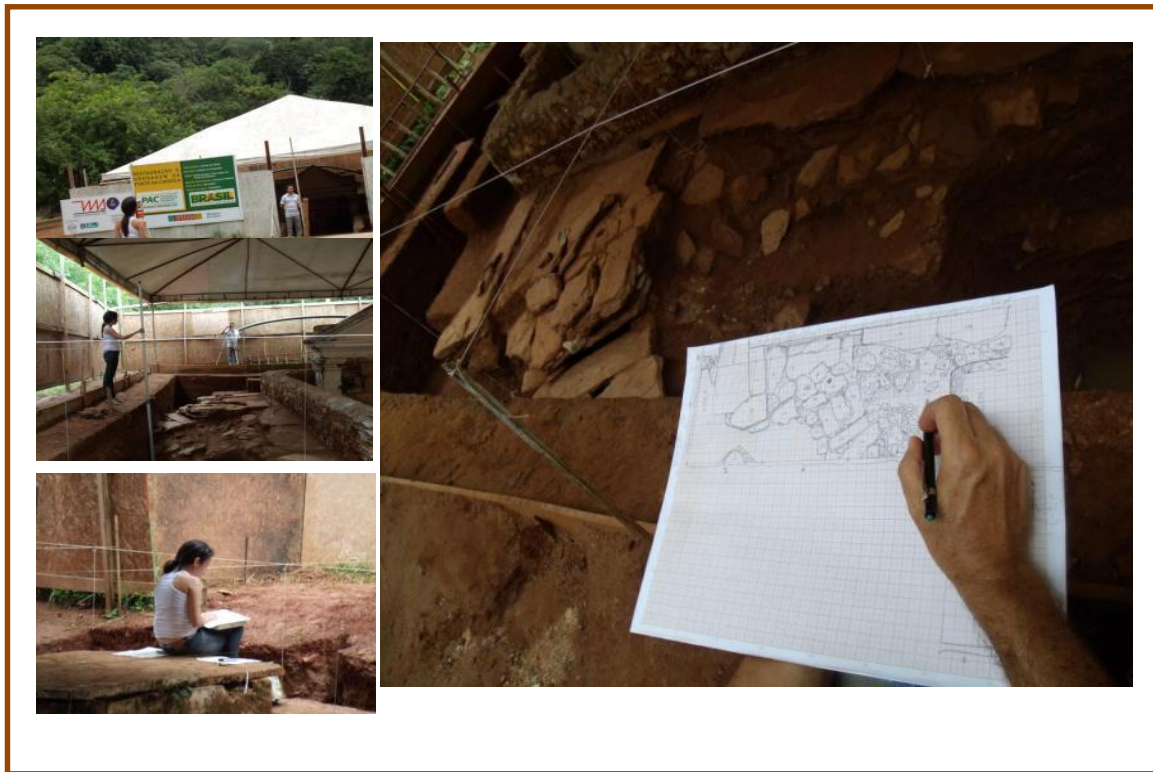


Figura 26: Registro das estruturas



Figura 27: Vista geral da área de escavação

Além da localização por meio de croqui foi realizado também o registro fotográfico que foi sendo feito ao longo das atividades de campo. Sendo assim considera-se que a área em volta da fonte encontra-se bem documentada e que a ordenação da documentação trouxe como resultado uma noção que foi aquele espaço e dos lugares a ele atribuído.

Também é importante ressaltar que do ponto de vista técnico foi possível identificar a função de cada estrutura, bem como, compreender as técnicas de construção que foram utilizadas ao longo do tempo e que manteve o monumento em boas condições estruturais.



Figura 28: Registro fotográfico do calçamento



Figura 29: Detalhes do calçamento



Figura 30: Registro fotográfico e gráfico do calçamento



Figura 31: Registro fotográfico e gráfico do calçamento

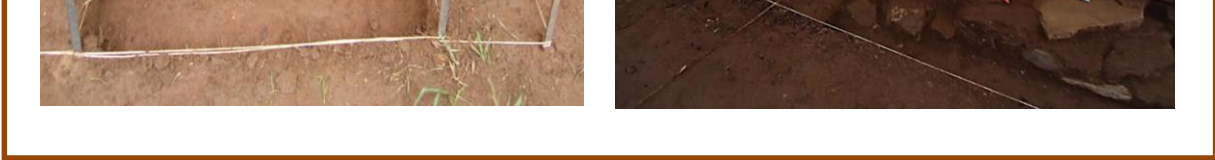


Figura 32: Registro fotográfico do calçamento

Todo este contexto conta não somente a história das pessoas que fazem do espaço lugar de significação, mas contribui também para entendermos a forma de construção destes monumentos, permitindo uma leitura importante sobre os depósitos arqueológicos, assim como compreender o processo de formação dos contextos relacionados ao espaço urbano que é dinâmico, que se organiza e movimenta, sendo que por traz da organização espacial da ordem estabelecida estão os agentes sociais que compõem neste espaço um cenário sócio cultural (JULIANI 1996).

CAPITULO 2- FONTES E CHAFARIZES: A FONTE DA CARIOCA

2.1. FONTES, BICAS E CHAFARIZES

Em todo o Brasil durante os séculos XVIII e XIX, foi comum a construção de bicas e chafarizes para atender a necessidade de abastecimento dos núcleos urbanos, sendo estas ações prioritárias na institucionalização da saúde pública, onde o discurso higienista contribui para a formulação ou reestruturação dos planos urbanísticos.

A preocupação com a organização dos espaços promove mudanças significativas no comportamento das pessoas e na forma como a apropriação do lugar é realizada, a busca por uma ordem influencia diretamente na construção de determinados elementos da cultura material.

A ausência de fornecimento de água canalizada para a maioria das residências durante os séculos XVIII e XIX, gerou a construção de fontes, bicas e chafarizes para atenderem estas demandas. A construção de espaços comuns para a coleta de água tem sua origem no mundo antigo e fez parte da configuração das cidades brasileiras (NASCIMENTO, 2009).

A criação destes locais vai além de uma mera necessidade de levar água potável para as residências. Como parte integrante dos núcleos urbanos eles foram apropriados de acordo com a movimentação que envolve a formação das cidades. São espaços que comunicam, pelas transformações arquitetônicas, assim como pela socialização que viabilizam.

Partindo deste ponto de vista é necessário que chafarizes e fontes sejam estudados dentro de um contexto mais amplo, pois estão inseridos em complexos processos de transformação do espaço urbano. Se insere nesta discussão os debates sobre a formação histórica das cidades e seus componentes, neste caso trataremos as cidades como sítios de representações (DANTAS 2012).

O estudo em cidades tem como componente as pessoas do lugar que se identificam com os edifícios, monumentos, paisagens e isso é resultado de uma complexa relação entre duas modalidades de percepções, pois o fato de a consciência

individual dizer o que deve ser lembrado ou não, implica distinções em um quadro de infinitas possibilidades sociais e experiências históricas (DAMATA, 1983).

Enquanto integrante da malha urbana a leitura necessária para a edificação envolve a construção e reconstrução destes espaços, os elementos estudados pela arqueologia são no contexto da cidade artefatos pulsantes que vivem, e que permanentemente se transformam e se expandem em novos tecidos recriados para entender outras demandas sucessivas em permanente renovação (LEMOS 1981).

O espaço urbano é um local dinâmico, que se organiza e movimenta, sendo que por traz da organização espacial e da ordem estabelecida estão os agentes sociais que compõe neste lugar um cenário sócio cultural (JULIANI 1996).

Desta forma cabe nesta discussão a abordagem de CRESSEY (1982), que faz uso do conceito de “cidade sítio”. Este modelo fundamentou inúmeras discussões na qual as cidades são pensadas a partir de diversas esferas que a compõe, onde se entende esta como um organismo que necessita de interação com outros segmentos para ser melhor compreendida.

Este conceito de cidade sítio traz como desafio a capacidade do pesquisador de compreender cada unidade como parte integrante de um processo dinâmico de ocupação, desocupação, transformação do espaço e ressignificação dos lugares, sendo que no processo de interpretação dos dados arqueológicos é necessário ter estas referências externas, pois em conformidade com GALLAY (1986):

A interpretação do passado está baseada na confrontação efetuada entre os dados coletados e aquele saber de referência externo. Essa confrontação depende de uma certa organização dos conhecimentos, de uma certa ordem. Essa ordem é construída sempre com base em materiais situados de maneira mais precisa do tempo e do espaço. A construção dessas ordenações assenta-se finalmente no terreno propriamente arqueológico, na escavação (GALLAY, 1986, p. 33).

A pesquisa arqueológica em núcleos urbanos, mesmo que seja uma intervenção pontual como no caso da presente pesquisa, exige a aplicação de métodos que permitam uma interpretação integrada com os outros elementos que constituem a cidade, sendo assim, é necessário o desenvolvimento de metodologias condizentes com um espaço em que as camadas arqueológicas estão em constante

transformação. Cabe ao pesquisador a tarefa de identificar as diversas etapas de ocupação, reordenação dos espaços e constituição dos lugares.

No caso de Vila Boa além da fonte da Carioca ao longo dos anos outras áreas públicas foram apropriadas com o objetivo de abastecer a cidade com água potável. Existiam na cidade o grande Chafariz de Calda da Boa Morte construído em 1778, o chafarizinho construído em 1874 no largo da Matriz de Santana, chafariz D'el Rey sem data de construção (IPHAN, 2012).

A leitura do bem cultural está portanto, integrada a um contexto mais amplo e esta característica multicomponencial permite que o objeto de estudo seja observado dentro de contextos temporais distintos. No caso da Fonte da Carioca a pesquisa arqueológica identificou evidências materiais que antecedem a ocupação histórica, e segue por camadas sucessivas até os dias atuais.

2.2. FONTE DA CARIOCA ESPAÇO DE MEMÓRIA E HISTÓRIA

A área na qual está inserida a Fonte da Carioca faz parte de um local que compõe ao longo de séculos espaço de vivências, histórias e memórias. Me refiro aqui a um complexo de edificações que corresponde cada qual a um evento, que é aqui compreendido como etapas de formação do sítio. Neste processo é importante considerar que cada elemento, seja ele de ordem natural ou antrópica, faz parte da construção da categoria de Lugar.

Sobre este assunto Rubertone (1986) considera que existe uma configuração culturalmente construída do espaço e do lugar, sendo que o espaço é definido como o entorno do lugar culturalmente construído pelo homem, e as decisões associadas a estas duas esferas estão intrinsecamente ligadas, o que resulta na combinação necessária do homem com o espaço natural. Neste sentido Ferro ressalta que:

A interação do homem com o meio é que faz do lugar o porquê, na sua ausência, o lugar é sítio de características físicas, as quais o homem criou relações emotivas e simbólicas. Assim, o simbolismo do lugar não representa somente as características físicas do mesmo, mas também a transformação no interior do homem que permite a atribuição de um significado mítico, transformando-o em um lugar significativo. (FERRO 2004, p.15).

Para esta discussão é ainda importante ressaltar que a definição, bem como a compreensão do espaço e do lugar, não depende somente das ações do homem com o meio. Neste processo não existe interdependência das partes, da mesma forma que o agente humano constrói o meio em que ele está inserido, inevitavelmente influencia nas suas ações, pois os grupos humanos sempre receberam influência do meio natural, ao mesmo tempo que o utilizaram, e dele se apropriaram, modificando-o, alterando-o (DANTAS, 2012).

A chegada é sempre um elemento de partida, não existe portanto uma linha de separação entre estes eixos que se conectam com as trajetórias e construção dos elementos identitário de um determinado lugar.

Bertrand define a paisagem como sendo uma determinada porção do espaço que resulta da combinação dinâmica dos elementos físicos, biológicos e antrópicos, os quais interagindo dialectalmente uns sobre os outros formam um conjunto único e indissociável em perpetua evolução (BERTRAND apud CONTI, 2003, p.59).

A escolha de permanecer e se relacionar com um determinado meio físico depende de uma série de escolhas que são também de ordem estratégica. Estes fatores associados as questões sócio econômicas vieram interferir de forma decisiva na construção do “lugar”.

No caso da área de estudo que está localizada as margens do Rio Vermelho, além da posição estratégica de saída e chegada também se alia as condicionantes ambientais que geraram uma intensa circulação de pessoas e produtos, bem como a construção de estruturas sejam monumentais ou não, mas que perduraram ao longo do tempo.

Tanto do ponto de vista da arqueologia que tem como fonte primária estas materialidades, como do ponto de vista histórico que mantém viva na memória das pessoas, o local da carioca sempre funcionou na dinâmica da cidade como um lugar reservado às atividades cotidianas.

E importante ressaltar que o elemento Rio Vermelho foi importante vetor para a manutenção e estabelecimento de todas significações que estão presentes por meio da cultura material incluindo a paisagem cultural que é definida como sendo uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de

interação do homem com o meio natural, o qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores. (IPHAN 2009)

Na análise de Criado Boado (1999) o processo de ocupação é constituído dos elementos espaço e lugar que formam a paisagem. Primeiramente apresenta o corpo físico da paisagem que seria o cenário da ação humana (espaço); e posteriormente o espaço como produto construído e adaptado pelo homem, local das manifestações sócio-culturais (lugar); acrescenta ainda que a paisagem como espaço simbólico deve ser pensada quando se pretende compreender uma área de ocupação.

Nesta perspectiva é importante observar na imagem de satélite que as constituições dos elementos históricos estão ligados a questões funcionais que são basicamente, a proximidade com um determinado tipo de recurso natural que viabiliza a execução de inúmeras atividades.



Figura 33: Mapa de localização da fonte e componentes

Além dos elementos identificados no âmbito do presente projeto, existem outras evidências, de atividades relacionadas ao rio, que fez no espaço, “margem do Rio Vermelho” a constituição dos lugares, Estrada do Nascente, Fonte da Carioca, Usina de Força, Cervejaria, Clube Carioca.

Na sequência é possível identificar o significado que se dá ao mesmo espaço em períodos distintos, entretanto é ainda preciso ressaltar que neste universo, existe na constituição da paisagem lugares que não são identificáveis por meio dos vestígios arqueológicos, mas que estão impressos nas histórias e no cotidiano das pessoas que se apropriam dos elementos naturais transformando-os em culturais.

Nesta perspectiva permeia ainda a existência, do poço do bispo, as corredeiras que foram utilizadas por longo período pelas lavadeiras, as formações geomorfológicas que recebem o topônimo de morro da Carioca e que por meio da cultura popular conta a origem do lugar.

Todas estas condicionantes, associadas aos vestígios arqueológicos já identificados fazem deste local importante elemento na constituição da Cidade, atribuindo-lhe significâncias.

2.3. UM RIO, UM CAMINHO, UMA FONTE... E VÁRIOS LUGARES

A ocupação do território ocorreu de forma distinta para as várias regiões do inóspito território, desde o século XVI inúmeras bandeiras foram organizadas para adentrar o território em busca de riquezas e mão de obra. Acreditava-se que os grupos indígenas que seriam encontrados ao longo destes trajetos fariam parte do contingente necessário para as novas áreas que poderiam ser exploradas, desta forma já no século XVIII a capitania de São Paulo contava com todo aparato que proporcionava a entrada das denominadas bandeiras paulistas.

Segundo Rocha, et al (2001), a posição privilegiada de São Paulo associada a sua posição periférica na economia de *plantation* fez com que esta capitania se especializasse na organização das bandeiras, que configurou-se como uma combinação de expedição militar vinculada a sociedade comercial que pretendia expandir seu campo de atuação. Sendo assim, a partir do final do século XVI, formam-se várias correntes migratórias de povoamento para o interior do país.

Esta movimentação das bandeiras alcançou o território que posteriormente viria a ser o território Goiano ainda no século XVI, entretanto várias condicionantes limitaram estas entradas. Somente no século XVII com a descoberta de metais preciosos em Minas Gerais e Mato Grosso é que Goiás em, 1726, se insere nesta rota vinculada ao ciclo do ouro, dando assim início a ocupação de áreas que favoreciam a atividade mineradora com a fundação dos primeiros arraiais: Sant'Anna, Barra, Ferreiro, Ouro Fino, Santa Rita e Anta. Nos anos que se seguiriam, outras jazidas seriam encontradas, dando origem a novos núcleos urbanos (Palacin 2001).

A notícia sobre as novas minas de ouro em Goiás trouxe como consequência a migração de grande contingente de pessoas em busca de enriquecimento, vários foram os grupos que se aventuraram no empreendimento da mineração. Estas levas que compartilharam deste novo espaço de ocupação, tendo como prioridade os núcleos urbanos, se organizaram criando cada grupo seus lugares por meio de estratégias sociais, que delineavam regras e ordens a serem estabelecidas.

Um dos primeiros elementos a serem construídos neste processo de ocupação são os caminhos que tiveram importante função no escoamento e controle da produção aurífera, estabelecimento de mercado e ligação com o litoral. Estes caminhos que mais tarde foram chamados de estradas reais desempenharam papel fundamental de deslocamento no sertão dos Goyazes. A construção destes teve como elemento facilitador o aproveitamento das trilhas que já haviam sido abertas pelos grupos indígenas, a partir das quais se construíram as primeiras picadas e que se transformaram, nos caminhos para o interior da colônia (ROCHA, et al 2001).

Os caminhos criados pelas bandeiras serviriam mais tarde para viabilizar a entrada bem como, a manutenção das vilas e arraiais que se formaram no interior das províncias, pois era necessário garantir condições à expansão do comando do centro imperial sobre as partes, e ao mesmo tempo assegurar os mecanismos de participação das províncias na política central.

Ao observar alguns mapas de época (figura 1), fica claro que estes caminhos faziam parte das relações entre comércio interno e externo, sendo que é importante ressaltar que a ligação entre as três capitanias (São Paulo, Mato Grosso e Goiás) se deram com base em um projeto político-colonial orientado.

Durante o século XVIII as três províncias já apresentavam um sistema de comunicação proporcionada pela economia mineradora. As estradas foram reutilizadas para promover a ligação entre o Rio de Janeiro e a fronteira com os países platinos. Enquanto novos caminhos não eram abertos e alternativas de transportes não se instalavam no país durante os séculos XVIII e XIX, a maneira mais fácil de alcançar as províncias de Mato Grosso e Goiás ainda era por meio das três principais rotas estabelecidas para acesso às zonas mineradoras: Rota 1 – ligação do sudoeste com Goiás; Rota 2 – estrada que interligava com a Bahia; e Rota 3 – interligava Goiás com Mato Grosso (figura 34).

As estradas reais foram eixos importantes para exploração e comercialização, formando um tronco viário entre as capitanias do centro sul da colônia com os centros urbanos do litoral (BARBO,2009). O “Mapa dos Sertões que Compreendem de Mar a Mar entre as capitanias de S. Paulo, Goyazes, Cuyabá, Mato Grosso e Pará”, traz além das informações de rotas terrestres e fluviais já registradas na primeira Carta da Capitania de Goyaz, a descrição dos itinerários ao longo dos caminhos registrando cidades, vilas, fortalezas, arraial com freguesia, sítios e as capitais.

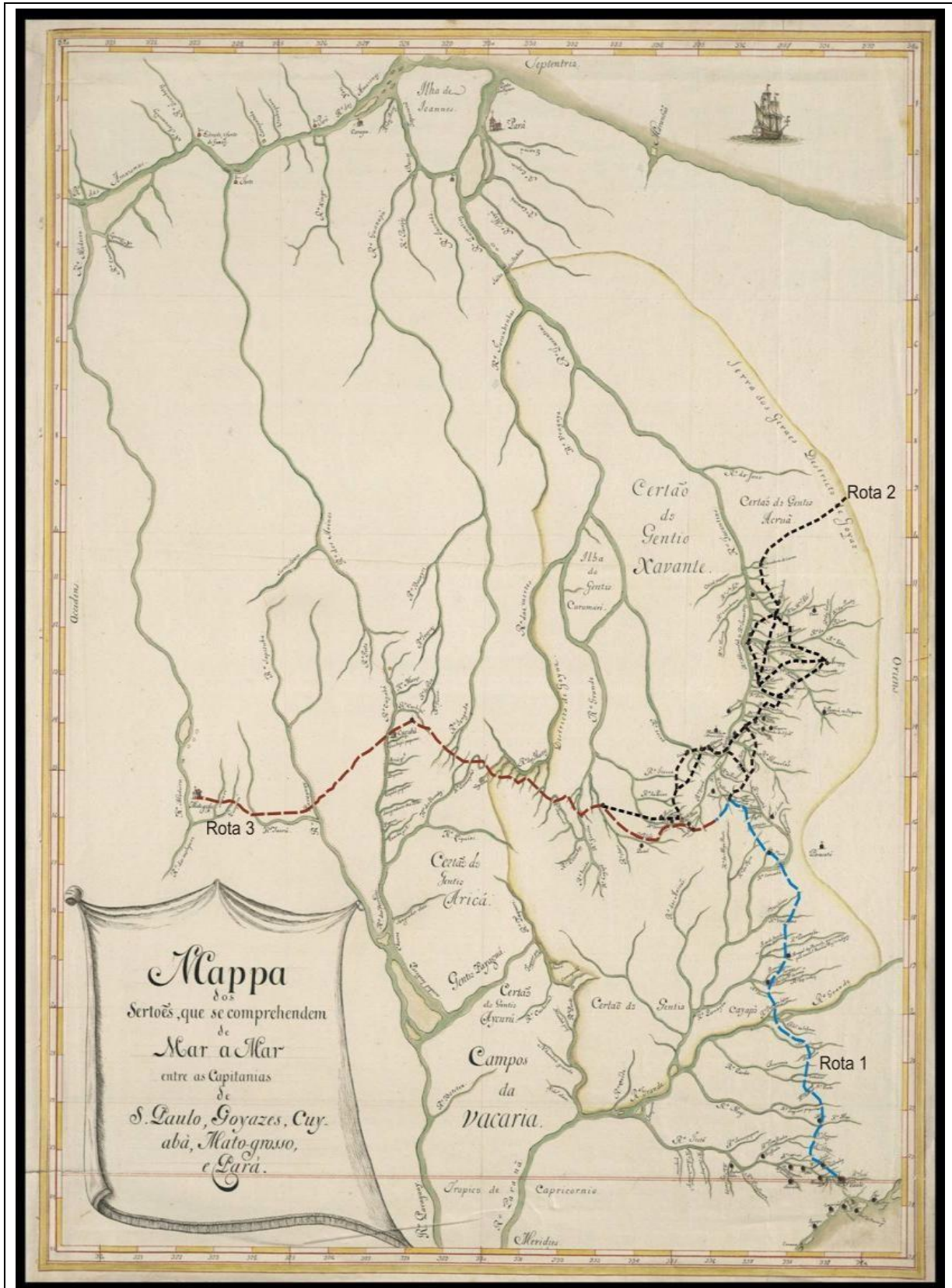


Figura 34: Mapa dos Sertões que Compreendem de Mar a Mar entre as capitãncias de S. Paulo, Goyazes, Cuyabá, Mato Grosso e Pará”. Fonte: Biblioteca Nacional Brasil. Coleção Morgado Mateus. Mapa modificado pelo autor.

Vila Boa de Goyaz ficou conectada com as demais capitânicas por meio de quatro caminhos principais: a estrada do norte, que ligava arraiais do norte e Bahia, estrada do sul ou caminho novo que ligava com São Paulo, estrada do poente que se conectava com a província de Cuiabá e a estrada do nascente que fazia a ligação com o Rio de Janeiro, passando por Ferreiro, Ouro Fino, Jaraguá Meia Ponte, Santo Antônio de montes Claros, Santa Luzia e seguia em direção a Paracatu (Souza 2010).



Figura 35: Principais caminhos coloniais. Fonte Rocha, et al (2001).

A Estrada do Nascente está diretamente conectada com a Fonte da Carioca, pois está implantada no morro da cambaúba e foi a porta de entrada de Vila Boa. Esta condicionante associada a atividade mineradora contribuiu para que as margens do Rio Vermelho fossem rapidamente ocupadas. Nos mapas de ocupação é possível perceber no final do século XVIII a existência de edificações entre a estrada do Nascente e o rio Vermelho.

Em 1782 D. Luis da Cunha solicitou o levantamento completo da planta Urbana de Vila Boa de Goiás. Elaborada com alto índice de detalhamento, sendo que a área de estudo já aparece com edificações conforme figura (36). Bertran (1996), sobre este documento, coloca que:

Em primeiro lugar retrata quase com detalhes, a ocupação, o uso de solo efetivo na Vila Boa de Goiás de 1782 e em seguida planeja a expansão urbana da cidadezinha com respeito orgânico por aquilo que já era fato consumado (inclusive invasões de terra públicas) naquele remoto ano de 1782, 56 anos depois de sua fundação (BERTRAN 1996, p.53).

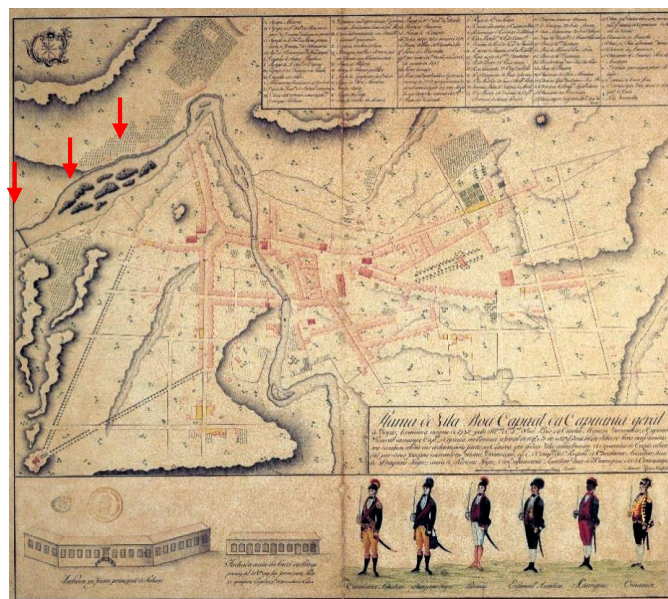


Figura 36: Mapa de Vila Boa de Goiás no ano de 1782- Fonte: Arquivo histórico Ultramarino APUD COELHO 2013

Neste documento o elemento arquitetônico da fonte já está registrado sendo que sua edificação provavelmente ocorreu no ano de 1772. A construção da fonte da Carioca no século XVIII surge da necessidade de abastecimento de água num período de escassez de chuvas em Vila Boa, no referido ano a maioria dos veios aquíferos secaram, mas as águas provenientes das terras às margens do Rio Vermelho

continuavam ávidas, viabilizando a construção de um espaço coletivo para abastecimento da cidade.

Em uma nota no jornal, da Cidade de Goiás de 1949, segue a seguinte colocação, com relação à construção da Fonte da Cambauba:

...O ano de 1772 marcou uma época triste nos anais da Cidade de Goiás faltavam viveres. Houve fome e até as próprias águas diminuíram o volume. A maioria dos veios que serviam Vila Boa ficou estéril, a Cambauba, as águas de José Moreira e Ana Costa resistiram. Então a câmara veio mandando construir uma fonte publica no cercado de Ana Costa tendo sido encarregado da empreitada Lourenço da Cruz Leal...(jornal Cidade de Goiás 1949, apud SIMONI 2013).

A Cambaúba localizada entre o Rio Vermelho e a Estrada do Nascente já se tratava de uma área ocupada vinculada as atividades da mineração. Além de atender a população do Rosário também serviu como entreposto, um local de chegadas e partidas.

A dinâmica da atividade mineradora e a construção de Vila Boa de Goiás esteve presente na construção do lugar que se convencionou chamar de “carioca ou fonte da cambaúba”. Como se trata de um local de partidas e de chegadas seria impossível desconectar este espaço das dinâmicas que envolviam a construção da antiga Vila Boa.

A conexão da fonte com a Estrada do Nascente agrega elementos importantes do cotidiano, pois além da função de abastecimento tem associado o elemento de deslocamento de pessoas, transformando-se em local de encontros e passagens de inúmeras trajetórias de vida.

Neste sentido é possível falar da fonte enquanto espaço transicional, uma vez que são de natureza distributiva, ordenando os encontros, bem como os acessos distintos a um mesmo espaço.

Bakhtin (1981) definiu como “cronotopo de encontro”, espaços onde diferentes trajetórias individuais – muitas vezes ligadas a agentes sociais díspares – encontram-se em um único ponto espacial e temporal.

Nos cronotopos de encontro, indivíduos que vivem normalmente separado por distâncias sociais e espaciais, são colocados em contato e, a partir disso, contrastes podem surgir e diferentes destinos podem se entretecer (BAKHTIN, 1981).

Nesta perspectiva a leitura que se pode fazer da cultura material está vinculada a esta circulação de pessoas e trajetórias que podem ser por meio dos registros escritos, por memórias orais ou pelos vestígios arqueológicos. Elementos do dia-a-dia ainda podem ser lidos e decodificados sob o ponto de vista arqueológico, pois as marcas podem ser compreendidas como reprodução simbólica de um universo social.

Sobre estes aspectos é possível por meio de fotografias da fonte perceber sua vinculação aos caminhos, bem como seus usos, desta forma seguem duas imagens que contribuem para compreensão deste espaço enquanto lugar transicional.



Figura 37: Fonte da carioca desenhada W. Burchell em 1828



Figura 38: Trecho da estrada do nascente, nas proximidades da fonte da Carioca. Fonte: apud Souza 2005.

As pesquisas arqueológicas realizadas na área por (SOUZA 2010) e (DANTAS 2012) conseguem a partir da cultura material, bem como, das marcas das paisagens elementos referentes do uso da fonte enquanto elemento transicional. Parte dos vestígios arqueológicos da Estrada do Nascente nas proximidades da fonte estão expostos e permitem este tipo de associação conforme imagens abaixo:



Figura 39: Estruturas da estrada do nascente. Fonte Dantas 2012



Figura 40: Trecho da estrada do nascente nas proximidades da fonte da Carioca. Fonte Dantas 2012

A estrada do nascente teve papel essencial na formação e manutenção de Vila Boa, pois fazia a ligação entre o litoral e as áreas de mineração do sertão dos Goyazes. As imagens apresentadas acima são as mesmas áreas apresentadas nas imagens 1 e 2, estando diretamente relacionadas a fonte. Em suas colocações Cunha Matos faz o seguinte relato sobre o trecho nas proximidades da fonte:

Entre a Cidade de Goiás e o arraial do Ferreiro também existiu outra magnífica calçada, cujos restos consertados pelo general D. Manuel de Menezes, são a melhor cousa deste gênero que enho visto no Brasil. Da cidade de Goiáz segue-se para o arraial do Ouro Fino atravessando a primeira ponte de madeira sobre o Rio Vermelho: l' Este dellla fica, a hum canto, a grande casa do Neiva; em frente várias casas térreas e de sobrado e a esquerda a calçada pela encosta dos montes de D. Francisco ou Serra da Carioca. (CUNHA MATTOS, 1823-1824. Apud SOUZA 2005).

Referências com relação a Fonte da Carioca podem ser identificadas em vários registros de formação da cidade, seja ele escrito, oral, ou iconográfico. Sendo assim, evidenciamos a importância deste elemento arquitetônico edificado e suas várias faces e usos.

A Fonte da Carioca representou também o local dos ofícios. Suas águas e a proximidade com o Rio Vermelho proporcionaram o encontro de pessoas que exerciam diversas atividades, temos neste contexto os carregadores e as carregadeiras de água.

A atividade de abastecer as casas da cidade por meio das águas da fonte da carioca foi um costume que se fez por longos períodos, e esta atividade cotidiana de agentes “invisíveis”, deixou em vários tipos de documentação a sua marca e trajetória, incluindo no registro arqueológico.

Sobre este ofício é possível encontrarmos referências, na literatura, e nas narrativas da cidade MONTEIRO (1911) coloca que:

Ainda não havia água encanada em Goiás. Cada família contratava um carregador, ou carrega-deira de água, que a trazia do chafariz em potes de barro ou latas. Num grande banco de madeira tosca, na cozinham ficavam enfileirados os potes que serviam de depósito de água. Para tirá-las usavam canecões feitos de lata vazia em que se colocavam asas, ou cuités. Para beber, a água vinha da Carioca, chafariz de água límpida, mais pura que a do imponente chafariz do Largo e a dos outros existentes na cidade. Por ficar mais afastado da parte central, sua condução custava mais caro que a dos outros chafarizes (MONTEIRO, 1911, p. 21).

Desta forma, fica explícito o importante papel deste espaço e seus agentes, que constroem suas marcas que são perpetuadas, em uma relação que envolve a memória e os aportes materiais, onde os objetos não são um reflexo imutável do comportamento humano do passado, mas apresenta características aditivas e redutivas que alteram sua materialidade (Schiffer 1987).

Embora o ofício de transporte da água estivesse restrito a um conjunto de pessoas ao qual por muito tempo tiveram suas histórias esquecidas, as construções que vinculam a cultura material se mantém, pois possui caráter ativo e transformador nas estratégias de negociação social.



Figura 41: Registro fotográfico da atividade de carregadores de água. Fonte: 1 arquivo Igreja da Boa Morte; 2 arquivo Frei Simão Dorvi (apud SIMONI 2012); 3 arquivo Igreja da Boa Morte.

Além do ofício dos carregadores de água o espaço da fonte e do Rio Vermelho permitiu que durante séculos grupos de pessoas fizessem dos ávidos afloramentos na margem do rio, o suporte material para execução das suas atividades. Trata-se neste momento das lavadeiras do Rio Vermelho que também faziam uso da Fonte da Carioca. As bicas que jorravam água ininterruptamente, era o espaço destinado a lavagem de roupas das casas do centro histórico. Por vários anos foi comum mulheres transitarem pela cidade com malas de roupa na cabeça.

“As lavadeiras de roupa “para fora” – a lavagem de roupas que não as da própria família – fizeram parte das paisagens urbanas brasileiras: passando pelas ruas carregando as trouxas na cabeça, buscando a roupa suja e entregando a roupa limpa; imersas nas águas rasas dos rios, batendo as roupas nos batedouros formados pelos lajeados e

pedras que escapam acima da superfície da água; ensaboando, esfregando e enxaguando as peças; estendendo-as nos varais, arbustos e cercas...Para que as casas e os corpos pudessem se purificar com as trocas constantes de roupas, recorria-se ao trabalho das lavadeiras. “ (2010, s/p)



Figura 42: Lavadeiras no Rio Vermelho: Fonte arquivo MIS

Ainda sobre a utilização da fonte como espaço de trabalho é possível agregar um outro elemento que foi a construção da primeira usina hidrelétrica do estado. Até a década de 20 dos noventa as noites de Vila Boa eram iluminadas pelos candeeiros e lamparinas. A conhecida Usina da Carioca foi construída em 1920 e possuía edificação nos fundos da Fonte da Carioca.

A usina forneceu energia elétrica para a cidade de Goiás e Davinópolis (povoado do bacalhau) por quatro anos até a sua explosão, que matou dois trabalhadores. Em 1952 a usina foi vendida para a prefeitura, sendo que desta edificação restaram somente os vestígios arqueológicos, que foram identificados por pesquisas em 2010 (Souza, 2010).



Figura 43: Primeira Usina as margens do rio Vermelho. Fonte arquivo Marcos Antonio Veiga. Apud Souza 2005.

Além dos ofícios a trajetória da Fonte da Carioca passa também pela questão das atividades de lazer. Às margens do Rio Vermelho também estão os locais de encontro da sociedade que viveu em Vila Boa desde o século XVIII, a fonte foi portanto, um elemento arquitetônico que trouxe consigo importantes pontos de encontro. O poço do bispo, as corredeiras e a barragem construída nas proximidades deu lugar a um espaço de lazer utilizado de forma permanente ao longo do tempo.

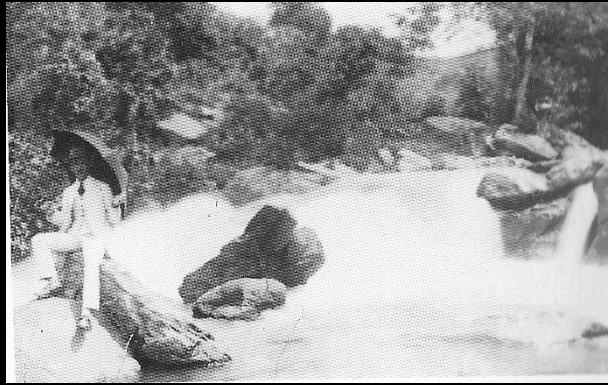


Figura 44: Poço do Bispo. Fonte acervo Joaquim Craveiro. Apud Simoni



Figura 45: Área próxima a fonte da Carioca. Fonte acervo Joaquim Craveiro. Apud Simoni



Figura 46: Corredeiras da Carioca. Fonte acervo Joaquim Craveiro. Apud Simoni

Nesta sequência é possível identificar os significados que se dá ao mesmo local em períodos distintos, inclui-se nesta discussão as categorias de espaço e lugar, pois existe na constituição da paisagem lugares que não são identificáveis por meio dos vestígios arqueológicos, mas que estão impressos nas histórias e no cotidiano das pessoas que se apropriam dos elementos naturais transformando-os em culturais.

Todas estas condicionantes, associadas aos vestígios arqueológicos já identificados fazem deste local um importante elemento na constituição da Cidade, atribuindo significância científica e afetiva.

Os usos dados a um determinado local refletem a importância deste na configuração da cidade, são inúmeros os aspectos que podem influenciar no processo de utilização e preservação de determinados espaços ou edificações, não são somente os instrumentos legais que proporcionam a duração destes no tempo e no espaço.

A sociedade é que faz do bem edificado um bem cultural, pois se tratam de criações que emanam significados, quando um bem passa pelo processo de tombamento isso ocorre pelo reconhecimento do valor artístico histórico, arqueológico, etnográfico e paisagístico (NAJJAR 2005). Esta integração garante o reconhecimento de uma edificação na categoria de bens tombados.

As políticas que oficializam a preservação, bem como marca a definição dos bens no Brasil estão sustentadas pelas narrativas patrimonialistas, onde os termos relacionados a cultura e ao patrimônio convergem com a discussão da identidade nacional que, é segundo Kerstem, (2000) marcado por uma perspectiva linear de institucionalização do bem.

A Fonte da Carioca além de possuir todas as feições apresentadas até aqui, também passou por esta ordenação de conceitos, que resultou no seu registro com o número de inscrição 73, livro arqueológico, etnográfico e paisagístico, fl 17, inscrição 463, livro histórico, fls 78 inscrição 529, livro de belas artes, fls 97. 18 setembro de 1978.

Neste sentido, identifica-se mais um local de convergência de trajetórias desta localidade. Um bem quando passa pelo processo de tombamento deixa de ser elemento de um único grupo para se colocar em uma dimensão ampla, pois esta categoria irá romper as barreiras territoriais implantando a ideia de universalidade cultural, ou seja, com essas ações se reconhecem os elementos pertencentes às sociedades e culturas particulares que são importantes para a comunidade como herança comum (KERSTEM, 2000. p.33). Desta forma o elemento estará teoricamente ligado ao conceito antropológico de cultura que no caso da preservação não incide sobre a cultura em si, mas seletivamente, sobre seus suportes materiais e simbólicos produzidos e reproduzidos por grupos de homens. (MALHANO, 2002, p.45). Sendo

assim o patrimônio cultural pretende registrar as manifestações significativas presentes nas relações sociais, sendo os bens materiais ou expressões imateriais.

Com as condicionantes que fazem do espaço lugar de significação e com a sequência de usos aqui apresentadas é possível identificar os sentidos e significados que se dá ao mesmo local em períodos distintos, nesta perspectiva inclui-se nesta discussão as categorias de espaço e lugar.

Estas condicionantes, associadas aos vestígios arqueológicos já identificados fazem deste local importante elemento na constituição da Cidade, atribuindo significância científica e afetiva. Sobre esta questão Possamai (2000) coloca que:

Tomando o patrimônio do ponto de vista da investigação científica, é de suma importância que este seja tomado como objeto de estudo de diferentes disciplinas, no sentido de tentar melhor compreender como ele se constitui em marcos preservados em nossas cidades e como é difundido na sociedade como representação das identidades dos grupos sociais. Não se trata da indagação estéril de por que se preserva, mas da busca das motivações mais escondidas presentes neste processo, lançando perguntas a prédios, monumentos ou artefatos, difundidos como pertencendo e representando a todos indistintamente e apresentados como inquestionáveis” (POSSAMAI, 2000, p. 23).

Tanto as evidências materiais móveis e não móveis e mesmo as cicatrizes deixadas na paisagem na área de estudo fazem parte de um contexto, mais amplo e podem ter sido relacionados de formas distintas ao longo do tempo, pois a forma como os espaços são ocupados, organizados e apropriados em termos simbólicos exige que a investigação arqueológica esteja conectada com distintas áreas do conhecimento.

Durante a etapa de escavação, estas feições ligadas ao tempo e as ocupações da edificação foram elementos de observação, cada modificação que surgia no contexto da escavação foi cuidadosamente registrado, pois somente estes registros associados a análise do material arqueológico proporcionará compreender o objeto de estudo.

CAPITULO 3- ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO

O material arqueológico identificado nas escavações da Fonte da Carioca na Cidade de Goiás foi dividido em duas grandes categorias: objetos móveis e não móveis.

Foram considerados artefatos não móveis estruturas classificadas em cinco categorias funcionais: estas evidências foram mantidas no local e devidamente registradas por meio da elaboração de mapas tridimensionais, fotografias, croquis, filmagens. Associada a cada estrutura foram recuperadas quantidades significativas de material arqueológico que são aqui tratados como objetos móveis tais como: fragmentos de cerâmica, vidro, louça e metal que passou por análise no âmbito desta pesquisa.

Este capítulo tem como objetivo apresentar as atividades desenvolvidas, bem como os resultados que foram possíveis de alcançar com a associação dos materiais móveis não móveis e disposições estratigráficas.

3.1. CONCEITUAÇÃO TEÓRICA

Para a elaboração de categorias analíticas é necessário que sejam criadas formas de sistematização das informações. Estes dados provenientes da análise do material arqueológico configuram-se como possibilidades interpretativas, pois conforme DUNNEL (2006):

Os artefatos são considerados fonte de informação do comportamento de grupos que os utilizaram pela, recuperação desses dados descrevemos e entendemos os comportamentos humanos no passado, já que cada atributo observado nos artefatos equivale a uma expressão fóssil de uma ação ou conjunto de ações, que acaba por expor determinada forma de comportamento (DUNNEL, 2006, p. 88).

Nesta perspectiva a classificação abre campos de investigativos que permitem a compreensão dos elementos que foram atribuídos às categorias materiais, entretanto é necessário considerar que estas não atendem a totalidade do fenômeno, ou seja, elas podem viabilizar a categorização do que é diferente, mas nunca o porquê da diferença. Esta resposta só é possível por meio de inferências.

Considerando estas especificidades da pesquisa acredita-se que as classificações possuem termos por meio dos quais os fenômenos são identificados, descritos, medidos e comparados. Em suma, permite padronizações para atender objetivos específicos da pesquisa.

O refinamento dos dados passa por escolhas que são pautadas nas necessidades de cada coleção e dos problemas levantados. As unidades analíticas necessitam atender elementos ligados a dois universos, o ideativo, que é composto pelas classes que são fechadas de unidades de significado; e o fenomenológico que é formado pelos grupos que são compostos por fenômenos e estão intimamente ligados ao tempo e espaço (Dunnell, 2006). Neste sentido trazemos o esquema a seguir:

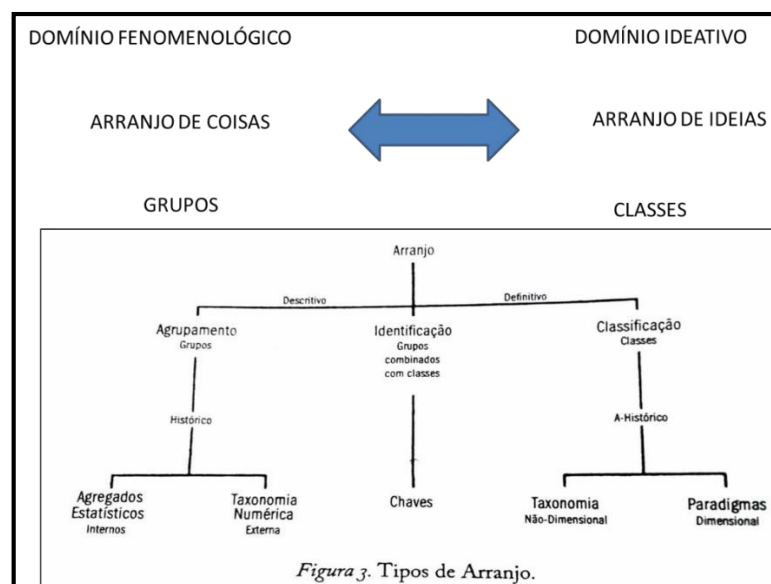


Figura 47: Esquema interpretativo. Fonte Dunnell 2006

Dentro deste esquema elaborado por Dunnell (2006) temos na categorização dos itens escolhidos para a análise a interação dos domínios por meio de conexões que vai do arranjo teórico metodológico ao universo material chamado de “arranjo de coisas”, desta forma nos é viável a elaboração das hipóteses de pesquisa e consequentemente permite a elaboração das inferências com relação a um universo cultural.

Dentro desta ordenação é possível identificar a base de distinção entre grupos e classes, sendo que os grupos designam entidades empíricas e classes as unidades teóricas (DUNNEL, 2006). Conforme quadro abaixo:

<p>Classes características extrínsecas</p>	<p>São fechadas e formadas por unidades de significados, por um conjunto de critérios que determinam seus limites.</p>
<p>Grupos Características intrínsecas</p>	<p>Grupos, por sua vez, são “definidos” extensivamente, por meio de uma listagem de casos. Por serem compostos de fenômenos, pertencem ao domínio fenomenológico, são válidos apenas para um determinado tempo, espaço-grupo e precisam ser descritos. Quando um grupo é “definido” o que geralmente ocorre é que uma lista de objetos pertencentes ao grupo é fornecida, ou seja, é apresentada uma definição extensiva. Isto faz dos grupos, unidades amorfas, cujo sentido original se perde toda vez que um novo “caso” tem que ser adicionado.</p>

Tabela 2: Definição de classes e grupos

A análise do material arqueológico necessita desta sincronização que vai dos elementos técnicos de produção aos elementos ligados ao uso. Desta forma se compõe a ordenação de um conjunto de artefatos que é dinamizada pela interligação dos atributos **intrínsecos** e **extrínsecos** de cada coleção (FUNARI, 2003).

A primeira ordenação está ligada a itens de produção, tais como matéria prima e forma, na segunda são itens ligados à funcionalidade dos objetos, sua localização no tempo e no espaço. Portanto, a análise do material arqueológico da Fonte da Carioca foi pautada por distinções dos domínios que regem a classificação em arqueologia.

3.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir dos conceitos teóricos apresentados, a metodologia de análise do material arqueológico seguirá os conceitos que ordenam o processo de classificação de itens materiais, que tem como objetivo a obtenção de informações que viabilizem a elaboração de inferências sobre os grupos e seu universo cultural, já que os artefatos são considerados fonte de informação do comportamento de grupos que os utilizaram (FUNARI, 2003).

A primeira categorização do material arqueológico da Fonte da Carioca se fez pela matéria prima, sendo assim temos o seguinte ordenamento de classes: louça, vidro, metal, cerâmica, contas de colares e ossos.

As classes louça, vidro, metal, cerâmica e contas de colares foram analisadas individualmente por meio de fichas que possuem unidades de classes e grupos atendendo a necessidade de obter informações mais detalhadas.

3.3. LOUÇA

Esta categoria material foi analisada seguindo as diretrizes estabelecidas e definidas na classificação. Cada peça da coleção foi analisada individualmente e distribuída entre classes e grupos.

Neste processo considera-se que cada fragmento é alocado e suas informações organizadas para melhor compreensão do conjunto como todo. Embora a proposta fosse de analisar por amostragem durante a triagem observou-se baixa densidade, bem como pequena variabilidade no conjunto, sendo assim optou-se pela análise todos os fragmentos.

Foram exumados 74 fragmentos de louças. Que foram organizadas quatro classes vinculadas a tecnologia de produção. Os grupos foram definidos para que se pudesse ter informações detalhadas de cada objeto, e vincula-los a sua função. Com relação à classe foram estabelecidas 4 categorias: faiança, faiança fina, Ironstone e porcela.

Conforme pode ser observado no gráfico que segue existe predominância da classe da faiança fina, no material exumado. A predominância deste tipo viabiliza a realização da datação do depósito, que é feita pela associação de vários atributos tais como: tipo de decoração, tipo de esmalte, motivos e padrões decorativos. Na amostra analisada a frequência com relação à decoração é baixa, portanto será apresentada a data média somente pelo o tipo de esmalte. Ressaltamos, entretanto que a faixa cronológica somente deste grupo torna a datação menos confiável.



Gráfico 2: Distribuição do material arqueológico por tipo de pasta

Conforme pode ser observado no gráfico acima a frequência do tipo faiança fina é superior a soma das demais categorias, a baixa frequência dos demais tipos de louça associada a fragmentação destas não possibilita tabular informações tais como: tipo de decoração período ou procedência. A classificação destas são apenas de controle quantitativo. Abaixo segue prancha com imagens de alguns fragmentos de faiança comum, ironstone e porcelana.



Figura 48: Imagens de alguns fragmentos de faiança comum, ironstone e porcelana

3.3.1. Faiança Fina

Este tipo de louça teve sua produção iniciada na Europa ainda no século XIV, entretanto atendia prioritariamente o mercado local sendo que somente no século XVIII é difundida em toda a Europa, bem como no mercado mundial (Miller 1980). A qualidade e a durabilidade associada ao valor menor destes objetos fizeram deles preferência em vários locais, sendo que durante um longo período foi amplamente consumida em diversos mercados.

No Brasil ela torna-se popular a partir da década de vinte dos oitocentos e foi difundida por todo o território, assim é comum encontrá-las nos sítios arqueológicos históricos tanto em áreas urbanas ou rurais. Esta categoria de artefato se configura como o mais seguro indicador cronológico destes sítios, uma vez que pode ser datado de acordo com as técnicas de produção.



Figura 49: fragmentos de faiança fina

O primeiro atributo a se considerar na análise deste material é o tipo de esmalte

utilizado, uma vez que para esta categoria existe uma divisão cronológica bem definida, que contribui para a elaboração de feixes cronológicos para as camadas estratigráficas, entretanto além do esmalte é importante a associação de vários outros atributos para se conseguir data média confiável. No quadro abaixo pode ser observado a classificação quanto ao tipo esmalte.

Quadro de classificação da louça segundo o esmalte utilizado		
Tipo de	Características	Período
Cream ware	Deixa a louça com uma tonalidade creme, e com concentrações esverdeadas de esmalte, proporcionadas pela adoção do óxido de chumbo. (Josiah Wedgwood)	1763-1810
Pearl ware	Deixa a louça com uma tonalidade azulada, e com fortes áreas de concentração de esmalte azul, proporcionada pelo cobalto	1779-1850
White were	O produto não deixa marcas, tornando a louça branca.	1820- até os dias atuais

Tabela 3: Classificação da louça segundo esmalte. Fonte Tocchetto et al 2001

Na amostra analisada foi possível identificar os três tipos de esmalte conforme gráfico abaixo.



Gráfico 3: distribuição quanto ao tipo de esmalte

Os três tipos de esmalte geralmente encontrados na faiança fina estão presentes na amostra com predominância do Pearl Ware. Com este tipo de classificação é possível filtrar uma primeira data média para o depósito. Este cálculo é feito pela data média da manufatura que é obtida através média aritmética do intervalo de produção.

Faiança Fina /tipo de esmalte			
Tipo de Esmalte	Período	Data Média da Manufatura *	Qtde. (Frequência)
Cream Ware	1763-1810	1787	6
Pearl Ware	1779-1850	1815	24
White Ware	1820-até hoje	1915	8
Total			38

Tabela 4: Cálculo de média aritmética

Aplicada a fórmula da data média temos o seguinte resultado:

Tipo	Frequência X Data média	Resultado multiplicação
Cream Ware	6 x 1787	10722
Pearl Ware	24 x 1815	43560
White Ware	8 x 1915	15320
Total		69602

Tabela 5: Aplicação da fórmula de datação

$$DM = \frac{\sum (d_1 \cdot f_1)}{\sum f_1}$$

DM=69602/38

DM=1831

A coleção de louça analisada não viabiliza que outros conjuntos possam ser utilizados para aperfeiçoamento deste período. Os elementos de análise que poderiam ser utilizados para uma datação mais precisa não oferecem informações suficientes para que o feixe cronológico seja mais seguro.

A fórmula aplicada para datação da louça tem como base a utilização da frequência dos objetos neste caso é necessário considerar que a datação feita para todo o sítio tende a verticalizar para as datas mais recuadas que são do corte 2. Abaixo seguem as diretrizes de análise e fichas finalizadas.

Diretriz de Análise

Tipo de pasta	Tratamento de superfície/ esmaltes	Técnicas decorativas/ tipos de técnica		Motivos/ cenas	Forma	Parte da peça	Marca de fabricante (preencher)
1. Faiança	1. Cream ware	Superfície modificada	Superfície não modificada	1. Chinoiserie	1. Terrina	1. Base	
2. Faiança fina	2. Pearl ware	Padrões		2. Pastoral	2. Prato de sobremesa	2. Borda	
3. Porcelana	3. White ware			3. Vistas exóticas	3. Jarra	3. Paredes	
4. Ironstone		1.1 Trival 1.2 Royal rim 1.3 Shell edged 1.4 Gótico	2.1 Carimbado 2.2 Banhado 2.3 Spater 2.4 Sponge 2.5 Faixas e frisos 2.6 Spring 2.7 Pesant 2.8 Transfer	4. Sheet Floral	4. Açucareiro	4. Alça	
				5. Floral central	5. Pote	5. Asa	
				6. Romântico	6. Bacia		
				7. Clássico	7. Caneca		
					8. Copo		
					9. Escarradeira		
					10. Jarra		
					11. Malga		
					12. Xícara		
					13. Prato		
					14. Prato fundo		
					15. Prato raso		
					16. Pires		
					17. Sopeira		
					18. Tapa		
					19. Travessa		
					20. Urinol		
					21. Escarradeira		

Fonte: Majeswki e O'Brien, (1987); Tocchetto et al. (2001); Symanski (1996); Zanettini (1986)

Tabela 6: Diretriz de análise da faiança fina

3.4. VIDRO

Para a análise do material vítreo foi realizada triagem e separadas as categorias que podem apresentar elementos que tragam informações sobre técnicas de produção. Dos 1024 fragmentos foram analisadas 307 peças distribuídas entre gargalos, bases e paredes. Para esta coleção foi elaborado o guia de análise considerando as categorias que seguem abaixo:

Crítérios de análise				
Análise das bases				
Técnica de manufatura	Tipos de base	Marcas de pontil	Snap-case	Cor
1. Industrial 2. Manual	1.plana 2. conica	1. pontil de areia 2. pontil de vidro 3. pontil de metal	1. Sim 2. Não	1. Verde 2. Incolor 3. Âmbar 4. Azul
Análise dos Gargalos				
Técnica de manufatura	Tipo de gargalo		Cor	
1. Molde 2. Modelagem 3. Industrial 4. Não Identificado	1. Quebrado 2. Polido no fogo 3. Polido 4. Manipulado 5. Vidro adicionado 6. Lipping-Tool 7. NI		1. Verde 2. Incolor 3. Âmbar 4. Azul	
Análise das paredes				
Técnica de Manufatura	Cor			
1. Molde 2. Industrializado 3. Não Identificado	1. Verde 2. Incolor 3. Âmbar 4. Azul			

Tabela 7: Diretriz de análise do vidro

A separação do material para análise teve como referência os elementos que permitissem identificar marcas de técnicas de produção que neste caso é o elemento de maior potencial informativo. As 307 peças analisadas estão distribuídas da

seguinte forma: 40 fragmentos de bases, 25 fragmentos de gargalos e 242 fragmentos de paredes, conforme quadro abaixo.

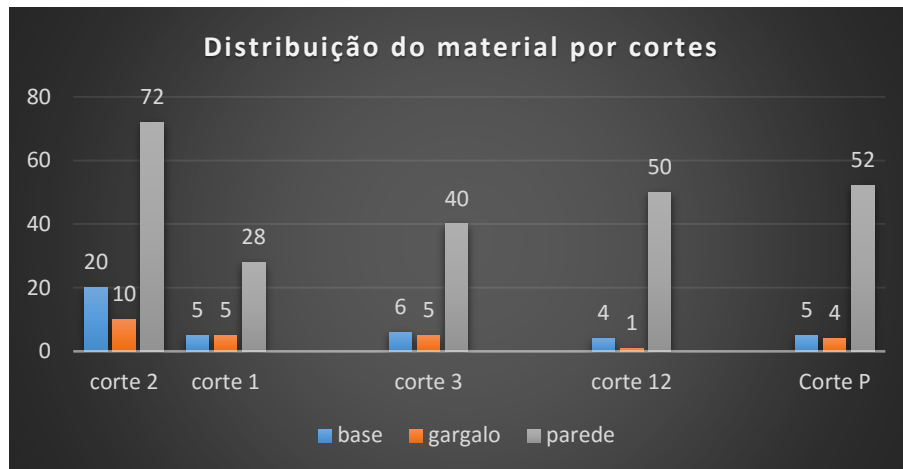


Gráfico 4: Distribuição do material por cortes

A amostra dos vidros da Fonte da Carioca é pouco significativa se for comparada com as outras categorias materiais, tratam-se de peças muito fragmentadas e que trouxeram poucas informações com relação a período, não sendo possível a utilização dos dados para associação com a louça para datação. No gráfico abaixo segue localização dos fragmentos vítreos distribuídos por técnica de manufatura.

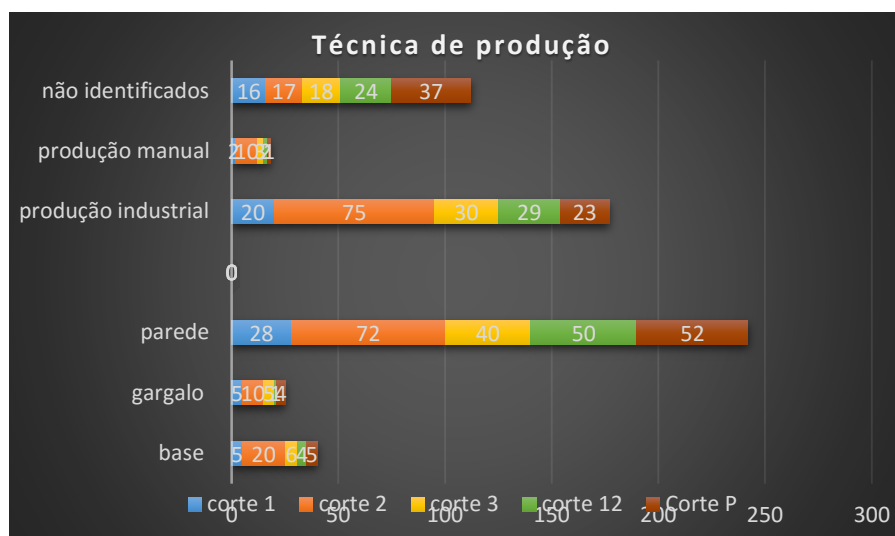


Gráfico 5: Técnica de produção

As informações do gráfico acima demonstram a predominância de fragmentos de vidros produzidos por técnica de produção industrial. Entretanto ressaltamos que

este material proveniente de períodos mais recentes se encontra em níveis entre 30 e 40 cm, estando, portanto acima do calçamento original identificado nas escavações.

Para cada categoria (base, gargalos e paredes) foram eleitos elementos para serem analisados separadamente. No caso das bases foram analisadas 40 fragmentos de bases de garrafas, entretanto não foi possível atribuir função conforme discutido anteriormente. Para esta categoria obtivemos o seguinte gráfico de acordo com a ficha protocolo de análise.

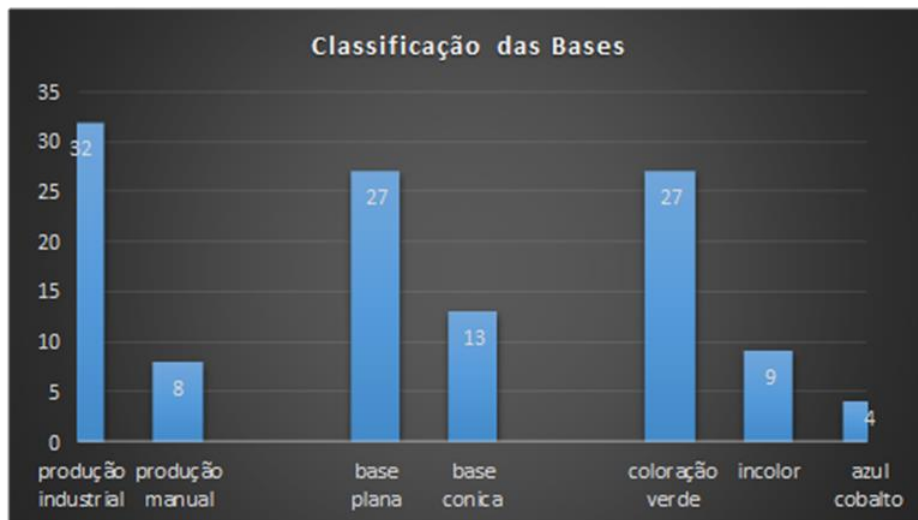


Gráfico 6: Classificação das bases

Conforme as informações contidas no gráfico 6, existe o predomínio de bases produzidas industrialmente, que estão distribuídas nas camadas que alcançam até 40 cm de profundidade. Nos fragmentos de bases foi possível identificar 13 bases cônicas, destas oito com características de produção artesanal, entretanto não foi possível a identificação de marcas de pontil. Com relação à coloração a amostra segue com predominância de vidros de coloração verde.

Com relação aos gargalos analisados foi possível a identificação de topos de produção industrial e manual, sendo que entre os fragmentos foram identificados topos do tipo manipulado e do tipo lipping-tool. Somente para estas categorias seria possível se ter um feixe cronológico, entretanto a baixa frequência do material arqueológico inviabiliza uma datação confiável. Abaixo segue gráfico com resultado da análise desta categoria material.

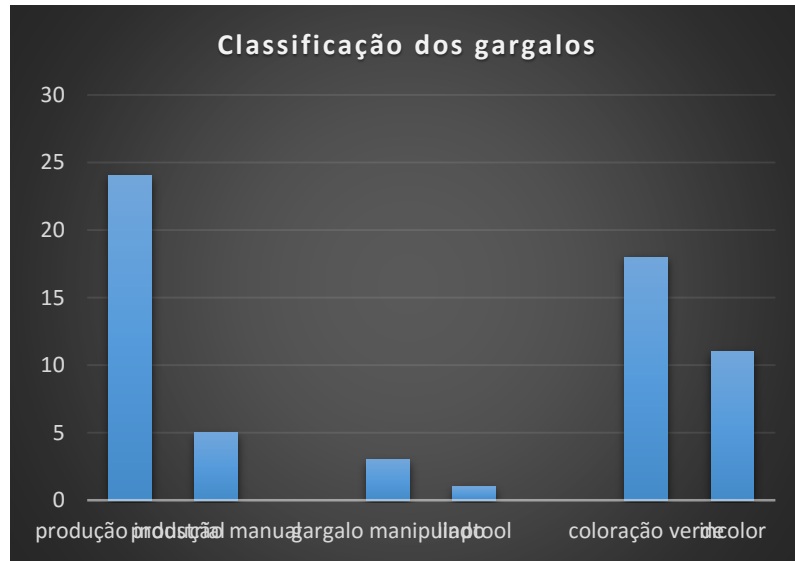


Gráfico 7: classificação dos gargalos

A terceira categoria analisada refere-se aos fragmentos de parede, neste caso temos elementos analíticos ainda mais resumidos, pois nas paredes fragmentadas poucas informações com relação à tecnologia de produção podem ser retiradas. Neste caso foram analisadas as colorações e técnica de produção conforme gráfico abaixo.

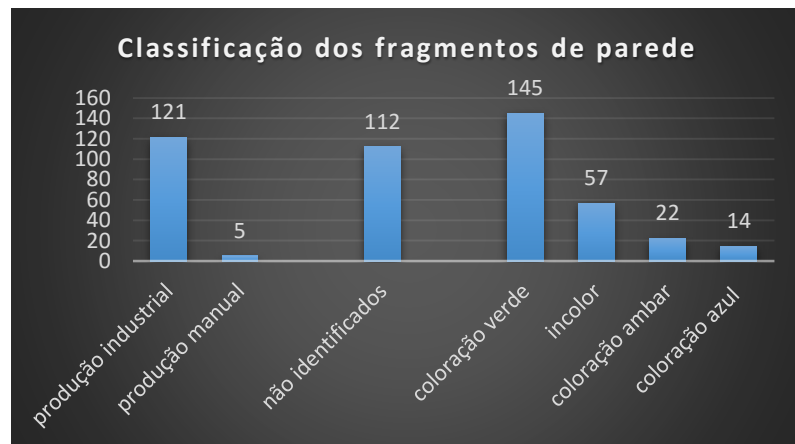


Gráfico 8: Classificação das paredes

3.5. METAL

Na totalidade de 210 fragmentos foi possível a identificação de 76 fragmentos, o que corresponde, conforme pode ser observado no gráfico abaixo, a apenas 36% da coleção.

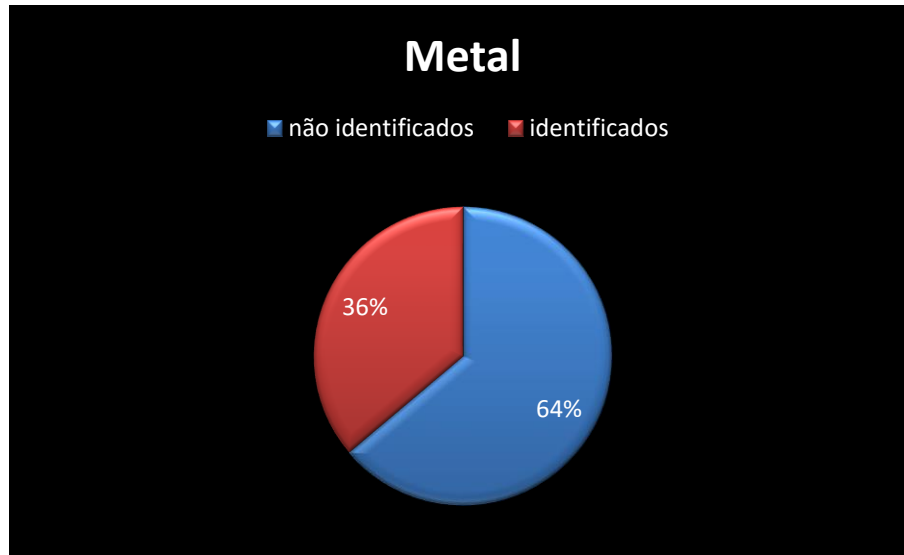


Gráfico 9: Dados de identificação

A análise do metal da fonte da carioca não focará em uma diversidade de categorias, sendo estabelecida para análise divisão por categorias funcionais: arsenal, ferramentas, construtivo, transporte objetos de uso doméstico e outros.

O material construtivo tem maior representatividade na amostra, são 51 fragmentos, seguido pelo arsenal, com 21, ainda foi identificado 1 anel de bronze, 2 moedas e objetos do uso doméstico tais como fragmento de caneca 1. No gráfico que segue é possível visualizar esta distribuição por corte estratigráfico.

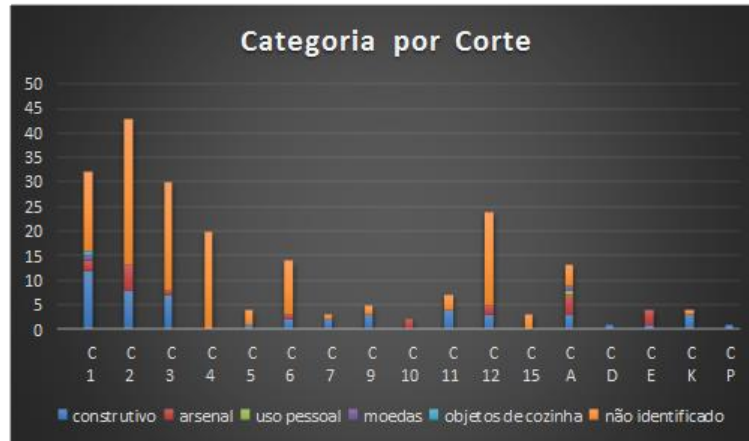


Gráfico 10: Categoria material por corte

A maior parte desta categoria de material metálico principalmente os de origem ferruginosa não possuem bom estado de preservação, pois o processo corrosivo compromete os objetos em um curto espaço de tempo.



Figura 50: Material Construtivo



Figura 51: Projétil



Figura 52: Projétil



Figura 53: Moedas referente ao Brasil Império



Figura 54: Moedas referente ao Brasil Império



Figura 55: Anel

3.6. CERÂMICA

A escolha da amostra foi baseada na separação de classe e padrões decorativos da cerâmica, sendo escolhidos os fragmentos que poderiam oferecer atributos técnico-morfológicos. Foram selecionadas todas as bordas, bases e cachimbos assim como, algumas paredes que apresentavam decoração plástica, pintura ou ambas; apêndices, alças e asas. Os parâmetros estabelecidos para a análise técnica-morfológica foram: classe, técnica de manufatura, queima, tratamento de superfície, marcas e espessura dos fragmentos e tipo de aditivo.

Em relação às bordas foram estabelecidos três parâmetros de análise: morfologia do lábio e da borda, estrutura da borda e o contorno que através dos pontos de inclinação da borda e da parede.

3.6.1. Classe

Análise da classe é a identificação morfológica do objeto, realizado através da classificação de estrutura física o que consiste no conceito de função e funcionalidade do objeto (MÂTUA et al, 2017).

Observamos que a amostra de 683 fragmentos analisados é composta por: 01 apêndice, 01 fragmento de junção de forma conjugada, 01 peça apresentando borda + parede + base, 02 fragmentos de parede angular, 03 fragmentos de asas, 10 fragmentos de alças, 11 apliques, e 21 cachimbos entre fragmentos e peças, 46 fragmentos de paredes, 82 fragmentos de bases e 476 fragmentos de bordas (tabela 07; gráfico 10).

Classe		
Classes	Quantidade de peça	Porcentagem
Bordas	476	69,7%
Bases	82	12%
Cachimbos	21	3,1%
Aplique	11	1,6%
Alças	10	1,4%
Asas	03	0,4%
Borda + parede + base	01	0,1%
Junção de forma conjugada	01	0,1%
Apêndice	01	0,1%

Tabela 8: Classificação da cerâmica

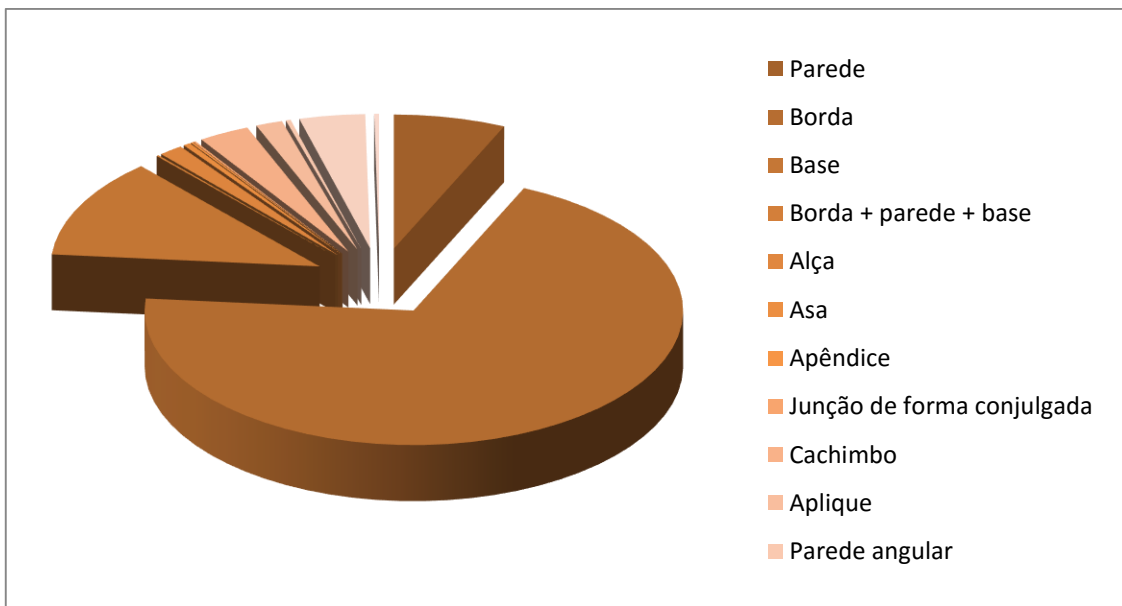


Gráfico 11: Classe

3.6.2. Técnica de manufatura

O processo de estruturação dos vasilhames consiste em um conjunto de técnicas que são aplicadas pelo ceramista. As principais técnicas observadas são: roletada (onde a sobreposição e junção de roletes para construção do artefato), acordelado (os roletes são disposto de forma espiralada), placas (a argila é modelada em placas e depois é realizada a sua junção), modelada (onde a argila é modelada pelo ceramista com o uso das mãos), moldada (com a utilização de um molde pré-fabricado a argila é moldada em duas faces e depois há junção faces) e a torneada (onde a utilização do torno para a manufatura da peça), (LA SALVIA, BROCHADO, 1989; SCATAMACCHIA, 2004). Em alguns pode ser observado que há mais de uma técnica empregada na manufatura do vasilhame.

Na amostra fragmentos observamos que a principal técnica de manufatura observada foi a roletada com a identificação de 304 fragmentos. A segunda principal técnica observada foi a placa, observados em 56 fragmentos. As demais técnicas observadas foram: moldados em 15 fragmentos, modelados em 07 fragmentos, roletada + placa em 07 fragmentos e a torneada em 08 fragmentos.

Não foi possível observar a técnica de manufatura em 286 fragmentos o que representa 41,9% da amostra (tabela 08; gráfico 11).

Tipo de técnica	Porcentagem
Roletada	44,5%
Placa	8,2%
Modelada	1,0%
Moldada	2,2%
Roletada + placa	1,0%
Torneada	1,8%
Não identificadas	41,9%

Tabela 9: Técnica de manufatura

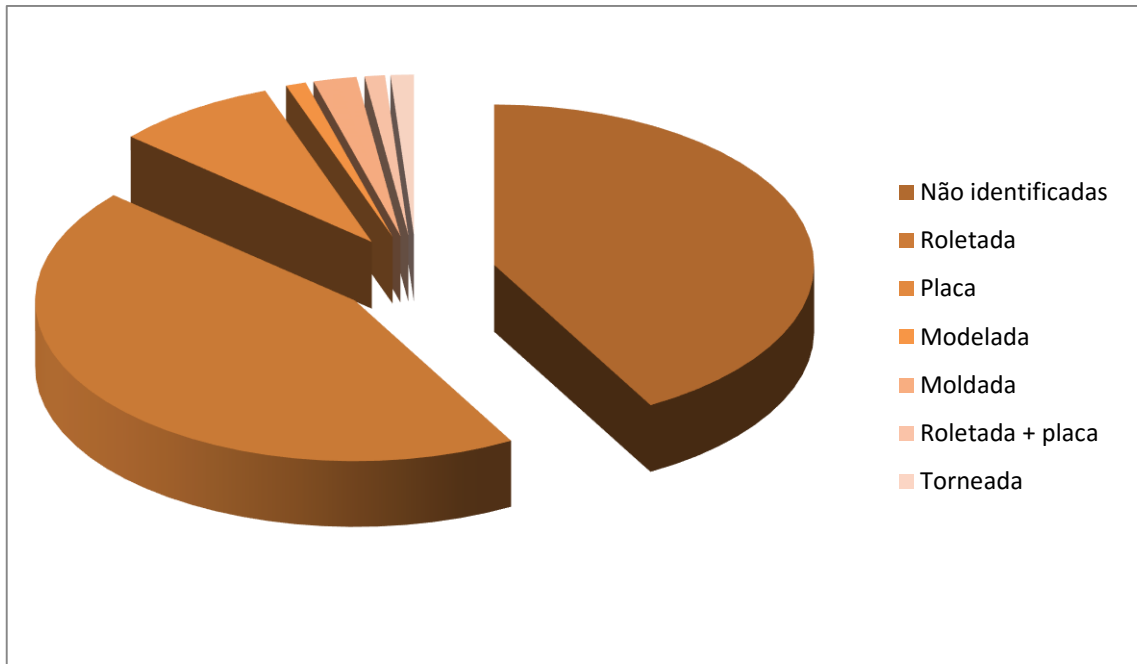


Gráfico 12: Técnica de manufatura

3.6.3. Tratamento de superfície

Segundo La Salvia e Brochado (1989) os processos de acabamento superficiais estariam divididos em três etapas processos preparatórios, acabamento e processo decorativos.

O processo preparatório da construção das peças estaria intrinsecamente ligado às etapas seguintes de acabamento e decoração. O processo de acabamento é uma etapa que pode significar a finalização do processo de construção, contudo ela pode criar um suporte para a etapa decorativa.

O processo decorativo são características artísticas que são aplicadas através da utilização de um conjunto de técnicas sobre a superfície da peça (LA SALVIA e BROCHADO, 1989). As análises classificatórias das técnicas de tratamentos de superfícies foram divididas em processos produtivos e decorativos.

3.6.4. Processo acabamento

Em relação aos principais processos de acabamento foram selecionados as principais técnicas: alisadas, polidas, engobo / banho, vidrada, enegrecidas e sem tratamento.

A análise dos dados é quantificada em relação à face interna e externa, pois a técnica de tratamento de superfície é a característica funcional e estética que os objetos adquirem de acordo com cada técnica utilizada.

O alisamento e o polimento são técnicas que consistem na retirada das rugosidades da superfície cerâmica, o alisamento é realizado no momento da confecção retirando a rugosidade e deixando uma superfície uniforme o que auxilia na fixação dos roletes. A técnica de polimento é realizada quando o vasilhame oferece um grau de dureza para que a superfície seja alisada de maneira abrasiva, nesta etapa pode ser utilizado um seixo deixando a superfície com um leve brilho (CEREZER, 2011; LA SALVIA e BROCHADO, 1989).

Os processos de produção do engobo/banho incorporam o alisamento que é a retirada da rugosidade da superfície do vasilhame e a imersão do mesmo em um banho com a finalidade de tingimento que pode ser a preparação para uma pintura. O enegrecimento que é uma mistura de cinzas e especiarias tem a finalidade de impermeabilizar o vasilhame (LA SALVIA e BROCHADO, 1989;). A técnica vidrada consiste na mistura de:

...vidro em pó misturadas com óxidos e outras substâncias que cobrem a superfície cerâmica. Tem como finalidade primeira impermeabilizar o objeto em chacota, aumenta a resistência física da superfície à ação dos agentes externos, e também ser meio de decoração (MÁTUA et al, 2017, p.119 – 120).

Ao analisar o tratamento de superfície da amostra de 683 fragmentos da Fonte da Carioca foi observado que na face interna 592 fragmentos foram alisados, 61 fragmentos polidos, de 09 fragmentos continham engobo / banho, 05 fragmentos continham enegrecimento, 04 cerâmicas vidradas e 02 fragmentos como decoração total. Em 10 fragmentos não foi possível observar o tipo de tratamento de superfície

por não haver certeza do tratamento empregado, estarem erodidos ou apresentaram deslocamento total (tabela 10).

Técnica	Quantidade de peça	Porcentagem
Alisamento	592	86,7%
Polimento	61	8,9%
Engobo / Banho	14	2,1%
Enegrhecimento	05	0,7%
Vidrada	04	0,6%
Decoração total	02	0,3%
Não foi possível observar	05	0,7%
Erodidos	03	0,4%
Deslocamento total	02	0,3%

Tabela 10: Tratamento de superfície interna

Em relação ao tratamento de superfície da face externa da peças 541 fragmentos haviam sido alisados, 77 fragmentos polidos, 15 fragmentos como engobo /banho, 05 fragmentos com enegrecimento, 03 cerâmicas vidradas e 21 fragmentos como decoração total. Em 21 fragmentos não foi possível observar o tipo de tratamento de superfície por não haver certeza do tratamento empregado, estarem erodidos ou apresentaram deslocamento total (tabela 11, gráfico 13).

Técnica	Quantidade de peça	Porcentagem
Alisamento	541	79,2%
Polimento	77	11,3%
Engobo / Banho	15	2,2%
Enegrhecimento	05	0,7%
Vidrada	03	0,4%
Decoração total	21	3,1%
Não foi possível observar	11	1,6%
Erodido	06	0,9%
Desplacamento total	04	0,5%

Tabela 11: Tratamento de superfície externa

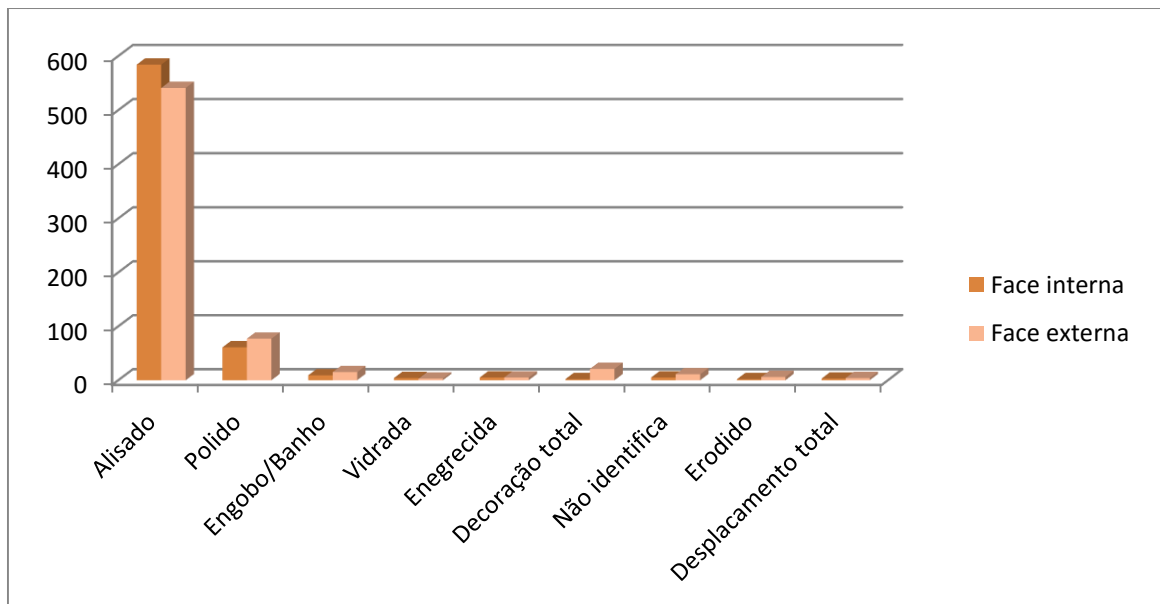


Gráfico 13: Tratamento de superfície interno/externo

3.6.5. Engobo

Com relação às peças analisadas que apresentaram a utilização da técnica de engobo como tratamento de superfície foram divididas em dois grupos as que apresentaram na face interna e na face externa. É importante frisar que todas as peças que apresentaram engobo localizado na face interna também apresentaram engobo na face externa, o que não acontece com todas as peças em que há engobo na face externa.

Dos 09 fragmentos que apresentaram engobo na face interna, 07 possuem a cor branca e 02 cor vermelha. Das peças que apresentaram engobo branco, em 05 fragmentos há decoração do tipo de pintura nas cores vermelha e branca (tabela 12).

Quantidade de peças com engobo	Tipos de cor	Peças com decoração	Tipo de decoração	Cor da decoração
07	Branco	05	Pintura	03 Vermelho 02 Preto
02	Vermelha	02	Pintura	02 Branco

Tabela 12: Tratamento de superfície interna – engobo

Em 15 fragmentos observou-se engobo na face externa, estes apresentaram três tipos de coloração: 09 brancos, 03 vermelhos e 02 marrons e 01 preto (tabela 13).

Quantidade de peças com engobo	Tipos de cor	Peças com decoração	Tipo de decoração	Cor da decoração
09	Branco	06	06 Pintura 01 Pintura + Plástica	05 Vermelho 02 Preto
03	Vermelha	02	Pintura	02 Branco 01 Vermelho
02	Marrom	-	-	-
01	Preto	-	-	-

Tabela 13: Tratamento de superfície externa engobo

3.6.6. Queima

Através do processo da queima a cerâmica estabelece características como dureza, porosidade, resistência física e resistência térmica. A estrutura de combustão e o ambiente atmosférico são importantes na eficácia da cozedura das peças. Estas podem ser observados através da coloração do núcleo (CEREZER, 2011).

Núcleos claros (branco, vermelho, cinzas claros) indicam que durante a queima se encontravam em ambientes oxidantes ou como maior circulação de ar, estes são característicos de queimas em locais abertos como em fogueiras. Neste mesmo ambiente podem ocasionar peças que apresentam núcleos como dois tipos de coloração escura e clara, o que indicam a variação de temperatura durante a queima (CEREZER, 2011).

Fragmentos ou peças como núcleos escuros são indicativos de ambientes redutores como fornos o que limita a circulação de ar, a utilização de fornos para a cozedura das peças e a forma mais eficaz, pois a instabilidade atmosférica pode ocasionar uma queima incompleta ou fazer com que haja rachaduras nas peças (CEREZER, 2011).

Na amostra 63,1% dos fragmentos com oxidação completa, 29,2% dos fragmentos com superfície oxidante e núcleo redutor, 07 fragmentos com superfície interna oxidante e superfície externa redutora e 1,0% dos fragmentos com superfície interna oxidante e superfície externa redutora o que indica que a queima destas peças ocorreu em ambiente como grande quantidade de oxigênio (tabela 14).

Apenas 39 fragmentos apresentaram núcleo com redução completa o que indica que o ambiente da queima correu com ausência de oxigenação. Em apenas 05 fragmentos não foi possível observar o tipo de queima, pois apresentavam deslocamento ou erosão.

Técnica	Quantidade e de peça	Porcentagem
Oxidação completa	431	63,1%
Superfície oxidada e núcleo redutor	200	29,2%
Redução completa	39	5,7%
Superfície oxidante e superfície redutora	01	0,1%
Superfície interna oxidante e superfície externa redutora	07	1,0%
Não foi possível observa o tipo de queima	05	0,7%

Tabela 14: Tipo de queima

3.6.7. Espessura das peças

A espessura dos fragmentos é aferida através do auxílio de um parquímetro, a unidade de medida utilizada é o milímetro. Ao analisar a espessura dos fragmentos classificou-se como fina, média e grossa.

Em 70,8% dos fragmentos observamos que sua espessura estava entre 6 – 10 mm e como 18,7% fragmentos 1 – 5 mm o que indicam que os fragmentos apresentam espessura muito fina e fina (tabela 15, gráfico 14).

Os fragmentos com a espessura média a grosso ficaram em 7,7% da amostra e em 2,6% dos fragmentos não foi possível aferir a espessura por se encontrarem erodidos ou com deslocamento.

Espessura em milímetros	Quantidade de peça	Porcentagem
1 < 5	128	18,7
6 < 10	484	70,8
10 < 15	48	7,0
16 < 20	5	0,7
Erodidos - deslocamento	18	2,6

Tabela 15: Espessura dos fragmentos

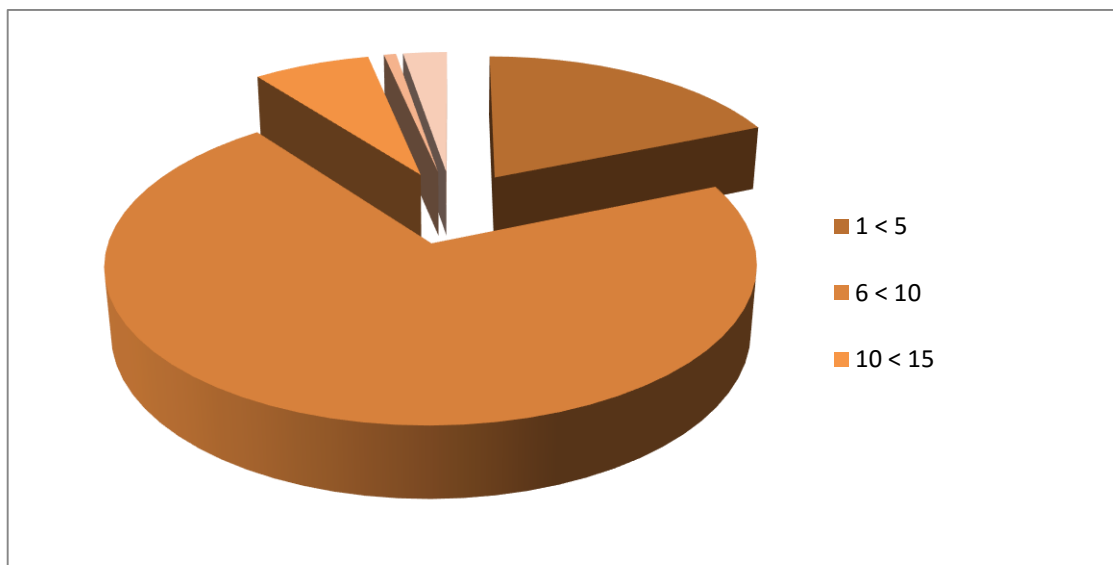


Gráfico 14: Espessura dos fragmentos

3.6.8. Morfologia das bordas

A amostra das bases consistiu em 82 fragmentos, todos estes foram desenhados e classificados de acordo com a sua morfologia. Da amostra de 82 fragmentos 74,4% dos fragmentos foram identificados como bases planas, 8,5% como bases convexas, 9,8% como bases em pedestal e 7,6% como bases anelares (tabela 16, gráfico 15).

Tipo	Quantidade de peça	Porcentagem
Plana	61	74,4%
Convexa	07	8,5%
Em pedestal	08	9,8%
Anelar (vazada)	06	7,3%

Tabela 16: Morfologia das bases

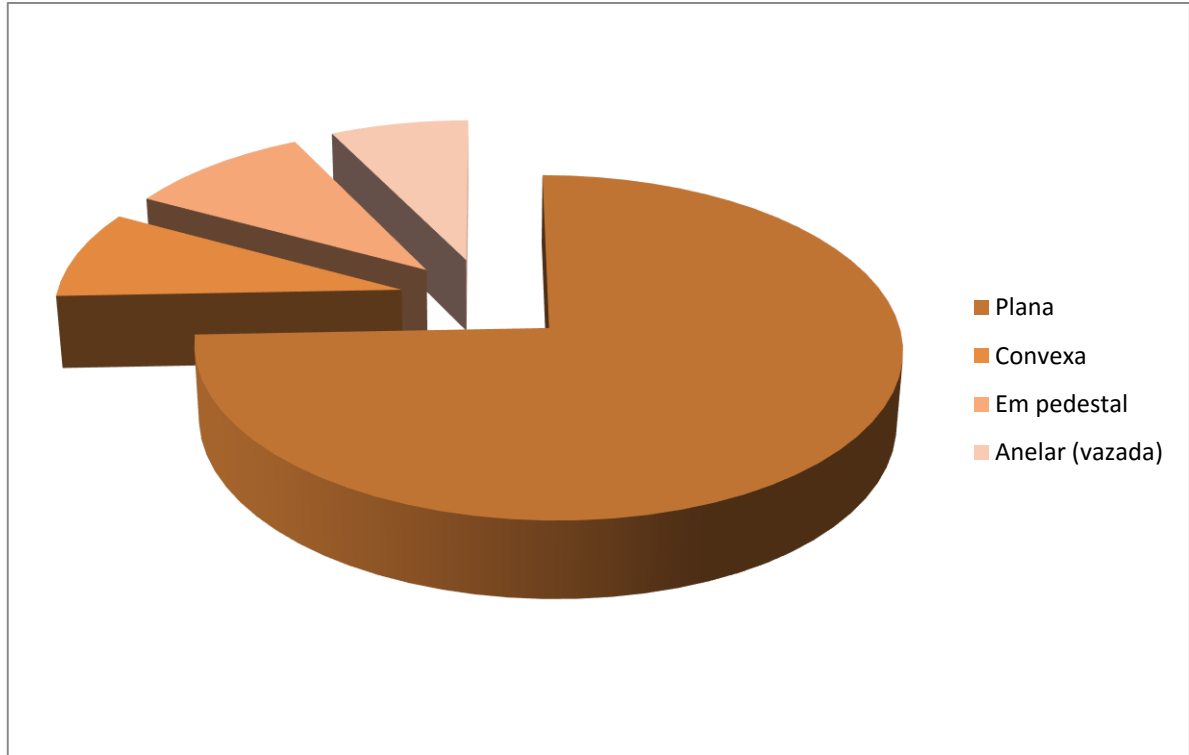


Gráfico 15: Morfologia das bases

De acordo como SCATAMACCHIA (2011) os grupos cerâmicos são definidos de acordo com o contorno, e ângulo da abertura das peças. São definidos dois grandes grupos cerâmicos, os vasilhames com contorno irrestrito e os com contorno restrito.

A morfologia dos vasilhames incorporam aspectos de morfologia do lábio, espessura do lábio, contorno da borda e contorno da peça, além da mensuração do ângulo e do diâmetro com auxílio do ábaco.

Em relação a morfologia do lábio 60,8% apresentaram lábio como arredondada, 27,6% das peças com lábio plano, 3,9% com lábio apontado e 0,4% com lábio biselado. Em 7.2% das peças se encontravam como o lábio erodido (tabela 17).

Forma do lábio		
Tipo	Quantidade de peça	Porcentagem
Plano	141	27,6%
Arredondado	310	60,8%
Apontado	20	3,9%
Biselado	2	0,4%
Erodido	37	7,2%

Tabela 17: Forma do lábio

A análise da espessura das bordas e lábios da Fonte da Carioca apresentou que de 510 fragmentos 82,1% com espessura normal, 5,6% espessura expandida, 3,3% reforço interno, 2,6% reforço externo e 0,6% fragmentos como a dobramento (tabela 18).

Espessura da borda		
Tipo	Quantidade de peça	Porcentagem
Não identificado	29	5,7%
Normal	419	82,1%
Expandida	29	5,6%
Reforço interno	17	3,3%
Reforço externo	13	2,5%
Dobrada	3	0,6%

Tabela 18: Espessura da borda

Das 583 bordas em apenas 30% das bordas foi possível observar a forma, sendo divididas em dois grupos: as diretas com 19,8% das peças e as com forma extrovertidas em 10,2% das peças. Os 70% da amostra onde não foi possível observar a forma da borda foram peças classificadas como lábio, peças muito fragmentadas que foi impossível de observar a inclinação ou que apresentavam erosão na borda e no lábio (tabela 19).

Forma da borda		
Tipo	Quantidade de peça	Porcentagem
Não identificado	357	70,0%
Direta	101	19,8%
Extrovertida	52	10,2%

Tabela 19: Forma da borda

3.6.9. Tipologia dos vasilhames

A classificação tipológica foi realizada segundo critérios estabelecidos por Sheppard (1963) e, portanto, levaremos em consideração elementos estruturais dos vasilhames. Os tipos foram estabelecidos com base nos seguintes aspectos: abertura, contorno, diâmetro da boca, ângulo da borda, ângulo da parede.

Apenas em 150 fragmentos foi possível observar a abertura e o contorno resultando classificação de 03 grupos tipológicos de vasilhames: 1º Aberto Simples; 2º Fechado Simples; e 3º Fechados Independentes (tabela 20).

Contorno da borda		
Tipo	Quantidade de peça	Porcentagem
Aberta simples	81	54%
Fechadas simples	18	12%
Fechadas independentes	51	34%

Tabela 20: Contorno da borda

Os vasilhames considerados abertos caracterizam-se por ângulos de abertura maiores ou iguais a 90° e a maior medida do vasilhame é na boca. Os vasilhames considerados fechados possuem ângulos da borda menores ou iguais a 89° e a maior medida do vasilhame encontra-se no bojo. Os vasilhames considerados como de contorno simples são aqueles em que a forma não possui mudança de direção e, portanto não possui pontos de inflexão. Os vasilhames considerados como de contorno inflectido são aqueles em que a forma possui mudança de direção provocando um ponto de inflexão.

3.4.9.1. Grupos das abertas simples

O 1º grupo Aberto Simples é constituído por apenas 81 bordas sendo que apenas 19 bordas apresentaram diâmetro 40 e 52 cm e a maior incidência dos diâmetros das borda é entre 16 e 18 cm. O ângulo da borda está entre 91° e 130° (figura 56).



Figura 56: Vasilhame Aberto Simples

3.4.9.2. Grupo das fechadas simples

O grupo das fechadas simples são vasilhames com abertura restrita que apresentam a ângulo de inclinação $> 90^\circ$ é composto por 18 fragmentos. Destes apenas 04 bordas apresentaram diâmetro entre 12 e 18 cm (figura 57).

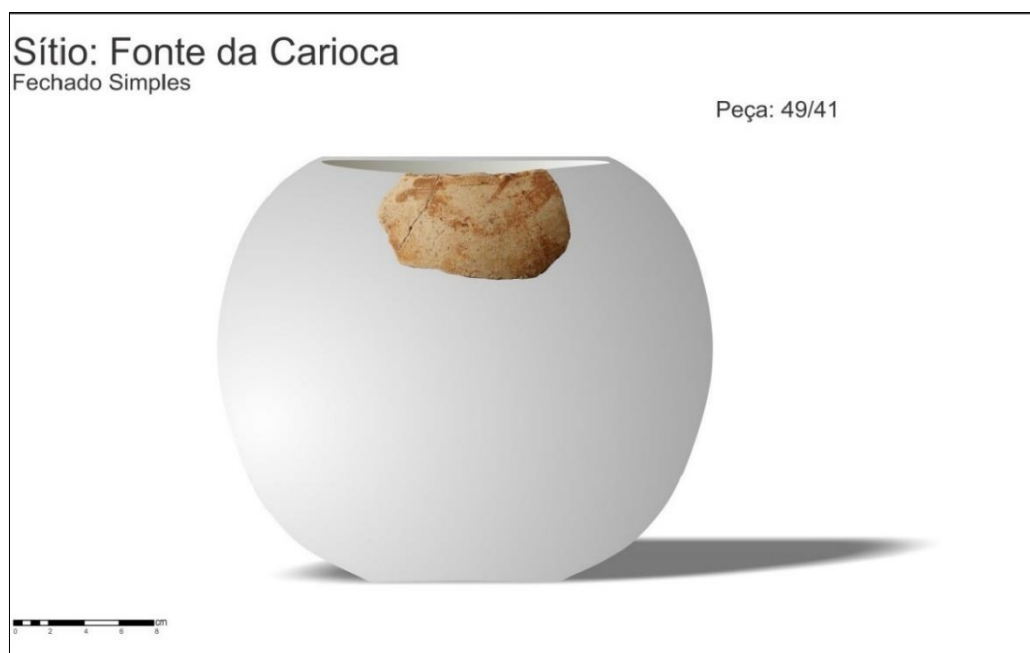


Figura 57: Vasilhame Fechado Simples

3.4.9.3. Grupos das fechadas independentes

O 3º grupo é o fechado independente com 51 bordas que apresentaram ângulo da borda entre $91^\circ > 130^\circ$ e ângulo da parede entre $46^\circ > 90^\circ$ sendo que apenas 22 bordas com diâmetro (figura 58).

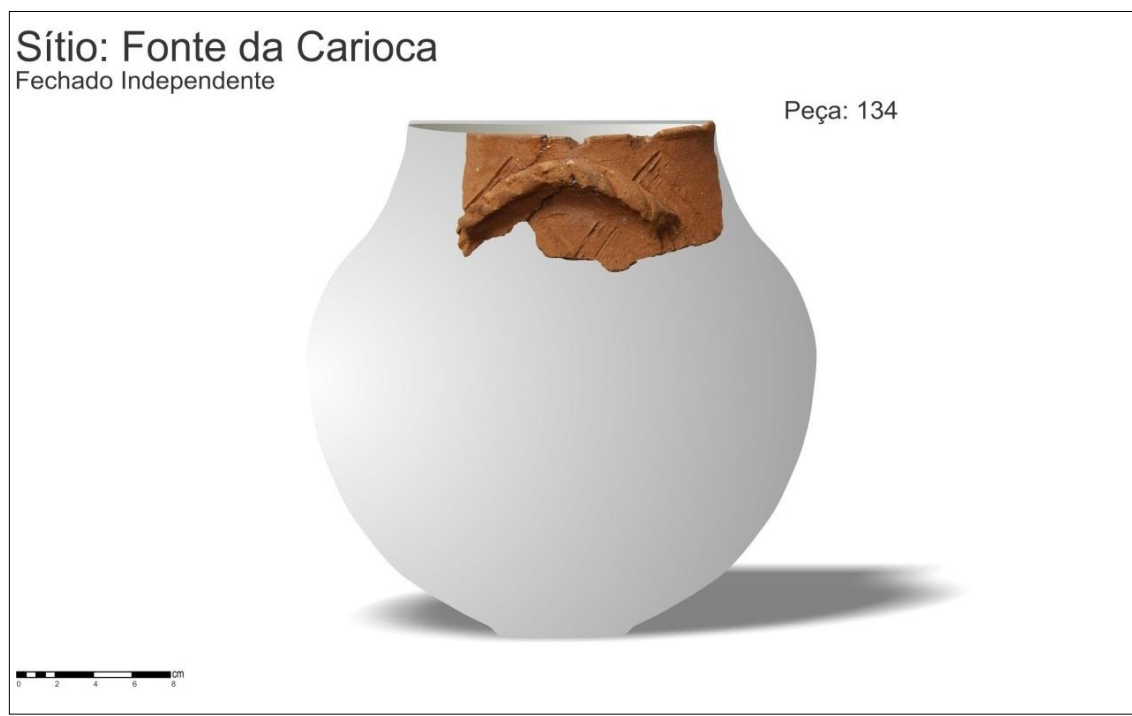


Figura 58: Vasilhame fechado Independente

3.6.10. Cachimbos

Cachimbos são forninhos (cavidade onde se introduz o tabaco) que são acoplados a uma haste (tubo para tragar o tabaco) que pode ser feita de cerâmica, madeira e outros materiais (MÂTEA et al, 2014; FACCIO e BACO, 2009).

Na Fonte da Carioca foram exumados 21 cachimbos feitos de cerâmica; das 21 peças, 03 apresentavam ótimo estado de conservação, o restante das peças, 18 fragmentos, estão entre regular e péssimo. Em relação aos tributos técnico-morfológicos constatamos que a técnica de manufatura moldada foi utilizada em 15 fragmentos não sendo identificada em 06 fragmentos. O tratamento de superfície observado em 03 fragmentos foi a utilização de técnica de alisamento que atribui característica acabamento a estas peças.

Em 18 fragmentos foram identificados processos de decoração total da face externa, estas identificadas como tipo de decoração plástica separada por dois tipos de ação: a estriada e a impressa. A ação estriada consiste na utilização de um instrumento que friccionado a peça forma a expressão decorativa. No caso da impressa é realizada através de instrumento ou estampa.

Foram observadas em 10 peças, a ação decorativa estriada que apresentavam tipo de expressão incisa com variação entre longitudinal, vertical, semicirculares e oblíqua.

A ação decorativa impressa é obtida através da utilização de um instrumento estampa ou molde no qual imprime sobre a peça uma expressão decorativa. Na amostra dos 21 fragmentos de cachimbos da Fonte da Carioca 08 peças apresentaram ação decorativa por impressão, que formam as seguintes variações: círculos, flores, pontilhismos, associação de semicírculos com detalhes de pontilhados. Estas expressões decorativas provavelmente foram entalhadas nos utilizados na confecção (figura 59).

Para a análise dos cachimbos considerou-se que a descrição sumária fosse a melhor alternativa metodológica, sendo assim foram eleitos os seguintes critérios descritos na tabela que segue:

Número da peça	Descrição sumária
	Forno: Corpo do forno: Chaminé: Porta-boquilha: Boquilha: Apêndice: Furo do apêndice: Corpo: Estado de conservação: Observações:

Tabela 21: Referências para descrição sumária dos cachimbos



Figura 59: Cachimbos

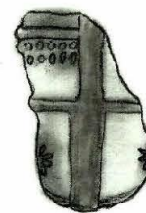
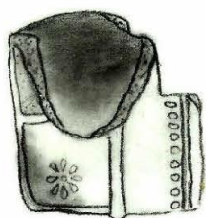
**ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO PROVENIENTE
DAS ESCAVAÇÕES DA RESTAURAÇÃO DA FONTE DA
CARIOCA**

Dados de identificação: 1

Corte: 06

Nível: 30 – 40 cm

Nº da peça: 05 A



Desenho sem escala em tamanho real

Quadro de descrição sumária

Medidas em mm

Fornilho: 21 mm

Corpo do fornilho: 26 mm

Chaminé: 38 mm

Porta-boquilha: 16 mm

Boquilha: -

Apêndice: 07 mm

Furo do apêndice: -

Corpo: 32 mm

Estado de conservação: ótimo

Observações:

**ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO PROVENIENTE
DAS ESCAVAÇÕES DA RESTAURAÇÃO DA FONTE DA
CARIOCA**

Dados de identificação: 02

Corte: F

Nível: 20 – 30 cm

Nº da peça: 01

Quadro de descrição sumária

Medidas em mm

Fornilho: 9 mm

Corpo do fornilho: 5 mm

Chaminé: 12 mm

Porta-boquilha: 6mm

Boquilha:

Apêndice: 5mm

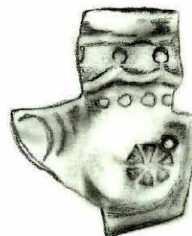
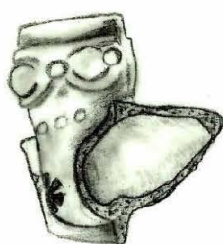
Furo do apêndice:

Corpo: 4 mm

Estado de conservação:

regular

Observações:



Desenho sem escala em tamanho real

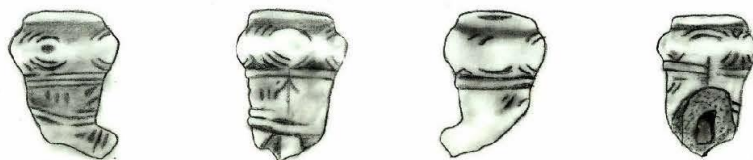
**ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO PROVENIENTE
DAS ESCAVAÇÕES DA RESTAURAÇÃO DA FONTE DA
CARIOCA**

Dados de identificação: 03

Corte: 02

Nível: 140 – 150 cm

Nº da peça: 04 B



Desenho sem escala em tamanho real

Quadro de descrição sumária

Medidas em mm

Fornilho: 9

Corpo do fornilho: 20

Chaminé: 35

Porta-boquilha: -

Boquilha:-

Apêndice: 7

Furo do apêndice:

Corpo: 25

Estado de conservação: bom

Observações: Observado a técnica decorativa plástica.

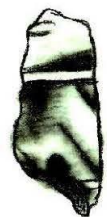
**ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO PROVENIENTE
DAS ESCAVAÇÕES DA RESTAURAÇÃO DA FONTE DA
CARIOCA**

Dados de identificação: 04

Corte: 02

Nível: 40 – 50 cm

Nº da peça: 06



Desenho sem escala em tamanho real

Quadro de descrição sumária

Medidas em mm

Fornilho: -

Corpo do fornilho: -

Chaminé: -

Porta-boquilha: -

Boquilha: -

Apêndice: -

Furo do apêndice: -

Corpo: -

Estado de conservação: -

Observações:

Há apenas parte do corpo da peça
que apresenta expressão decorativa
plástica.

**ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO PROVENIENTE
DAS ESCAVAÇÕES DA RESTAURAÇÃO DA FONTE DA
CARIOCA**

Dados de identificação: 05

Corte: 02

Nível: 50 -60 cm

Nº da peça: 02



Desenho sem escala em tamanho real

Quadro de descrição sumária

Medidas em mm

Fornilho: 12 mm

Corpo do fornilho: 22 mm

Chaminé: -

Porta-boquilha: -

Boquilha: -

Apêndice: -

Furo do apêndice: -

Corpo: -

Estado de conservação: ruim

Observações:- Peça com
expressão decorativa plástica.

**ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO PROVENIENTE
DAS ESCAVAÇÕES DA RESTAURAÇÃO DA FONTE DA
CARIOCA**

Dados de identificação: 06

Corte: 06

Nível: 30 – 40 cm

Nº da peça: 05 B



Desenho sem escala em tamanho real

Quadro de descrição sumária

Medidas em mm

Fornilho: -

Corpo do fornilho: -

Chaminé: -

Porta-boquilha: -

Boquilha: -

Apêndice: -

Furo do apêndice: -

Corpo: -

Estado de conservação: ruim

Observações:

Peça com expressão decorativa
plástica.

**ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO PROVENIENTE
DAS ESCAVAÇÕES DA RESTAURAÇÃO DA FONTE DA
CARIOCA**

Dados de identificação: 07

Corte: 06

Nível: 60 – 70 cm

Nº da peça: 08



Desenho sem escala em tamanho real

Quadro de descrição sumária

Medidas em mm

Fornilho: -

Corpo do fornilho: -

Chaminé: -

Porta-boquilha: -

Boquilha: -

Apêndice: -

Furo do apêndice: -

Corpo: -

Estado de conservação: Ruim

Observações:

Peça com expressão decorativa
plástica.

**ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO PROVENIENTE
DAS ESCAVAÇÕES DA RESTAURAÇÃO DA FONTE DA
CARIOCA**

Dados de identificação: 08

Corte: 02

Nível: 160 – 170 cm

Nº da peça: 09



Desenho sem escala em tamanho real

Quadro de descrição sumária

Medidas em mm

Fornilho: -

Corpo do fornilho: -

Chaminé: -

Porta-boquilha: -

Boquilha: -

Apêndice: -

Furo do apêndice: -

Corpo: -

Estado de conservação: ruim

Observações: Peça com expressão decorativa plástica.

**ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO PROVENIENTE
DAS ESCAVAÇÕES DA RESTAURAÇÃO DA FONTE DA
CARIOCA**

Dados de identificação: 09

Corte: 04

Nível: 70 – 80 cm

Nº da peça: 10 cm



Desenho sem escala em tamanho real

Quadro de descrição sumária

Medidas em mm

Fornilho: -

Corpo do fornilho: -

Chaminé: -

Porta-boquilha: -

Boquilha: -

Apêndice: -

Furo do apêndice: -

Corpo: -

Estado de conservação: ruim

Observações: -

Peça com expressão decorativa
plástica.

**ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO PROVENIENTE
DAS ESCAVAÇÕES DA RESTAURAÇÃO DA FONTE DA
CARIOCA**

Dados de identificação: 10

Corte: 02

Nível: 140 – 150 cm

Nº da peça: 11



Desenho sem escala em tamanho real

Quadro de descrição sumária

Medidas em mm

Fornilho: -

Corpo do fornilho: -

Chaminé: -

Porta-boquilha: -

Boquilha: -

Apêndice: -

Furo do apêndice: -

Corpo: -

Estado de conservação: ruim

Observações: Peça sem expressão decorativa.

**ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO PROVENIENTE
DAS ESCAVAÇÕES DA RESTAURAÇÃO DA FONTE DA
CARIOCA**

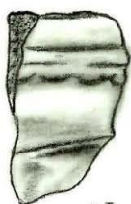
Dados de identificação:

11

Corte: 02

Nível: 50 - 60 cm

Nº da peça: 02



Desenho sem escala em tamanho real

Quadro de descrição sumária

Medidas em mm

Fornilho: 12 mm

Corpo do fornilho: 23 mm

Chaminé: -

Porta-boquilha: -

Boquilha: -

Apêndice: -

Furo do apêndice: -

Corpo: 23 mm

Estado de conservação: ruim

Observações:

Peça com expressão decorativa plástica.

**ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO PROVENIENTE
DAS ESCAVAÇÕES DA RESTAURAÇÃO DA FONTE DA
CARIOCA**

Dados de identificação: 12

Corte: 02

Nível: 140 – 150 cm

Nº da peça: 04 B



Desenho sem escala em tamanho real

Quadro de descrição sumária

Medidas em mm

Fornilho: 17 cm

Corpo do fornilho: 20 mm

Chaminé:

Porta-boquilha:

Boquilha:

Apêndice:

Furo do apêndice:

Corpo:

Estado de conservação:

Observações:

Peça com expressão decorativa plástica.

**ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO PROVENIENTE
DAS ESCAVAÇÕES DA RESTAURAÇÃO DA FONTE DA
CARIOCA**

Dados de identificação: 13

Corte: K

Nível: 60 – 70 cm

Nº da peça: 03



Desenho sem escala em tamanho real

Quadro de descrição sumária

Medidas em mm

Fornilho: -

Corpo do fornilho: -

Chaminé: -

Porta-boquilha: -

Boquilha: -

Apêndice: -

Furo do apêndice: -

Corpo: -

Estado de conservação: regular

Observações: Peça com expressão
decorativa plástica.

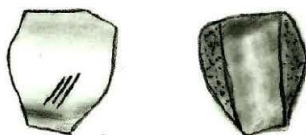
**ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO PROVENIENTE
DAS ESCAVAÇÕES DA RESTAURAÇÃO DA FONTE DA
CARIOCA**

Dados de identificação: 14

Corte: 06

Nível: 40 – 50 cm

Nº da peça: 13



Desenho sem escala em tamanho real

Quadro de descrição sumária

Medidas em mm

Fornilho: 13mm

Corpo do fornilho: -

Chaminé: -

Porta-boquilha: -

Boquilha: -

Apêndice: -

Furo do apêndice: -

Corpo: -

Estado de conservação: ruim

Observações:

Peça com expressão decorativa
plástica.

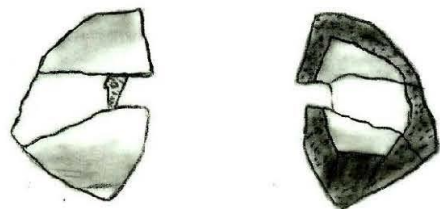
**ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO PROVENIENTE
DAS ESCAVAÇÕES DA RESTAURAÇÃO DA FONTE DA
CARIOCA**

Dados de identificação: 15

Corte: 12

Nível: 40 – 50 cm

Nº da peça: 12



Desenho sem escala em tamanho real

Quadro de descrição sumária

Medidas em mm

Fornilho: -

Corpo do fornilho: -

Chaminé: -

Porta-boquilha: -

Boquilha: -

Apêndice: -

Furo do apêndice: -

Corpo: -

Estado de conservação: ruim

Observações:

Peça com expressão decorativa
pintada.

1664

3.6.11. A Presença de Cariapé B na Cerâmica da Fonte da Carioca

A cerâmica pré-histórica brasileira possui características muito específicas no seu modo de fabricação, uma delas é a inserção na pasta argilosa de elementos de origem orgânica denominados cariapé que contribuem para melhorar o manuseio da argila permitindo diminuir a permeabilidade dos vasilhames (RYE, 1981).

Embora não seja muito comum a presença deste tipo de aditivo na cerâmica de sítios históricos, no material da fonte foram identificados, durante a análise a presença de 6 fragmentos cerâmicos com este tipo de aditivo. Estes fragmentos estavam localizados nas camadas mais profundas, a aproximadamente 190 cm de profundidade.

A cerâmica é um dos produtos tangíveis da cultura humana mais presente nos sítios arqueológicos. Sua manufatura relativamente bem disseminada entre as culturas do mundo, sua qualidade relativamente imperecível, sua persistência através do tempo e sua presença em todos os continentes fez com que esta se tornasse uma ferramenta importante para o arqueólogo em seu estudo sobre o passado (ARNOLD, 1985).

A cerâmica nas suas diferentes formas, representa uma série de escolhas tecno-culturais feitas para atingir um objetivo específico (a produção de um determinado tipo de vasilhame), porém essas escolhas não têm somente um sentido prático e funcional, elas trazem consigo um sentido simbólico, além de representarem conhecimentos adquiridos, processados e transmitidos de geração a geração e são muitas vezes consideradas pelos grupos como a melhor forma possível para atender aos objetivos procurados (BOËDA, 1997).

A cerâmica pré-histórica brasileira possui características muito específicas no seu modo de fabricação, uma delas é a inserção na pasta argilosa de elementos de origem orgânica denominados cariapé que contribuem para melhorar o manuseio da argila muito plástica, reduzem o encolhimento durante a queima e podem diminuir a permeabilidade dos vasilhames (RYE, 1981).

O modo de trabalhar, os elementos escolhidos para adicionar na argila, a forma de queimar, são escolhas culturais feitas pelo grupo, pois existem várias técnicas que permitem chegar a resultados semelhantes.

Esse tipo de aditivo (cariapé) não costuma ser encontrado na cerâmica de sítios históricos, contudo, em alguns fragmentos de cerâmica foram identificados este aditivo que é compreendido como uma escolha técnica usualmente atribuída a grupos indígenas.

Esta evidência abre discussão para possibilidades interpretativas sendo elas: os grupos que se instalaram nas margens do rio para atividade mineratória absorveram estas técnicas dos grupos indígenas por meio do contato e interagiram através de redes de comunicação, ideias e cosmologias; esta área se configura como tendo sido habitada ao mesmo tempo por ambos grupos ou se trata de uma área ocupada antes da chegada dos grupos Europeus.

Embora a historiografia possua inúmeros relatos e documentação da presença destes grupos na região onde foi implantada a cidade, evidências materiais ainda não haviam sido identificadas.

3.7. AS CONTAS DE COLAR

Um importante elemento do sítio arqueológico Fonte da Carioca são as contas de colar identificadas durante as escavações. Por se tratarem de elementos pequenos considera-se que a lavagem do sedimento foi essencial para identificação das 23 contas, conforme gráfico abaixo.

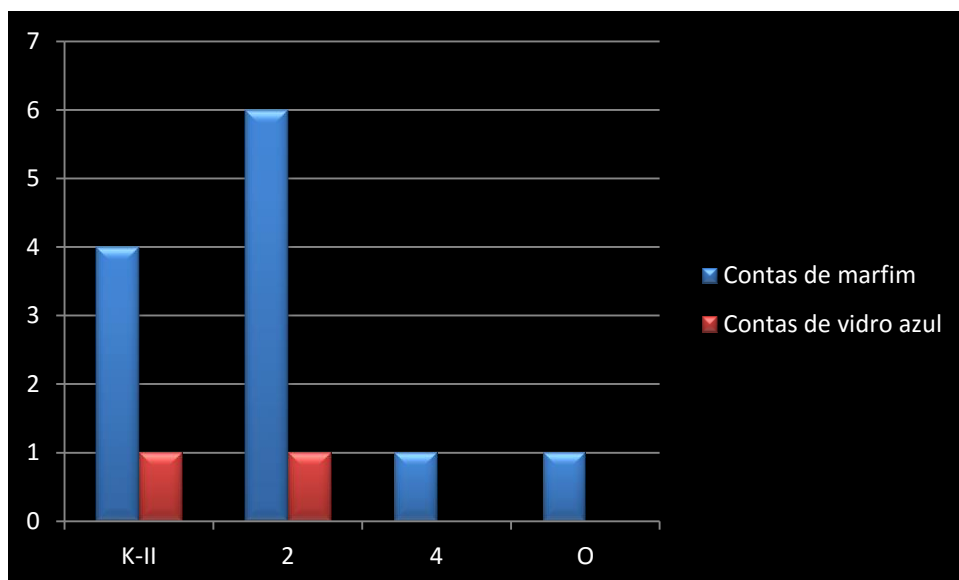


Gráfico 16: Distribuição das contas de colar por corte

Por ser um tipo de artefato muito específico estas foram agrupadas em um mesmo conjunto independente do tipo de matéria prima, na tabela abaixo segue a listagem com a localização de cada conta.

corte		nível	Contas de marfim	Contas de vidro azul
K-II		70 cm	3	1
		60 cm	1	1
2		60 cm	1	
		150 cm		1
		170 cm	5	
4		60 cm	1	
O		60 cm	1	

Tabela 22: Contas de colar

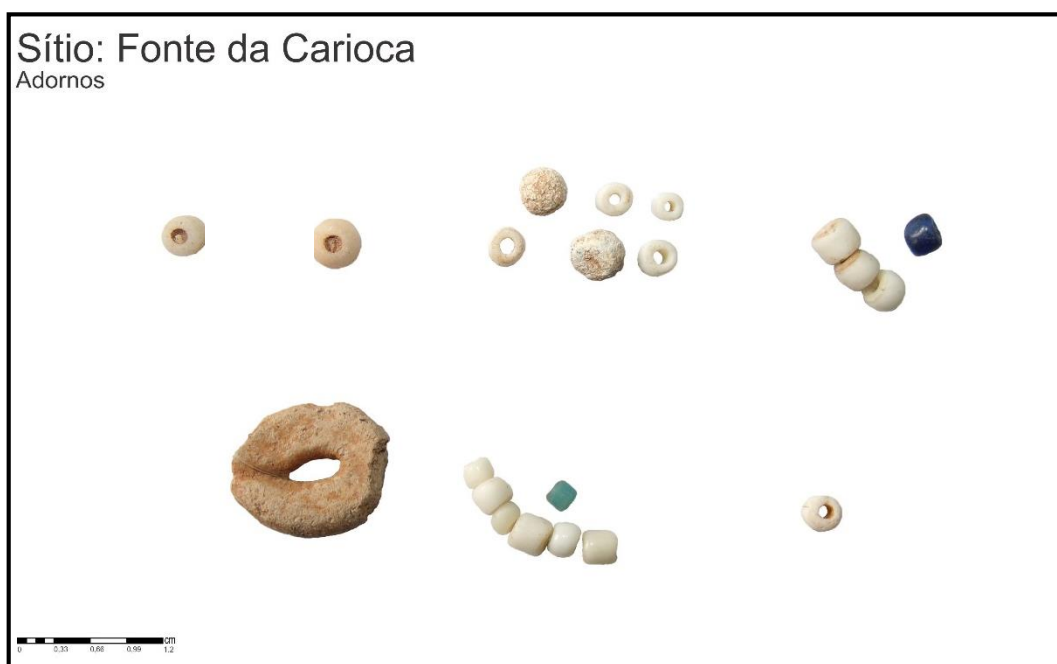


Figura 60: Contas de Colar e adornos

3.8. ENTRE A ESCAVAÇÃO E ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO: AS INFERÊNCIAS POSSÍVEIS

A análise do material arqueológico proveniente das escavações da Fonte da Carioca resultou em dados estatísticos sobre forma de produção, período de ocupação, associação dos refugos com estruturas não móveis entre outras características extrínsecas. Das categorias analisadas, a cerâmica, foi o elemento que forneceu dados mais consistentes para discussões e interpretações sobre o sítio.

Durante a pesquisa de campo foi levantada a possibilidade de existir dois momentos de ocupação mais intensa da área, pois na análise horizontal do corte teste observaram-se modificações na relação de densidade e profundidade demonstradas no gráfico 17.

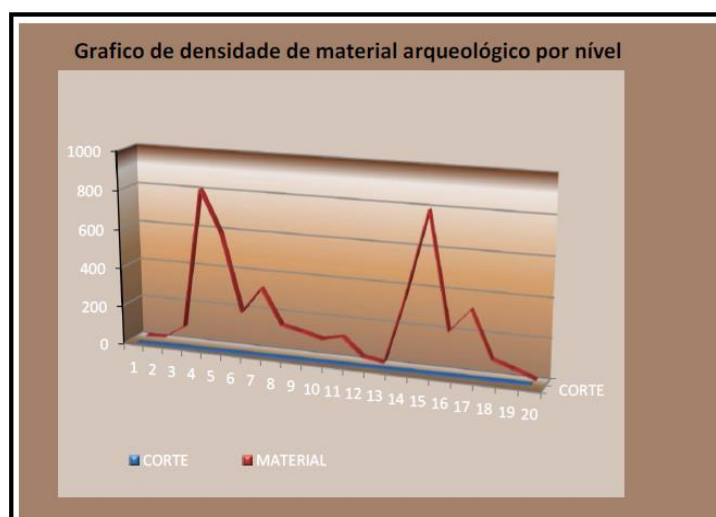


Gráfico 17: Relação de densidade e profundidade do material arqueológico

Conforme pode ser observado, a deposição do material não possui uma distribuição linear na formação do depósito. Até o nível quatro o material arqueológico encontra-se associado a estrutura 1 neste caso considera-se pelas características como sendo refugo de fato.

O sedimento retirado abaixo da linha de sedimentação da estrutura 1 apresenta uma densidade alta de fragmentos, observa-se que neste caso ocorreu uma grande variação em termos quantitativos, e uma significativa modificação na camada estratigráfica.

Entre os níveis 4 e 6 a densidade do material diminui também de forma drástica ganhando na sequência um novo pico entre os níveis 7 e 8 e posteriormente uma queda progressiva até o nível 13. A partir do nível 14 um novo pico é identificado, seguido por uma queda e posteriormente um novo pico, assim como na sequência anterior.

Estes dados quantitativos já apresentados anteriormente associados as informações estratigráficas e a comparação do material arqueológico levanta a possibilidade de se ter sedimento da camada 14 entre os níveis 4 e 8.

Durante a escavação foi possível observar que abaixo da estrutura havia um pacote deposicional com grande quantidade de material arqueológico e que este se encontrava desestruturado e muito fragmentado. Outro ponto importante é que na camada que está entre os níveis 4 e 9 existe a predominância da categoria cerâmica com poucos exemplares de vidros, louças, metal e ossos.

Ainda observou-se que na baixa densidade de louça os exemplares eram de categorias com faixas cronológicas bem recuadas. A análise da coleção do sítio com aplicação da fórmula de datação aponta para uma cronologia de 1831, se considerarmos somente o material do corte teste esta data tem recuo temporal maior.

Outra característica importante foi a quantidade de fragmentos de laje e rocha, desordenadas que saíram no momento da escavação, mas que não tinham qualquer tipo de conexão entre elas.

A análise do material cerâmico trazem resultados que corroboram com as hipóteses levantadas. As combinações de elementos analíticos e dispersão horizontal, a relação de densidade e profundidade do material cerâmico analisado apresenta um padrão muito semelhante ao do gráfico 18, com dois picos aproximadamente nos mesmos níveis (gráfico 18). É importante ressaltar que ambos os gráficos são referentes ao material proveniente do corte teste, ou seja, o corte 2.

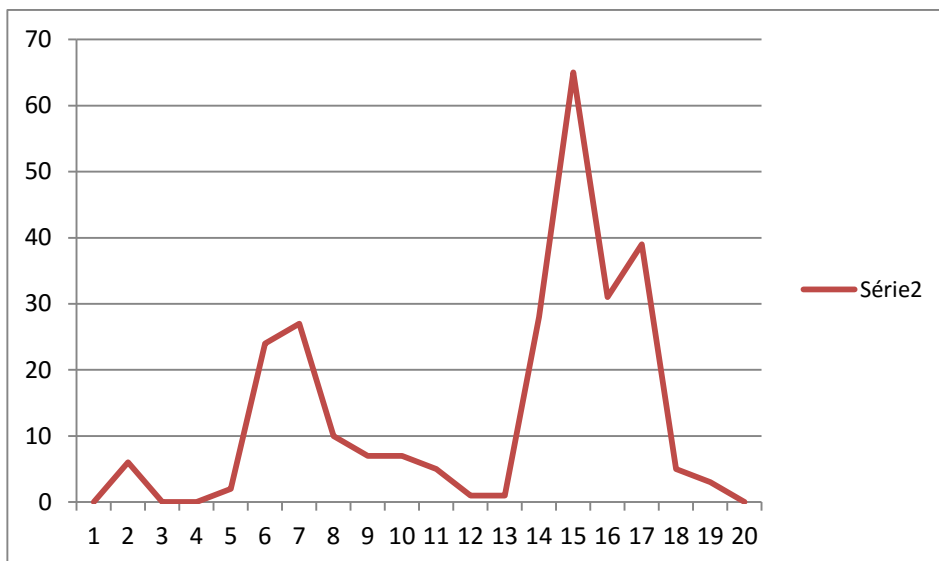


Gráfico 18: Densidade do material cerâmico analisado em relação à profundidade.

No gráfico 19 é possível observar dois picos que culminam respectivamente nos níveis 7 e 14, ao compararmos os atributos da cerâmica destes dois níveis foi possível observar que possuem características predominantes que se repetem, como tratamento de superfície alisado, queima oxidante e a espessura dos fragmentos de aproximadamente 7 mm que é bastante expressiva nos dois níveis.

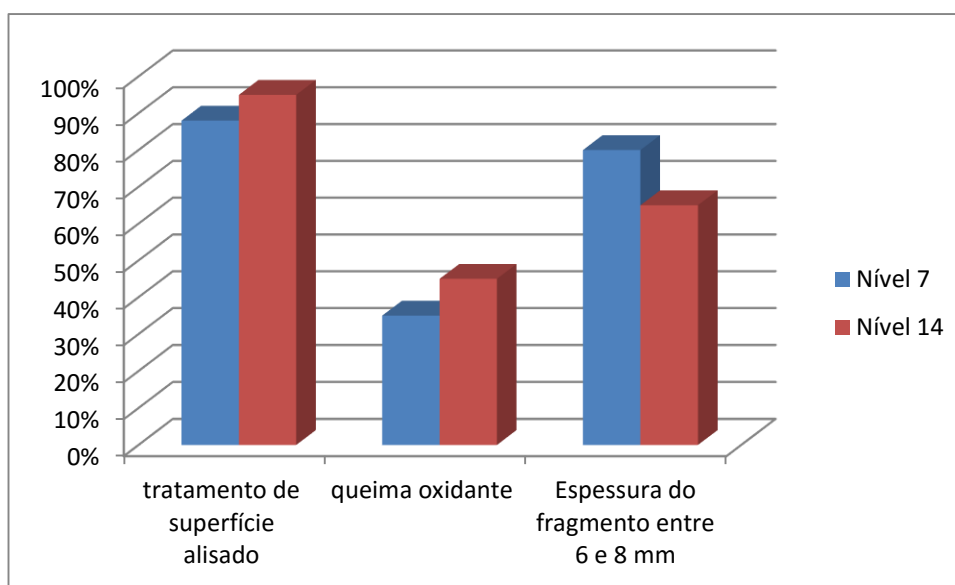


Gráfico 19: Comparação entre os picos no corte 2.

Estes resultados corroboram com a possibilidade anteriormente mencionada de se ter sedimento da camada 14 entre os níveis 4 e 8.

A análise comparativa do material arqueológico, principalmente o cerâmico, demonstrou recorrências que contribuem para fundamentação da hipótese levantada

de que entre os níveis 4 e 9 o depósito foi formado por processo de remoção de sedimento da camada que está localizada a partir do nível 14. Neste caso infere-se que no momento de construção do monumento o sedimento retirado da área que forma o interior da fonte, tenha sido removido para a lateral formando este grande pacote.

Da mesma forma a análise do material dos níveis 9 e 13 são camadas com baixa densidade de material arqueológico que apresentam semelhanças entre si e caracterizam-se como um tipo de depósito da camada superior e inferior.

Podemos considerar que entre os 14 e 20 formam um único pacote, pois o material analisado apresenta semelhança entre si, sendo assim vale observar que a partir do nível 18 o depósito arqueológico estava abaixo da base atual da fonte (cota fonte 368/cota da base da sondagem 374). O que reforça a existência de uma camada referente a outras atividades não vinculadas a fonte.

Os pontos levantados com a análise do material arqueológico associado ao contexto de escavação, embasa aqui a leitura da formação do sítio. Por meio da análise dos atributos associados à análise espacial vertical comparativa dos mesmos compreendo que na área trabalhada existia uma ocupação anterior a construção da fonte.

Neste sentido a data de construção do monumento serve como marco cronológico para este depósito. Para melhor compreensão deste processo de formação do sítio e da localização dos artefatos segue uma sequência de desenhos que tem como objetivo demonstrar as modificações antrópicas promovidas neste local.

Coloco ainda que cada interferência se configura como um processo de apropriação do espaço e transformação do lugar, adequando este aos interesses individuais e coletivos de um grupo que estabelece conexões que vinculam a fonte da carioca ao cotidiano, deixando marcas materiais de distintas trajetórias.



Figura 61: Representação da ocupação do espaço. Desenho Fernando Lopes



Figura 62: Representação da ocupação do espaço. Desenho Fernando Lopes

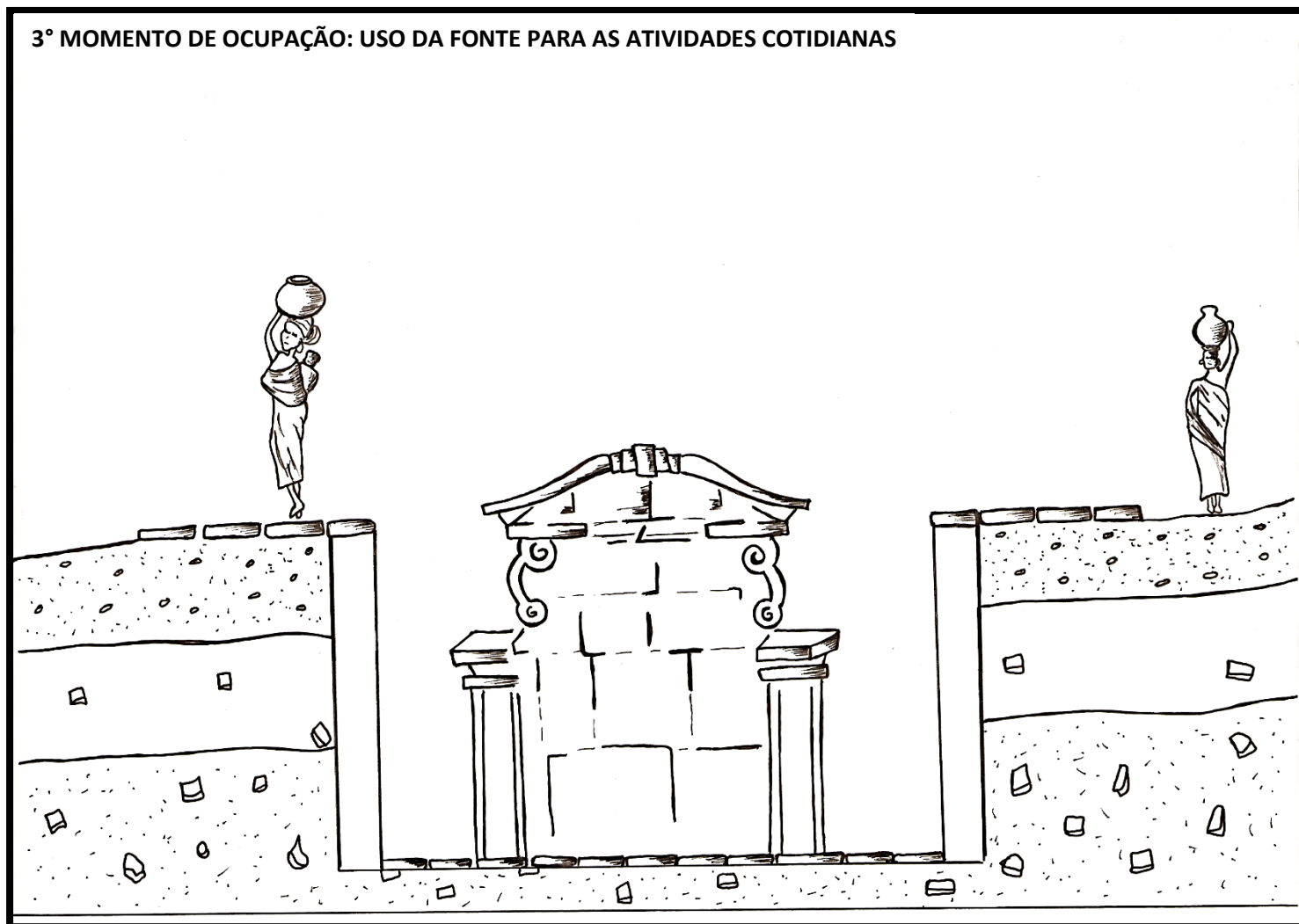


Figura 63: Representação da ocupação do espaço. Desenho Fernando Lopes



Figura 64: Representação da ocupação do espaço. Desenho Fernando Lopes

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme pode ser observado na representação o contexto arqueológico não é estático, sendo que a leitura das camadas se configuram como uma ordenação de signos que precisam ser decifrados, é necessário ter sempre como fio condutor a concepção de que nossas colocações são inferências compartimentadas de um contexto vivo que foi aos poucos se transformando no que convencionamos chamar de contexto arqueológico.

Sobre esta questão GALLAY (1986) coloca que existem níveis de perda de informações que jamais poderão ser recuperadas, estas subtrações passam pelos seguintes níveis: abandono dos objetos pela sociedade que os utilizou, processos deposicionais de ordem natural e antrópica e a forma como se direciona a escavação e o que vai ser analisado do que escavamos.

Ainda conforme Gallay, para apreender as transformações que os objetos sofrem no contexto arqueológico é necessária a ordenação referente a tempo e espaço e também as mudanças ocorridas na formação do depósito, assim, uma interpretação das distribuições espaciais plausível depende de uma descrição objetiva e da identificação de padrões que permitam associação com hipóteses e teorias sobre o tema.

Mesmo que os dados primários sejam confiáveis e que as interpretações estejam bem respaldadas teoricamente uma interpretação nunca é um espelho da verdade, é sempre um exercício hermenêutico que não é impune às influências pessoais de seu autor. Segundo Certeau (1982) não existem considerações, mesmo que se pautem na ilusória segurança das generalizações, que sejam capazes de superar as particularidades de seu contexto e lugar de origem.

O trabalho teórico se desempenha na relação entre dois polos extremos contidos na operação historiográfica como um todo. Um deles é a construção de modelos e o outro é a atribuição de significado aos resultados obtidos ao final das combinações informáticas (CERTEAU, 1982).

Considero que a escavação e a análise do material arqueológico da Fonte da Carioca proporcionou a leitura de configuração do espaço em lugar de

significação, também veio a contribuir para ordenação de documentação massiva com relação a cultura material, que associada a documentação escrita traz uma abordagem para este espaço que teve a sua história atribuída aos mitos e lendas. Desta forma o exercício deste trabalho foi principalmente vincular a Fonte e seus espaços a historiografia, buscando contribuir para a compreensão histórica elementos não identificados na documentação oficial.

O contexto arqueológico veio corroborar com as problemáticas levantadas a cerca da importância deste local no núcleo Urbano de Vila Boa. A área trabalhada sofreu constantes modificações, adaptações e remodelações no decorrer dos séculos XVIII, XIX e XX, demonstrando que o uso de um espaço, e transformação deste em lugares podem ser compreendidos dentro de um processo dinâmico de vinculação a lugares significantes.

Os elementos tanto de ordem antrópica como natural foram compreendidos nesta leitura como parte integrante da cultura material, considerando que a forma de apropriação do espaço, a criação dos lugares, seja no início da ocupação ou nos dias atuais, são carregadas de significados.

Considero também que as ordenações aplicadas vinham de uma realidade distinta, mas não desprovida de apropriações conceituais, que necessitavam de um espaço físico e para reconstrução de um lugar no qual os indivíduos pudessem se reconhecer. Assim temos a desconstrução de uma dada realidade, reapropriação associadas ao universo construído coletivamente ao longo dos anos e logo a reconstrução do lugar, bem como, de novos referenciais de identificação.

Um lugar que se mantém em pleno funcionamento desde o século XVIII, tem impresso tanto no contexto da escavação como na paisagem suas realidades e seus anseios, que são sucessivamente reconstruídos e se encontra aberto para novas manifestações culturais.

A formação do contexto arqueológico é tão dinâmico como o estabelecimento das redes sociais, pois em um curto espaço de tempo as assinaturas antrópicas deixadas por um evento, podem ser modificadas para que outros traços sejam gravados naquela configuração.

Impossível seria pensar todas estas questões desvinculadas às várias esferas que compõe uma organização social, pois tudo gira em torno das construções coletivas, que estão associadas às memórias, que estão ligadas as representações, ao imaginário, às identidades, aos discursos, enfim, tudo se configura como uma engrenagem em que todos estes conceitos levam à reflexões do dia-dia de um povo e da forma como ele se relaciona com os bens culturais.

Percorrer os espaços da cidade significa por meio da percepção pensar a dinâmica de construção dos lugares e em Vila Boa isso não é diferente. O desenhar do rio vermelho que divide a cidade também traz nos seus contornos fragmentos de um povo que se apropria e resignifica os lugares, imprimindo suas marcas, histórias e trajetórias na paisagem, na arquitetura, nos elementos imateriais, e nos contextos arqueológicos.

REFERÊNCIAS

ARNOLD, D. E. **Ceramic The Oryand Cultural Process**. Cambridge University Press. Cambridge, 1985.

BAKHTIN, M. M. **The Dialogic Imagination: four essays**. In: _____. Austin, TX: University of Texas Press, 1981.

BARBO, L. C. **A Aplicação do Geoprocessamento na Reabilitação das Estradas Coloniais do Planalto Central nos Limites do Atual Distrito Federal**. Monografia (Especialização em Reabilitação Ambiental, Sustentável, Arquitetônica e Urbanística – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UnB). Brasília: DF, 2009.

BERTRAN, P. **Notícia Geral da Capitania de Goiás em 1783**. Goiânia: Solo Editores, 1997.

BOËDA, E. **Technogenèse de Systèmes de Production Lithique au Paléo Lithique Inférieur et Moyen en Europe Occidentale et au Proche Orient**. Habilitation à diriger des recherches (antigo doutorado de estado), Nanterre: Université Paris X, 2vols, 1997.

BURKE, P. **A Escola dos Annales (1929-1989)**. Unesp: SP, 1997.

CEREZER, J. F. **Cerâmica Guarani: manual de experimentação arqueológica**. Ed. Habilis. Erechin: RS, 2011.

CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

COELHO, G. N. **A Formação do Espaço Urbano nas Vilas do Ouro: o caso de Vila Boa** (Dissertação de Mestrado – Pós-Graduação em História das Sociedades Agrárias da UFG). Goiânia: GO, 1997.

_____, **Guia dos Bens Imóveis Tombados em Goiás**. Trilhar Urbana, 2001.

CONTI, J. B. Ecoturismo: Paisagem e Geografia. IN: RODRIGUES, A. B.(org.). **Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites**. São Paulo: Contexto, 2003.

CRESSEY, Pamela J.; STEPHEN, John F.; SHEPARD, J. F.; MAGID, B.H. The Core-Periphery Relationship and the Archaeological Record in Alexandria, Virginia. In: DICKENS, Jr. & ROY, S. (eds.). **Archaeology of Urban America**. New York, London: Academic Press, pp.143-173. 1982.

DAMATTA, R. Para uma Antropologia da Tradição Brasileira. In: **Conta de Mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1983.

DANTAS, C. L. **Relatório Final de Monitoramento e Salvamento Arqueológico na Obra de Restauração da Fonte da Carioca Cidade de Goiás-GO**. Relatório Técnico. Goiânia, 2012.

_____, **O Caminho que Leva ao Corrente: sítio arqueológico Cachoeira do Corrente**. In: Revista Habitus, 2011.

DEAGAN, K. A. **Spanish St Augustine: the archaeology of a colonial creole community**. New York: Academic Press, 1987.

DEETZ, J. **In Small Things Forgotten**. Nova York: Anchoor Books, 1996.

FACCIO, N. B; BACI I. M. Cachimbo Guarani do Sítio Arqueológico Macaco. In: **Revista Tópos**. V. 2 n. 2, pp. 36 – 49, 2009.

FERRO, M. I. T. **Percurso de Patrimônio na Percepção da Paisagem**. (Relatório de Final de Curso – Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia). Lisboa, 2004.

FUNARI, P. P. A. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 1988.

GALLAY, A. **L'archéologie Demain**. Pierre Belford, 1986.

GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS (GO). Governo Estadual. Disponível em: <http://www.goias.gov.br/paginas/conheca-goias/povo-goiano/indigenas>. Acesso em: dezembro de 2013.

GRANDO, R. L. S. C. **O Momento de Plantar e o Momento de Colher: estudo etnoecológico na Vila Forte – Vão do Paranã – Goiás**. Brasília, 2007.

HARRINGTON, J. C. Archaeology as na Auxiliary Science of American History. In: **American Anthropologist**, v. 57, n. 6, p. 1121-1130, 1955.

HODDER, I. [1988]. **Interpretación en Arqueología**: corrientes actuales. Edición ampliada y puesta al día. Barcelona: Crítica, [1988] 1999.

JOHNSON, M. **Teoría Arqueológica**: uma introducción. Editora Ariel, S.A. Barcelona, 2000.

JULIANI, L. J. C. O. **Gestão Arqueológica em Metr6poles**: uma proposta para São Paulo. Dissertação de Mestrado (Universidade de São Paulo – USP), São Paulo, 1996.

KERN, A. A. Escavações Arqueológicas na Missão Jesuítico-Guarani de São Lourenço Mártir (RS-Brasil). In: **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, PUCRS, v. XV, n. 1, p. 111-143, 1989a.

Kersten, M. S. D. A. (2000). **Os Rituais do Tombamento e a Escrita da História**: bens tombados no Paraná entre 1938-1990. Paraná: Editora UFPR, 2000.

LA SALVIA, F; BROCHADO, J. P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

LE GOFF, J. **A Nova História**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LEMOS, C. **O que Patrimônio Histórico**. São Paulo: Editora Brasiliense: 1981.

LIMA, E. R. **Guia Afetivo da Cidade de Goiás**. In: IPHAN. Brasília, 2008.

LIMA, T. A. A Tralha Doméstica em Meados do Século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro. In: IV REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. **Anais**. Dédalo, publicações avulsas, n. 1, São Paulo, p.175-79, 1989.

_____, Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Ciências Humanas, 6(1), 11-23, 2011.

MALHANO, M. **Da Materialização à Legitimação do Passado**: a monumentalidade como metáfora do Estado – 1920-1945. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

MARTINS, G. R. Avaliação de Impactos Arqueológicos de Empreendimentos Regionais e Medidas Mitigadoras Aplicáveis. In: **Atas do Simpósio sobre Política Nacional do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural**. Goiânia: IGPA/UCG, 1997.

MÂTUA, A. A.; MELO C.; PIRES I.; MONTERIRO J. P.; ESTEVES L.; HENRRQUES P.; CAMPO T. Normas de Inventário da Cerâmica: artes plásticas e artes decorativas. In: **Institutos dos Museus e da Conservação**. Portugal, 2007.

NAJJAR, R. **Arqueologia Histórica**: manual. IPHAN, 2005.

NASCIMENTO, C. B.; NASCIMENTO, C. B. D. **Múltiplos Olhares Sobre a Presença Negra na Lapa – Paraná**: história e arqueologia (século XIX e XX). Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com área de Concentração em História das Sociedades Ibero-americanas). Porto Alegre, 2009.

OLIVEIRA, H. A. **A Construção da Riqueza no Sul de Goiás 1835 - 1810**. Tese de Doutorado em História pela Universidade Paulista Júlio Mesquita Filho. Franca, 2006.

ORSER, C. E.; FAGAN, B. M. **Historical Archaeology**, New York: Ed. Harper Collins, 1995.

PALACÍN, L. **O Século do Ouro em Goiás**. Goiânia: Ed. UCG, 2001.

POSSAMAI, Z. R. O Patrimônio em Construção e o Conhecimento Histórico. In: **Revista Ciências e Letras**, v. 25, n. 27, 2000.

ROCHA, L. M; MORAES, C. C. P. P.; WÜST, I. **Atlas Histórico**: Goiás pré-colonial e colonial. Goiânia: CECAB, 2001.

RUBERTONE, P. Historical Landscapes: archaeology of place and space. In: **Man in the Northeast**, v. 31, pp. 123-138, 1986.

RYE, O. S. **Pottery Technology: principles on reconstruction**. Australian National University. Washington, 1981.

SANTOS, J. D. **Memorial Descritivo do Projeto Básico Consolidado da Pequena Central Hidrelétrica Fazenda Velha, Energética Fazenda Velha S/A**. Goiânia, 2011.

SCATAMACCHIA, M. C. M. Proposta de Terminologia para a Descrição e Classificação da Cerâmica Arqueológica dos Grupos Pertencentes à Família Linguística Tupi-Guarani. In: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnografia**, São Paulo, 2014: 291 – 307.

SCHIFER, M. Archaeological Context and Systemic Context. In: **American Antiquity**, vol. 37(2). 1972.

_____, **Archaeological Formation Process**. Arizona: University Press, 1987.

SCHMITZ, P. I. et al. Arqueologia do Centro-Sul de Goiás - uma fronteira de horticultores indígenas no centro do Brasil. In: **Pesquisas, Antropologia**, vol. 33. São Leopoldo: IAP/Unisinos, 1982.

SEPLAN (GO). **Governo do Estado de Goiás**. 2013. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br>. Acesso em: 11 de dezembro de 2013.

SHEPARD, A. O. **Ceramics for the archaeologist**. Washington, D.C.: Carnegie Institution of Washington, 1963.

SIMONI, R.C.S. **Projeto de Musealização de sítios arqueológicos a céu aberto na Cidade de Goiás, Projeto de Restauração da Fonte da Carioca: A Pesquisa Histórica**. Cidade de Goiás 2013.

SOARES, F. C. **Vida Material de Desterro no Século XIX: as louças do Palácio do Governo de Santa Catarina, Brasil**, 2014.

SOUZA, M. A. T. **Ouro Fino: arqueologia histórica de um arraial de mineração no Século XVIII em Goiás**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás (UFG), 2000.

SOUZA, M.L. Projeto Beira Rio - Monitoramento e Resgate do Patrimônio Cultural Arqueológico 2010.16

SOUZA, M. de L., DAHER, O. Estrada do Nascente: trilhas e caminhos de Vila Boa Colonial. Monumenta. 2005.

Souza, M. L. **Projeto Estrada do Nascente**: trilhas e caminhos de Vila Boa de Goiás. Goiás, 2005.

SYMANSK, L. C. P.; GOMES, D. M. C. Mundos Mesclados, Espaços Segregados: cultura material, mestiçagem e segmentação no sítio Aldeia em Santarém (PA). In: **Anuais do Museu Paulista**. São Paulo, vol. 20, nº 2. pp. 53- 90. Jul – dez. 2012.

TOCCHETO, F., et al. **A Faiança Fina em Porto Alegre**: vestígios arqueológicos de uma cidade. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 2001.

VIANA, S. A. Análise Espacial Intra-sítio: o estudo do sítio Lourenço (GO -CA-14). In: **Revista de Arqueologia**, (Belém), Rio de Janeiro, v. 9, p. 65-87, 1996.

WUST, I. As Aldeias dos Agricultores Ceramistas do Centro-Oeste Brasileiro. In: C Tenório. (Org.): **Pré-história da Terra Brasilis**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

ZARANKIN. **Paredes que Domesticam**: arqueologia da arquitetura escolar capitalista – o caso de Buenos Aires. Campinas: CHAA-UNICAMP/FAPESP, 2002.